



SÉRIE
ESPADA DO
ESPÍRITO

OUVINDO A DEUS

DISCERNINDO SUA VOZ HOJE

COLIN DYE

Ouvindo Deus

Série a Espada do Espírito

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

www.swordofthespirit.co.uk

Copyright © 2015 by Colin Dye
Segunda edição
Kensington Temple
KT Summit House
100 Hanger Lane
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2ª. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.
Supervisor de tradução: João Guimarães
Tradução: Vera Jordan
Revisão: Edna Batista Guimarães
Diagramação: Rafael Alvares - alvaresdesign.com.br

Espada do Espírito

Ouvindo Deus



Colin Dye

Sumário

Introdução		7
01	<i>O ouvir profético</i>	11
02	<i>O Deus comunicador</i>	21
03	<i>A Palavra de Deus</i>	41
04	<i>A vontade de Deus</i>	57
05	<i>O ouvir profético no Antigo Testamento</i>	71
06	<i>O ouvir profético no Novo Testamento</i>	85
07	<i>O ouvir profético hoje</i>	105
08	<i>A revelação que julga</i>	125
09	<i>Desenvolvendo o ouvir profético</i>	141

Introdução

A maior parte dos cultos nas igrejas parece repleta de fala e cantoria de homens. As pessoas parecem se reunir para falar com Deus em oração e ações de graça, para louvá-Lo com hinos e cânticos espirituais, para falar a respeito Dele nas orações e para ouvir pregações de homens. Ouvir Deus geralmente tem uma prioridade menor do que falar com Ele e cantar a respeito Dele.

Há algumas razões óbvias para isso: por exemplo, a maioria dos crentes gosta realmente de cantar; acha relativamente fácil orar; e desde a infância foi acostumada a ouvir as pessoas ensinarem. Em contrapartida, os homens e mulheres de hoje se sentem cada vez mais incomodados com qualquer forma de silêncio e acham um tanto estranha a ideia de realmente ouvir Deus.

Muitas congregações ficariam aturdidas se seus líderes anunciassem que iriam passar os próximos vinte minutos ouvindo Deus – as pessoas simplesmente não saberiam o que fazer.

Por outro lado, na década passada houve um aumento considerável no número de cristãos afirmando ouvir Deus falar-lhes pessoalmente. A frase ‘Deus me falou’ certamente deve ser uma das expressões mais ouvidas hoje em dia em muitas igrejas contemporâneas.

Contudo, alguns dos crentes que assim afirmam acham difícil explicar como ouviram Deus falar com eles, e também não foram ensinados a lidar com as palavras que ouviram.

Ouvir o Deus Todo-Poderoso deve ser essencial à vida de fé

e a cada forma de culto espiritual. Se não recebermos a direção de Deus não podemos obedecê-Lo; se não soubermos como reconhecer a Sua voz, podemos ser levados a nos afastar; se não soubermos como fazer a prova de uma revelação, poderemos agir de forma tola e se raramente ouvirmos Deus de modo consciente, nosso relacionamento com Ele estará fadado a ser distante e superficial.

Este é um livro para crentes que estão dispostos a deixar de lado as suas ideias preconcebidas acerca de ouvir Deus e ansiosos para estudar a Sua Palavra, a fim de descobrir Sua revelação acerca dessa questão. Precisamos descobrir o que as Escrituras ensinam com relação ao modo como Deus se comunica com o Seu povo e – especialmente – o que a Bíblia revela do modo que deveríamos reconhecer e manejar as palavras de Deus.

Há material extra disponível para facilitar seu aprendizado, e este material pode ser encontrado no respectivo Livro do Aluno – A Espada do Espírito no site www.swordofthespirit.co.uk. Há um manual para estudo complementar para cada capítulo, com Perguntas para discussão e Testes Rápidos. Após se inscrever para este módulo no site, você poderá ter acesso a mais testes e exames. Também há uma Webtool (o livro texto com links inseridos para referências bíblicas), e ensino abrangente em áudio e vídeo. O uso desses materiais extras lhe ajudará a testar, reter e aplicar o conhecimento que adquiriu neste livro.

Você também poderá usar o Livro do Aluno com pequenos grupos. Você poderá selecionar, mediante oração, as partes que achar mais relevantes para o seu grupo. Isso significa que, em algumas reuniões você poderia usar todo o material, enquanto que em outras, somente uma pequena parte dele. Por favor, use o bom senso e o discernimento espiritual. Sinta-se à vontade para tirar cópias das páginas e distribuí-las a qualquer grupo que você estiver liderando.

Quando terminar este volume, minha oração é que você entenda melhor o propósito de Deus em falar, o processo pelo qual Ele fala e os princípios bíblicos envolvidos ao se lidar com

revelação. Em especial, oro para que você venha a conhecer a Sua Santa voz, desenvolva um coração que ouve, e esteja pronto para agir conforme as palavras Dele.

Colin Dye

Parte Um

O Ouvir Profético

Cada livro desta série *A Espada do Espírito* enfatiza a importância de ouvir o Deus vivo.

Por exemplo, no volume *Conhecendo Deus, Conhecendo o Filho e Conhecendo o Espírito*, observamos que Deus está nos chamando continuamente a um relacionamento mais profundo, mais íntimo, mais pessoal com Ele – a uma parceria face a face, que se caracteriza por fé mútua, amor, compromisso e comunicação.

Ele nos ouve e nós O ouvimos; Ele fala conosco e nós falamos com Ele; Ele Se dá a nós e nós nos damos a Ele. Se não nos mantivermos ouvindo Deus, talvez possamos até vir a conhecer o Deus trino de modo proposicional, porém, jamais conheceremos o Pai, o Filho e o Espírito de forma pessoal e relacional.

No volume *Fé Viva*, nós examinamos o elo vital entre ouvirmos a Palavra de Deus e a chegada da fé em Deus. Sua fé viva é plantada em nós quando ouvimos a Sua Palavra e a recebemos profundamente em nossos espíritos. À medida que continuamos ouvindo a Palavra de Deus – e conforme continuamos crendo nela, confessando-a e agindo em conformidade com ela – a fé viva de Deus se torna a nossa fé e se desenvolve rumo à maturidade. Se não nos mantivermos ouvindo Deus, se não estivermos continuamente alertas à Sua vontade e Palavra, se não tivermos sempre em sintonia com o Seu Espírito, não seremos capazes de viver a vida de fé à qual fomos chamados.

No volume *Oração Eficaz*, vemos que orar com eficácia é um processo de duas mãos, que inclui ouvir Deus para descobrir a

lógica geral de Sua vontade e em seguida orar firmando-se em Sua vontade revelada, a fim de ver os Seus propósitos estabelecidos. A oração tem mais a ver com nos alinharmos à vontade e propósito de Deus do que Lhe apresentar as nossas ideias – logo, devemos procurar receber a revelação de Deus antes de orar.

No volume *Ministério no Espírito*, reconhecemos que o serviço cristão eficaz depende de cristãos ouvirem Deus, a fim de receberem instruções e direcionamentos pessoais. Toda vez que falamos ou agimos sem primeiro ouvir a Palavra de Deus, nós ministramos com presunção. Desenvolvemos o nosso ministério em vez de *Seu* ministério; ministramos na carne em vez de ministrar no Espírito.

No volume *O Governo de Deus*, vemos que a vinda do Reino de Deus em Cristo e com Cristo significa que a era de *obediência legalista* às regras e regulamentos do Antigo Testamento – inclusive os Dez Mandamentos – já acabou. O advento do Reino de Deus é a vinda, em Cristo e por meio Dele, do governo pessoal do Pai: Seus filhos redimidos são chamados a uma vida de *obediência ao evangelho* – que é uma obediência pessoal, divinamente capacitada, à vontade específica de Deus em cada circunstância e situação.

Antes da vinda de Cristo era possível se conhecer os requisitos legais de Deus conhecendo-se a Lei de Moisés. Desde Cristo, é possível se conhecer o governo pessoal e específico de Deus somente ouvindo com atenção o próprio Deus, no Espírito, ouvindo a Sua vontade e a Sua Palavra. Quando, em nossos dias, a Igreja ou um crente deixa de ouvir Deus, é quase inevitável que eles se deixem levar pela licenciosidade ou legalismo.

O processo do ouvir

Um dos blefes mais comuns do inimigo é fazer que os crentes pensem, equivocadamente, que muitos dos itens mais importantes da vida cristã sejam eventos específicos, em vez de processos contínuos.

A grande verdade de que a morte expiatória de Cristo foi conclusiva não significa que cada aspecto de nossa fé seja um

evento ‘único’ semelhante. Por exemplo, percebemos no volume *Salvação pela Graça* que a conversão é um processo; no volume *Fé Viva*, focamos o processo da fé; e nos volumes *Conhecendo o Espírito* e *Ministério no Espírito*, definimos que a concessão de graça e dons espirituais é uma instrumentalização contínua e constante.

O mesmo ocorre com o ouvir Deus. O diabo tenta enganar os crentes, sugerindo uma variedade de mentiras – muitas das quais se apoiam na ideia de que ouvir Deus é uma ação eventual, em vez de uma atividade que dura a vida toda.

O diabo sugere, por exemplo, que se Deus tem uma mensagem, Ele é tão capaz de anunciá-la de modo audível e claro que ela penetrará em nossa consciência independente do que estivermos fazendo. A sugestão demoníaca é que não precisamos ouvir Deus, porque Ele sempre nos fará ouvi-Lo quando tiver algo a dizer.

E o diabo nos incita a pensar que Deus é ocupado demais, ou relutante demais, ou santo demais para falar conosco – e que precisamos implorar para que fale conosco. Ele sugere que, se pedirmos a Deus durante um tempo suficiente, Ele poderá – apenas de vez em quando – dignar-Se a falar conosco. Ele infere que Deus fala conosco apenas raramente, e que, portanto, o ouvir é um evento fortuito em vez de uma atividade incessante. Seu objetivo diabólico é evitar que ouçamos, persuadindo-nos a suplicar, desnecessariamente, que Deus fale.

Este livro se refere muitas vezes ao *ouvir profético*. Isso não quer dizer que há diversas formas diferentes de ouvir, das quais o ‘ouvir profético’ seja apenas uma. Em vez disso, a frase ‘ouvir profético’ é simplesmente um jeito simples de enfatizar que ouvir Deus é um processo e que também faz parte de um processo profético mais amplo.

Por exemplo, ouvir Deus é:

- Ativo e não passivo – não ouvimos Deus como ouvimos uma música – para se distrair. Em vez disso, nós O ouvimos como um piloto em treinamento ouve o seu instrutor – para ser direcionado.

- Relacional e não funcional – não ouvimos Deus como ouvimos o operador de um programa de ajuda por telefone, o qual é útil, porém, anônimo; nós O ouvimos como os filhos ouvem seus pais.
- Continuamente e não eventualmente – não ouvimos Deus como ouvimos rádio, do jeito e na hora que quisermos, ao contrário, nós O ouvimos continuamente: nós *ouvimos* Deus. Nós não *tentamos* ouvi-Lo.
- Fundamentado no profético – ouvimos Deus como os profetas do passado, num relacionamento íntimo, ungido, de servo, pronto para agir conforme Suas palavras.

O ouvir profético

As palavras ‘profeta’, ‘profecia’, ‘profetizar’ e ‘profético’ derivam das palavras gregas pro, ‘adiante’, e phemi, ‘falar’. Elas significam o ‘falar adiante’ da mente e do conselho *de Deus*.

A frase ‘ouvir profético’ não aponta apenas para o lugar do ouvir no processo profético, ela também enfatiza o fato de que estamos ouvindo o ‘falar adiante’ da mente e do conselho de Deus.

O ouvir profético não é um ouvir geral e físico dos sons que podemos ouvir; é uma concentração espiritual, pela fé, na mente e no conselho de Deus, em Sua Palavra revelada e Sua vontade. Embora este livro busque oferecer um pouco de direção prática e princípios bíblicos a respeito do modo que ouvimos Deus, o foco do começo ao fim é a Sua fala – o modo que Ele comunica Sua santa Palavra e vontade.

Isso quer dizer que o ouvir profético não é um ouvir para silenciar, nem um esperar em silêncio para Deus falar. Ao contrário, é um ouvir – de modo espiritual e ativo – o Deus que está sempre se comunicando.

Esta série *A Espada do Espírito* enfatiza constantemente o chamado profético do povo de Deus e destaca a importância de desenvolver a fé e doutrina com base em um entendimento preciso do Antigo Testamento.

Em toda a série, aprendemos que deveríamos depender totalmente da unção do Espírito e viver em parceria legítima com

Ele; e com frequência percebemos que os profetas do Antigo Testamento são fundamentais para a nossa compreensão de fé e ministério.

Neste livro, analisamos ainda com mais profundidade os profetas do Antigo Testamento e da igreja primitiva – para aprender com eles acerca de ouvir Deus e ver como nosso ouvir ‘profético’

O ouvir profético deveria ser aplicado na igreja de hoje. Nós analisamos os profetas nas Partes Cinco e Seis e nas Partes Sete e Nove a aplicação profética do nosso ouvir.

Valorizando o processo de ouvir

Nas Partes Dois a Nove estudamos aspectos diferentes do processo do ouvir profético. Analisamos o Deus que fala, as maneiras que Ele fala e o Seu propósito em falar; observamos como os profetas do Antigo Testamento ouviam Deus e vemos o que eles faziam com a revelação que recebiam; pensamos no ministério profético de Jesus e o exemplo que Ele deu com relação ao ouvir. Também examinamos o ensino bíblico de como deveríamos ouvir profeticamente e tratar a revelação na igreja hoje.

Embora cada capítulo foque um aspecto diferente do processo de ‘Deus falar’ e os ‘crentes ouvirem’, há alguns princípios ‘gerais’ básicos que deveríamos nos lembrar a cada ponto no processo.

Reconheça que o Deus vivo está falando

Um sentimento de admiração começará a moldar e colorir o nosso pensamento a respeito do ouvir profético quando começarmos a valorizar o privilégio de ouvir pessoalmente o Deus Todo-Poderoso, o Criador do céu e da Terra, para a humanidade, o grande e gracioso Redentor.

O Deus vivo que nos comunica a Sua mente e conselho é o mesmo Deus Todo-Poderoso que fez a humanidade à Sua imagem e lidou com os patriarcas em graça. Ele é o Deus que abriu o mar Vermelho, proveu a Lei e protegeu o Seu povo no deserto; que derrotou Jericó, Goliás e Senaqueribe; que enviou fogo ao Carmelo e fechou as bocas dos leões; que veio em carne, sacrifi-

cou o Seu Filho, levantou-O dentre os mortos, e derramou o Seu Espírito sobre a Igreja.

Este é o grande Deus que fala conosco hoje – pessoalmente, particularmente, especificamente, amorosamente, graciosamente e continuamente. Entretanto, devemos cuidar para que nossa confiança em Sua vontade e disposição para falar não se desviem para a presunção, intimidade demais e complacência.

Um fundamento básico de todo ouvir profético é o sentimento profundo de admiração e reverência legítimas diante da ideia do Deus vivo, o Deus de amor, realmente se comunicar conosco. Devemos sempre ser conscientes daquele a quem estamos ouvindo.

Perceba que o nosso ouvir ministra a Deus

Pelo fato de ser Deus que nos chama a ouvi-Lo, nosso ouvir não apenas nos desenvolve, consola, equipa e guia – ele também ministra ao próprio Deus. Atos 13:2, por exemplo, relata que os profetas e mestres na Antioquia ‘ministravam ao Senhor’ como se ouvissem o Espírito Santo falar com eles.

Muitos cristãos não entendem que o seu ouvir ministra a Deus – talvez porque se concentrem demais naquilo que podem receber para si mesmos no processo de ouvir. Precisamos tomar o cuidado de não ouvir por propósitos centrados em nós mesmos.

O ouvir profético é *relacional* em vez de funcional, e Deus nos chama a ouvi-Lo para aprofundar o nosso relacionamento com Ele. Isso significa que o nosso ouvir profético ministra a Ele tanto quanto ministra a nós. Quando entendermos esse ponto, ele deverá agir como um estímulo para o nosso ouvir.

Lembre-se do propósito principal da revelação

Na Parte Três, aprendemos que Deus fala essencialmente para se revelar a nós. Sua revelação é sempre autorrevelação. Ele fala a nós *primeiramente* para que possamos conhecê-Lo melhor, e *em segundo*, para que possamos saber o que fazer ou dizer em uma situação específica.

Quando começamos a considerar princípios bíblicos acerca

do tratamento da revelação profética e tentamos focar o detalhe daquilo que Deus está dizendo, não devemos esquecer o quadro mais amplo da revelação.

Toda vez que analisarmos qualquer aspecto do ‘falar adiante’ de Deus e do nosso ouvir profético, devemos lembrar a nós mesmos de que a motivação principal do processo de falar/ouvir é sempre a de podermos conhecê-Lo com mais intimidade e precisão.

Responda com obediência

Não tem sentido ouvir Deus sem estar disposto a obedecê-Lo e pronto a agir conforme a Sua Palavra.

No volume *Fé Viva*, vimos que o processo de fé envolve ouvir, crer, confessar e agir conforme a Palavra de Deus. A fé não é fé bíblica até que cada parte do processo de fé esteja implantada. A semente da fé viva de Deus não amadurecerá em nós se não a nutrimos pela obediência, confissão e ação conforme a Sua Palavra.

Ocorre o mesmo no processo do ouvir. Não nos é de nenhum proveito ouvir Deus e não demonstrar nossa confiança obedecendo e agindo conforme a Sua Palavra. Neste livro, ao analisar o aspecto ‘ouvir Deus’ dentro do processo profético mais amplo, nós destacamos a verdade de que devemos colocar em prática todas as revelações que recebemos: Vemos isso nas Partes Sete a Nove.

Entenda o processo pelo qual Deus fala

A frase ‘ouvindo Deus’ pressupõe que Ele fala. Porém, como é um ser espiritual, Deus *normalmente* não fala com voz audível, com uma voz física que ouvimos com os nossos ouvidos. Em vez disso, Ele geralmente *fala* de uma maneira não física, que ouvimos em nosso espírito pela fé.

Este livro se concentra no modo que Deus se comunica, porque um entendimento bíblico do processo divino de revelação é essencial para se evitar erro, engano e manipulação.

Nós somente conseguimos começar a reconhecer a voz de

Deus quando sabemos como Ele fala, porém, nos tornamos vulneráveis a todos os tipos de afirmações falsas e vozes profanas quando não conhecemos o processo profético.

Desenvolva um coração que ouve

Nós temos enfatizado que ouvir Deus é um processo contínuo. Podemos expressar isso de forma diferente dizendo que deveríamos desenvolver um ‘estilo de vida ouvinte’ ou um ‘coração ouvinte’ – pois ouvir Deus é fundamental para a vida de fé do crente.

1 Reis 3:4–14 descreve como Deus falava a Salomão e lhe concedia qualquer coisa que ele pedisse. 1 Reis 3:9 relata que o novo rei pediu um ‘coração entendido’, de modo que pudesse ‘discernir entre o bem e o mal’.

Embora a palavra hebraica *bin* possa ser traduzida como ‘para entender’ ou ‘para discernir’, ela aponta para um receber ou ouvir contínuo do entendimento de Deus, em vez de um dom de sabedoria do tipo ‘definitivo’. Isso quer dizer que Salomão estava pedindo um *coração ouvinte*, em vez de conhecimento enciclopédico ou acúmulo miraculoso de sabedoria. É por isso que Deus se agradou do pedido de Salomão.

Em João 14:13, Jesus fala conosco de forma muito semelhante à que Deus falou com Salomão, prometendo-nos qualquer coisa que pedirmos em Seu nome. Certamente, nenhum pedido está mais alinhado às palavras de Jesus em João 14–16 do que a súplica por um ‘coração ouvinte’.

À medida que avançarmos no exame dos diferentes aspectos do ensino bíblico a respeito do ‘falar adiante’ de Deus e o nosso ouvir profético, seria bom pedirmos a Deus que nos dê um coração ouvinte – e deveríamos ir em frente e fazer tudo que pudermos para desenvolver essa atitude santa em nossas vidas.

Parte Dois

O Deus Comunicador

Já deveria estar claro que as pessoas que querem ouvir Deus precisam saber quem Ele é, como Ele, é e como Ele se comunica hoje. Se não O conhecermos, não saberemos como ouvi-Lo. Por exemplo, algumas pessoas acham que Deus é um objeto material como um ídolo – por isso elas se aproximam desse objeto na tentativa de ouvi-lo.

Outras pensam que Deus está ligado a recursos naturais como o sol, a lua, árvores e rochas, rios e riachos – por isso elas se aproximam desses recursos para tentar ouvir a voz de Deus. E muitas pessoas pensam que Deus é apenas uma força impessoal e invisível que simplesmente mantém o universo funcionando – entretanto, nunca sequer se preocupam em tentar ouvi-Lo.

É claro, como indica o Salmo 115:2–7 de forma tão desdenhosa, esses deuses pagãos não podem nem mesmo ‘emitir sons com as suas gargantas’. Em contrapartida, o Deus vivo da Bíblia se comunica claramente com o mundo que Ele fez por meio da ‘revelação’ divina’. De Gênesis 1:3 a Apocalipse 22:17, em praticamente cada página, a Bíblia descreve Deus como alguém que fala. De fato, a expressão, ‘diz o Senhor’ é a frase mais comum da Bíblia.

No volume *Conhecendo o Pai*, vemos que a Bíblia nunca tenta provar que Deus existe; ela simplesmente afirma o fato de Sua existência como uma realidade autoevidente. Até um livro do Antigo Testamento como Ester, que não menciona Deus, assume claramente que Ele existe.

Em vez de definir Deus, a Bíblia O apresenta. Sua revelação é pessoal, em vez de *proposicional*, e O revela no contexto de relacionamentos com pessoas comuns. A Bíblia usa situações novas, experiências recentes e eventos desafiadores para colocar questões acerca do caráter de Deus – e para revelar as muitas maneiras que Ele se comunica.

Por exemplo, o Cântico de Moisés foi composto imediatamente após a fuga miraculosa de Israel do Egito. A pergunta retórica feita em Êxodo 15:11 sugere que o povo de Deus acabara de ser convencido de que Deus era Todo-Poderoso, e merecia fidelidade absoluta da parte deles. Eles não pararam para se perguntar se existiam de fato outros ‘deuses’; foi-lhes suficiente reconhecer que *lavé* revelara a Sua realidade e poder por meio da libertação deles.

Desde a travessia poderosa do mar Vermelho, o Antigo Testamento segue registrando uma ampla extensão de aproximadamente 800 anos da interação de Deus com o Seu povo. Os fracassos e declínio de Israel não acabaram levando as pessoas a concluir que *lavé* fosse fraco ou insensível, ou a pensar que Ele fosse apenas um entre muitos deuses domésticos diferentes. Em vez disso, a interação de Deus com o Seu povo tem o seu clímax na revelação majestosa de Isaías 44:6.

Particularmente, o Antigo Testamento contém três ideias que distinguem o entendimento que Israel tem de Deus daquele que as outras nações da época tinham. Essas ideias são essenciais para a revelação bíblica, e são importantes ainda hoje.

Deus não é visível

Todas as nações em volta de Israel descreviam os seus deuses na forma de ídolos – geralmente como animais: O deus dos cananeus, *Baal*, por exemplo, geralmente era descrito como um bezerro. Em todo o Antigo Testamento, Israel sempre vivia sob considerável pressão para transformar *lavé* em um ídolo visível.

Êxodo 32:1–35 e Deuteronômio 9.7–21 relatam que enquanto Moisés estava no monte Sinai ouvindo Deus e recebendo a Lei, as pessoas estavam ocupadas derretendo suas joias e

transformando-as em um bezerro que pretendiam adorar. Elas achavam que seria mais fácil falar com um deus que pudessem enxergar.

A questão dos deuses visíveis se tornou um problema maior após a divisão da nação em Israel e Judá. 1Reis 12:28–33 descreve como o rei Jeroboão, de Israel, construiu bezerros de ouro em Betel e Dã para angariar apoio de seus súditos cananeus. Jeroboão justificou tal ato sugerindo que os ídolos eram semelhantes à arca da aliança em Jerusalém – a qual dava uma forma visível ao Deus invisível. 1Reis 14:7–16 é a última palavra dura de Deus acerca do rei Jeroboão.

A verdade de que Deus é invisível permeia o Antigo Testamento. Êxodo 20:4–5; Deuteronômio 5:8,9 e Isaías 44:9–20 demonstram justamente como era errado criar qualquer estátua ou ídolo para adorar.

As implicações disso são óbvias para o nosso ‘ouvir’ hoje. *lavé* simplesmente não se comunica conosco por meio de nenhum objeto inanimado, feito por mãos humanas e não podemos achar que badulaques ou estátuas religiosas poderão jamais ser usados para nos ajudar a ouvi-Lo com mais clareza, ou nos trazer para mais perto Dele. Deus ainda se opõe firmemente a *qualquer* forma de ídolo.

Deus não é uma força natural

Muitas nações vizinhas a Israel usavam deuses para explicar as estações e o clima. Elas pensavam, por exemplo, que o trovão e o raio pudessem ser identificados como um deus e que a cheia anual do Nilo fosse outro deus. Muitas nações atrelavam os seus deuses ao ciclo das chuvas que regavam as colheitas.

Porém, *lavé*, o Deus vivo de Israel, está além da natureza e não constitui parte dela. Ele é o Criador e mantenedor de todas as coisas, e não é para ser identificado pessoalmente com qualquer aspecto de Sua criação.

Embora o Antigo Testamento algumas vezes use o imaginário poético para descrever Deus em termos de forças naturais distintas – como luz e fogo – o próprio Deus não pode ser iden-

tificado com nenhum recurso do mundo natural. Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 19.18; Deuteronômio 4:32–36; 1 Reis 19.11–13; Salmo 104:1–7 e Ezequiel 1:24–28.

Repetindo, há uma clara relevância aqui no recebimento da revelação de Deus. Algumas pessoas supõem estar mais perto de Deus em uma igreja, em um edifício feito por homens, enquanto outras pensam que se achegam mais a Ele em um bosque ou campo. Nenhuma dessas ideias é verdadeira. As duas provêm de ideias pagãs acerca de deuses aos quais Israel teve de resistir e que a igreja tem de desafiar ainda hoje.

É claro que ouvimos Deus falar muitas vezes quando estamos em prédios feitos por mãos de homens e quando estamos fora, ao ar livre. ‘Porém, não O ouvimos *porque* estamos em tal lugar.

Deus não é abstrato

Por estar muito além da descrição humana, e ser muito maior do que a soma de toda a inteligência dos homens, a Bíblia nunca tenta definir *lavé* em palavras humanas. Nenhuma fórmula física ou filosófica pode ser a chave para se entender Deus, para se obter acesso ao profundo de Seu ser, ou se ouvir a Sua mente e conselho.

O Antigo Testamento não tenta analisar Deus ou conjeturar de que matéria Ele possa ser feito. Esse tipo de enfoque abstrato era alheio ao conceito que Israel tinha de Deus. Diferentemente de outras nações à sua volta, o povo de Israel não pensava em *lavé* metafisicamente; ao contrário, eles exploravam a relevância de *lavé* para as suas vidas e experiências humanas.

Podemos definir alguém pela descrição de sua aparência – idade, cor, altura, peso etc. Essa descrição pode oferecer uma imagem mental precisa, mas revela pouco de qualquer estado de espírito. É muito mais útil descrever alguém relatando como essa pessoa reage em circunstâncias específicas, delineando as suas habilidades e personalidade, reportando um episódio que ilustra seu caráter, descrevendo os tipos de coisas que a pessoa diz. Esse é o modo que o povo de Israel descreve Deus no Antigo Testamento.

Como Deus é?

A Bíblia toda é uma tentativa de Deus Se apresentar a nós. Todos os 39 livros do Antigo Testamento e todos os 27 do Novo descrevem as diferentes maneiras que Ele se revelou ao Seu povo.

Os primeiros capítulos de Gênesis descrevem a revelação de Deus por meio da criação. Desses capítulos até o livro de Neemias, a Bíblia contém uma série de relatos históricos longos e complicados, que cobre quase dois mil anos da interação de Deus com a nação de Israel – desde a época de Abraão, na Idade Média do Bronze, os impérios assírio, babilônico e persa, até alguns séculos antes de Cristo.

Assim como essas revelações por meio da criação e *história*, o Antigo Testamento também contém muitos livros que mostram como Deus se relaciona às circunstâncias mais comuns do dia a dia – tanto à sociedade em geral como à vida pessoal dos indivíduos. Vemos esses elementos em livros como Rute, Ester, Jó, Jonas, Provérbios e Salmos, e em todos os livros proféticos, desde Isaías a Malaquias.

Utilizando uma grande variedade de estilos de literatura, o Antigo Testamento oferece muitas perspectivas diferentes a respeito do modo que Deus Se comunica com o Seu povo. Entretanto, há três temas divinos principais que dominam o Antigo Testamento; eles são fundamentais para o relacionamento de Israel com *Iavé*.

Se quisermos ouvir Deus, temos de valorizar esses temas; pois precisamos saber como é *Iavé* para entender o modo que Ele fala.

Deus é ativo

O Antigo Testamento declara que Deus Se encontra por toda a vida nacional de Israel. De fato, a história somente tem algum significado porque Deus é ativo. A vida não é um ciclo sem sentido de eventos desordenados. Ela tem um propósito e projeto firmados no caráter de Deus, e Ele se comunica por meio de eventos históricos.

Dos dias de Noé a Neemias, o Antigo Testamento revela que *Iavé* controla a História e que comunica a Sua vontade por meio dela.

Tudo que acontece – bom e ruim – é parte do propósito de Deus para o Seu povo. Essa é a convicção básica que molda a maneira de o Antigo Testamento entender e interpretar os acontecimentos.

Podemos dizer que a *atividade de Deus* é expressa em quatro crenças principais do Antigo Testamento.

Deus ativamente escolhe o Seu povo

De certo ponto de vista, o fato de Abraão migrar da Mesopotâmia foi simplesmente típico das muitas migrações semelhantes daquela época. Do ponto de vista bíblico, porém, a jornada de Abraão foi parte do plano de Deus.

A promessa de Deus em Gênesis 12.3 foi a força propulsora na vida de Abraão. Isso mostra que *Iavé* queria usar Abraão para compartilhar o Seu amor divino com o mundo. Essa crença domina a história do desenvolvimento de Israel e é o cerne da fé bíblica.

Algumas pessoas tentam explicar o êxodo de Israel do Egito fazendo menção à geografia e demografia da região. Da perspectiva bíblica, entretanto, o êxodo é simplesmente uma revelação do próprio Deus. Sem a Sua intervenção ativa, o êxodo não poderia ter ocorrido.

Lemos em toda a Bíblia que o povo de Israel se referia continuamente à história do êxodo para se lembrar do caráter de Deus. Essa história lhes ressaltava que *Iavé* estava ativo na História e descortinava revelações importantes acerca da natureza de Sua atividade.

Deus ativamente ama o Seu povo

Essas histórias em Êxodo não apenas enfatizam a escolha ativa que Deus faz de Seu povo, mas também ressaltam o Seu amor ativo e vibrante por eles. Os escravos eram fracos, os seus líderes eram inexperientes e os egípcios eram poderosos: se Israel tivesse dependido de recursos humanos, o êxodo teria falhado.

Passagens como Deuteronômio 26:7,8 mostram que gerações posteriores de judeus olharam para um Deus de amor, um Deus

que ouve, como a única explicação possível para o êxodo. Para eles, o êxodo não foi apenas uma demonstração clara do poder de Deus, foi também uma experiência de comunicação – uma revelação – de Seu amor.

O êxodo focou pessoas que estavam se ajudando e a Bíblia usa este fato para continuar nos lembrando de que Deus tem interesse especial em cuidar das vítimas da opressão. Deus nos dá o Seu amor para que possamos compartilhá-lo com o necessitado e o aflito. Ele não supre esse amor apenas para a nossa bênção.

Quando conhecemos como Deus é de fato, começamos a perceber os princípios divinos eternos que estão por trás de Suas palavras. Não precisamos, por exemplo, de uma voz audível nos direcionando a cuidar do oprimido, porque as Escrituras revelam que esta é a vontade de Deus para todas as ocasiões. Podemos dizer que esse princípio é parte da *vontade* comum de Deus. Entretanto, precisamos ouvir as Suas instruções quanto ao modo que devemos expressar o Seu cuidado em cada situação – quanto à Sua *vontade* específica.

Como vemos nas Partes Três e Quatro, os princípios divinos de Deus são firmados nas Escrituras, mas Ele os aplica – pelo Espírito – de formas especialmente amorosas, que podem variar nas diferentes situações.

A atividade de Deus é infinitamente poderosa

O poder divino controla todas as ações e comunicações de Deus nas Escrituras. *lavé* não age poderosamente apenas para salvar o Seu povo da escravidão, Ele também controla todos os poderes das nações e da natureza.

Deus falou com Moisés por meio da sarça ardente. Amaldiçoou o Egito com pragas. Dividiu rios e mares. Proveu comida e água no deserto. E usou as nações pagãs vizinhas para concretizar os Seus planos – às vezes de julgamento, às vezes de bênção, mas sempre para revelar Seu propósito de amor para com Seu povo escolhido.

Quando ouvimos Deus, sempre devemos nos lembrar de que é o Deus Todo-amoroso, Todo-poderoso que está falando. Esse

conhecimento deveria transformar o nosso desejo de ouvir Deus, a nossa persistência e paciência em ouvi-Lo, e a nossa confiança na eficácia de Suas palavras.

A atividade de Deus é sempre perfeitamente justa

A Lei é outro sinal da atividade de Deus no Antigo Testamento. Isso mostra que a comunicação de Deus está sempre de acordo com os Seus padrões de justiça, e nunca é arbitrária ou imprevisível. A moralidade e a justiça sempre são centrais para a interação de Deus com o Seu povo.

Êxodo 3:2–22 e Isaías 6:1–5 descrevem as visões divinas que Moisés e Isaías receberam no deserto e no templo, respectivamente. Estas passagens relatam que não foram apenas os aspectos sobrenaturais da experiência que os impressionaram. Em vez disso, eles responderam à revelação de Deus confessando sua inadequação pessoal diante da perfeição moral Dele.

Isso sugere que devemos encarar as demandas da justiça de Deus quando Ele fala conosco – quer seja no templo, História, natureza ou experiência cotidiana. Quando ouvirmos Deus, devemos ter a expectativa de que Ele trate o nosso pecado e as nossas falhas toda vez que nos der instruções.

A atividade de Deus

A escolha ativa de Deus de *amor, poder e justiça* estão fortemente presentes em todo o Antigo Testamento. Entretanto, à medida que as gerações foram passando, Israel e Judá pareciam se tornar nações cada vez mais insignificantes, revolidas pelos grandes impérios que as cercavam. Para muitos judeus comuns, deve ter parecido que esses poderes estrangeiros é que estavam no controle, e não Deus.

Muitos crentes modernos lutam com as promessas de Deus porque são confrontados por grandes pressões sociais e problemas pessoais. Porém, não se trata de um problema novo, pois o povo de Israel tinha as mesmas lutas.

Qual foi a praticidade das palavras de Deus a Abraão para pessoas que viviam à sombra de grandes impérios? Qual foi a re-

levância dos feitos de Deus no êxodo para os escravos judeus na Babilônia? Se Israel fora escolhido por Deus, porque não triunfava em todas as batalhas? Se Deus estava no controle, como outras nações poderiam ter a posição de comando?

Os profetas do Antigo Testamento deram uma resposta clara a essas perguntas – uma resposta que é extremamente relevante às nossas batalhas em ouvir Deus e entendê-Lo. Os profetas ensinaram que a autorrevelação e amor de Deus impunham grandes responsabilidades. O povo de Israel prosperaria na medida em que fosse fiel. Porém, teriam de se voltar a Deus para perdão toda vez que se tornassem infiéis.

Os israelitas pensavam que as revelações de Deus a eles demonstravam que eles eram favoritos. Porém, os profetas sabiam que a intenção de *lavé* era a salvação e bênção de todos os povos, conforme Deus prometera a Abraão em Gênesis 12:3. Embora Israel tenha sido beneficiado de modo especial, e tenha experimentado grandes atos de poder, o amor e o poder de Deus podiam operar somente dentro do contexto da Sua justiça.

Não é diferente para nós. Nossos privilégios como filhos e filhas de Deus aumentam a responsabilidade de demonstrar a justiça de Deus e nossa experiência de salvação *amplia* o dever de testemunhar a todas as famílias da Terra a respeito do amor e o poder salvador de Deus.

O conhecimento dos profetas acerca da vontade de Deus – por meio do ouvir profético – com frequência os colocava em conflito com os governantes de Israel. O conselho que eles davam pode parecer, às vezes, contraditório. Em Isaías 31:4,5, por exemplo, o profeta avisou o rei que Deus protegeria a nação de uma invasão assíria. Enquanto que, algumas gerações mais tarde, Jeremias proclamou o oposto – em Jeremias 7:1–15.

Porém, embora esses anúncios proféticos fossem diferentes, o princípio bíblico subjacente era o mesmo. Aquelas pessoas que se colocassem contra Deus – quer assírios ou de Judá – seriam julgadas. Isso quer dizer que o exílio babilônico e a destruição de Jerusalém foram uma comunicação de Deus tanto quanto o êxodo do Egito. Vemos isso claramente em Jeremias 24:1–10.

Era difícil para o povo judeu entender isso. Eles achavam que Deus estava do lado deles. Porém, a Bíblia inteira explica por que Deus— às vezes — parece abandonar o Seu povo. De Gênesis a Malaquias, de Mateus a Apocalipse, o princípio divino eterno é claro: desobediência leva a juízo, mas sempre envolto em graça e perdão. E continua assim ainda hoje.

Passagens proféticas como Salmo 47 e Amós 1:3–2:5 lembravam os judeus de que, apesar da aparência, Deus estava no controle de todas as nações, e não somente de Israel. Os textos de Isaías 44:1–20; 45:1–4; 47:1–15 e 49.6 declaram que *lavé* é o Deus de *todo* o mundo.

O exílio judeu, portanto, não comunicou a derrota de Deus, comunicou a Sua justiça. O poder de Deus não foi decrescido e Seu amor não foi esgotado, pois Ele prometeu levantar um libertador persa para o Seu povo — e cumprir a Sua promessa a Abraão por meio de Seu Servo, que seria luz para as nações.

Essa breve descrição da atividade divina mostra que ‘ouvir Deus’ não é um exercício espiritual que de algum modo é retirado da vida cotidiana. Por toda a História, o povo de Deus encontrou o Deus ativo, falante e autorrevelador em situações práticas tão gloriosas quanto o êxodo, e tão assustadoras quanto o exílio.

Não importa se nossas circunstâncias pessoais sejam alegres, terríveis ou simplesmente sem graça, Deus sempre está conosco. Ele está falando conosco. Ele está revelando o Seu amor a nós. Esta comunicando Seus propósitos. Está sussurrando palavras que nos dão vida e trazem esperança.

Deus é pessoal

O Antigo Testamento não apenas enfatiza que Deus está ativo, mas também que Ele é plenamente pessoal. Nós analisamos a natureza pessoal de Deus com mais detalhe no volume *Conhecendo o Pai*. Embora de fato se comunique por meio do curso da História, *lavé* não se relaciona com as pessoas de uma maneira pessoal, mecânica. Ele está profundamente interessado no mundo e na humanidade, e nunca se distancia das pessoas e de suas necessidades.

Todos os grandes eventos do Antigo Testamento enfatizam que Deus não é impulsivo ou imprevisível. Ele sempre age de acordo com a Sua natureza. Ele não manipula eventos visando vantagem própria; antes, age em graça para demonstrar o Seu grande amor. Ele não impõe a Sua vontade para atingir os próprios fins, em vez disso, age porque está interessado nas pessoas e no bem delas.

Embora o Antigo Testamento se concentre na maneira que Deus se comunica pessoalmente com o Seu povo, Israel, e mostre como Ele lhes fala enquanto nação – como um grupo de pessoas – é errado imaginar que Deus trate as pessoas somente em grupos grandes.

A revelação bíblica de Deus baseia-se em Seu cuidado pessoal com Abraão e Sara, quando estão vivendo em uma terra hostil. A Bíblia mostra, então, que Deus também tem uma preocupação profunda com Hagar e Ismael – uma escrava egípcia e seu filho – quando são expulsos da casa de Abraão. Depois, Deus protege José, salvando-o de sua família e dos egípcios. Mais tarde, vemos a grande preocupação pessoal de Deus com pagãos como Raabe, Rute, Noemi e o povo de Nínive.

Muitas orações e hinos em Salmos revelam como os adoradores de Israel sabiam que Deus estava pessoalmente interessado nos detalhes de suas vidas comuns. Vemos isso, por exemplo, em Salmos 13; 17; 23; 35; 51; 69; 86 e 139. E muitos profetas enfatizam a importância do compromisso individual com o Deus pessoal.

Imagens pessoais

A ênfase do Antigo Testamento na natureza pessoal de Deus é vista com especial clareza nos nomes, títulos e imagens usados para descrevê-Lo e identificá-Lo. Consideramos esse aspecto em detalhe no volume *Conhecendo o Pai*.

O livro de Oseias utiliza as metáforas de relacionamentos pessoais quebrados para mostrar como Deus se relaciona pessoalmente – e a dor que Ele sofre ao se comunicar dessa forma. Passagens como Êxodo 4:22; Isaías 1:2; 49:15; 66:13; Jeremias 31:32; Ezequiel 16:3–8; Oseias 2:14–23 e 11:4 ilustram a forma pessoal que Deus se relaciona com as pessoas.

Embora não descreva Deus em termos de relacionamentos familiares, o Antigo Testamento O retrata mais comumente como o governador de Seu povo. Ele é o Rei, o Senhor, o Pastor, o Mestre, o líder na batalha. Claro que cada figura de Deus é uma tentativa de descrever uma pessoa divina que está além da descrição humana. Cada nome ou imagem de Deus sugere um aspecto particular de Seu caráter; mas cada nome deve ser entendido no contexto da totalidade de todos os Seus nomes.

Se nos concentrarmos nas passagens do Antigo Testamento que se referem a Deus como um marido ou pai, perdemos o sentido de admiração e surpresa que permeia o Antigo Testamento. Porém, se focarmos somente Deus como um mestre ou monarca, podemos sugerir que Ele é um ditador cruel.

Deus é muito diferente dos homens e mulheres, mas o Antigo Testamento declara que a perfeição de Deus e a imperfeição da humanidade têm o seu abismo transposto por Suas ações amorosas de salvação e bênção. E essas ações são significativas exatamente porque Deus não é uma força ou uma vontade abstrata – Ele é uma pessoa, com tudo que isso implica acerca de Seu falar e o ouvir.

Deus está oculto

O Antigo Testamento é dominado pela convicção de que a natureza de Deus é comunicada por meio da interação com o Seu povo. Por todas as Escrituras, homens e mulheres se encontram com Deus nos acontecimentos do dia a dia. É claro que Deus se relaciona pessoalmente com o povo da Terra, em vez de ser simplesmente uma deidade remota dos céus.

Muitas pessoas lutam com isso hoje em dia. Elas não veem acontecimentos como o êxodo. Elas não têm experiências como Moisés no deserto e Isaías no templo. Então elas se perguntam se o ensinamento do Antigo Testamento sobre Deus tem alguma relevância para as suas vidas modernas.

O Antigo Testamento lida com essas dúvidas adicionando um terceiro elemento ao retrato de Deus. Ele O apresenta não apenas como ativo na *História e experiência pessoal*, mas também como *oculto*

às pessoas no Antigo Testamento, como parece para tantos hoje.

As pessoas em Israel sempre achavam difícil encontrar um sinal de Deus quando precisavam da ajuda Dele para achar sentido em suas vidas. Os fatos visíveis da História nem sempre lhes sugeriam que Deus era Todo-poderoso e Todo-amoroso. Os detalhes de suas vidas pessoais nem sempre indicavam que um Deus vivo e pessoal estava se comunicando com eles amorosamente. Na verdade, o oposto muitas vezes evidenciava o caso; já que o mal e o sofrimento pareciam dominar as suas vidas tanto quanto parecem afetar as nossas vidas.

Alguns crentes acham difícil ouvir Deus e entender a Sua vontade quando estão vivenciando acontecimentos miraculosos e bênçãos concretas – quando é patentemente claro que Deus está mais próximo do que qualquer amigo humano.

Porém, nossas vidas espirituais nem sempre são repletas de milagres espetaculares e experiências sobrenaturais. Há tempos em que Deus realmente parece escondido e é difícil ouvir a Sua voz. Como vemos no volume *Fé Viva*, trata-se de uma parte essencial do desenvolvimento da fé madura.

O Antigo Testamento deixa claro que há épocas em que Deus parece longe de ser poderoso e ativo, quando se está perdido nas profundezas do desespero humano. Isso é bem claro no livro de Salmos. Alguns Salmos celebram as obras poderosas de Deus; mas muitos expressam tristeza, espanto e consternação, enquanto outros se queixam de que as realidades da vida parecem incoerentes com os relatos dos atos passados de Deus. Até mesmo os Salmos que mostram confiança em Deus também reconhecem que Ele tem de ser buscado em tempos da mais profunda escuridão.

Alienação pessoal

Quando lemos a Bíblia, somos tentados a focar histórias que comunicam o amor e o poder de Deus. Entretanto, a Bíblia registra também as lutas que as pessoas tinham com o fato de Deus se ocultar. Por exemplo:

- Abraão era um homem de tremenda fé, mas ele sempre achou as intenções de Deus enigmáticas. Às vezes, Abraão

achava que elas eram tão difíceis de conciliar com a natureza divina que ele arguia com Deus.

- Moisés conheceu Deus de uma maneira excepcionalmente íntima, mas a sua vida foi repleta de perguntas e queixas, uma vez que ele lutava para conciliar as Suas promessas com o que observava à sua volta.
- Elias teve uma vitória famosa no nome de Deus no monte Carmelo e experimentou o poder de Deus de maneiras muito extraordinárias. Contudo, pareceu-lhe que Deus o abandonara imediatamente; ele duvidou de Seu amor e poder e desejou morrer.
- Jeremias sabia que fora escolhido como um profeta e que era amado e protegido, contudo, Deus parecia relutante em apoiar os seus anúncios proféticos. Nada acontecera em 24 anos após ele ter anunciado obedientemente a destruição de Jerusalém, então Jeremias se perguntou por que havia nascido.

O fato de Deus se ocultar é um tema importante nos livros de Jó e Eclesiastes. Eles mostram que Deus é conhecido não na imaginação, mas na realidade do encontro pessoal. Jó apelou para que Deus falasse com ele – e no final Deus falou, mas não da maneira que Jó esperara.

O ouvir de Jó o lembrou de que – não importa o quanto seja difícil entender as experiências mais amargas da vida, ou quanto seja difícil perceber Deus em ação – Ele está sempre lá, de verdade.

Os crentes que resistem a respostas fáceis, que persistem em buscar Deus e em ouvi-Lo, O *encontrarão* e *ouvirão* as Suas palavras.

Desastre nacional

A derrota de Jerusalém para Nabucodonosor estraçalhou as expectativas que Israel tinha de Deus. Parecia que as promessas de Deus tinham falhado, que Ele estava calado, que *lavé* já não estava mais com eles.

Grande parte do Antigo Testamento reflete a perplexidade de pessoas que se perguntam como esse desastre poderia acontecer ao povo de Deus num mundo que Ele controla. Por meio dos

profetas, vemos que o povo foi chamado a entender o exílio judeu na Babilônia mantendo o equilíbrio entre duas ideias diferentes.

Houve grandes crises no passado, e o poder imenso de Deus com frequência emergiu para mudar a vidas daquele que menos esperavam por isso. O êxodo não fora uma bênção desnecessária, fora a resposta de Deus à escravidão e ameaça de extinção.

Os judeus estavam sofrendo como resultado da desobediência da nação. Um Deus justo não podia ignorar a deficiência moral e a injustiça social de Seu povo. Porém, muito embora a justiça de Deus parecesse superar o Seu amor, os profetas anunciavam que Deus seria fiel às Suas promessas e que no final Ele abençoaria Israel.

Entretanto, geralmente o Antigo Testamento não tenta explicar por que Deus parece estar em silêncio e escondido de Seu povo. Em vez disso, oferece uma mensagem clara e prática para aqueles indivíduos que estão achando difícil ouvir Deus nas próprias vidas.

À medida que homens e mulheres na Bíblia contemplavam o sofrimento, eles eram forçados a confessar que as maneiras de Deus eram enigmáticas e perplexas. Como nós, eles tiveram de aprender que o padrão perfeito de *lavé* raramente se conforma às nossas expectativas imperfeitas.

Além disso, entretanto, o povo do Antigo Testamento também afirmava que Deus se comunicara poderosamente em sua história e experiência pessoal, o que lhes assegurava que Deus estava ativo – embora presentemente ocultado pela escuridão da situação humana.

Princípios da revelação

Vimos que a revelação bíblica de Deus se estabelece no contexto de Seus relacionamentos pessoais com o Seu povo. Isso quer dizer que aprendemos acerca do recebimento de revelação e do ouvir Deus estudando os Seus relacionamentos.

Descobrimos os recônditos de Seu caráter vendo como Ele se comunica com as pessoas numa variedade de situações desafiadoras. Pela fé, nós então aplicamos essas verdades em nossas vidas.

O Antigo Testamento faz duas suposições principais acerca de Deus que determinam o modo que Ele se comunica com as pessoas. Essas duas suposições são fundamentais para a nossa compreensão da revelação e para o jeito prático que O ouvimos.

Deus age em graça

O Novo Testamento usa, muitas vezes, imagens humanas para descrever Deus – o que sugere que Ele tem mãos e olhos, que Ele chora e ri, e assim por diante. Apesar disso, está claro que Deus é muito diferente das pessoas.

Suas ações não são racionalizações do comportamento humano e Ele não pode ser intimidado, bajulado ou manipulado. Toda vez que Deus se comunica com as pessoas, é porque Ele tomou a iniciativa.

A iniciativa divina da graça é crucial para a compreensão bíblica da revelação. Todo relacionamento com Deus, toda comunicação vinda de Deus, baseia-se totalmente em Sua ação pessoal em graça.

Deus escolheu se comprometer com toda a humanidade e vimos que Ele chamou Abraão para capacitá-lo a alcançar este propósito. Deus agiu de modo inteiramente livre nisso, com o motivo único de compartilhar o Seu amor gracioso com todas as pessoas que vivem em Seu mundo.

Em cada ponto significativo da história da salvação, o Antigo Testamento enfatiza que a graça de Deus é o ponto de partida para qualquer contato com Ele ou qualquer revelação vinda Dele.

Por exemplo, o êxodo acontece porque Deus vê o dilema de Seu povo e sente pena dele – não porque os escravos pediram o êxodo. Homens e mulheres desfrutam a comunhão com Deus por causa da iniciativa repleta da graça do Seu amor – não porque eles tinham o direito à comunhão ou algum tipo de reivindicação a Deus. Ninguém pode criar um senso da presença ou voz de Deus. Ele sempre deve irromper de fora para dentro.

Na Parte Quatro, nós analisamos a relação importante entre a iniciativa da graça de Deus e a nossa resposta ao ouvir.

Deus fala

É impossível ler o Antigo Testamento sem reconhecer a sua constante insistência de que Deus fala. Os dois primeiros fatos que aprendemos a respeito de Deus em Gênesis 1 são que Ele é um *Criador* e um ser *que fala* – e que a Sua fala e criação estão entrelaçadas uma à outra.

Para algumas pessoas, isso poderia sugerir que Deus fala ou se comunica essencialmente por meio de Seus atos poderosos. E, de fato, o Antigo Testamento alega muitas vezes que Deus se comunicou por meio de Suas ações na História e na experiência pessoal.

Devemos reconhecer, porém, que o falar de Deus não é o mesmo que o Seu agir.

Para Israel, os eventos do êxodo foram uma revelação maravilhosa da natureza e vontade de Deus – contudo, comunicaram pouco a respeito de *lavé* aos egípcios. É preciso algo ‘extra’ para transformar uma ação divina geral em uma revelação divina pessoal.

Um dos fatos mais memoráveis acerca do Antigo Testamento é que os profetas de Israel não apenas interpretavam em retrospecto as ações de Deus para as pessoas, eles também anunciavam com antecedência. Por exemplo:

- Amós denunciou a sociedade samaritana e declarou que logo ela se acabaria quando ainda não havia sinal de tal acontecimento. De fato, naquela época a nação nunca fora tão próspera.
- Jeremias anunciou a destruição de Jerusalém e as pessoas pensaram que ele estava louco em sugerir algo tão implausível. Nada parecia menos provável para os observadores da época.
- Moisés anunciou o êxodo enquanto o povo hebreu ainda era escravo da nação mais poderosa da Terra.

Os profetas persistiram com suas mensagens, com frequência diante de zombaria e perseguição, porque estavam convencidos de que o que estavam dizendo era mensagem de Deus para as pessoas – e porque acreditavam que Deus agia essencialmente

por meio de Seu falar. Eles sabiam que o falar obediente e ativo das palavras que tinham ouvido era parte vital de Seu processo criativo.

Ouvir ‘o Deus que fala para criar’ era o centro do ministério profético do Antigo Testamento. E a proclamação fiel da Palavra de Deus – geralmente por meio de Seus servos, os profetas ungidos com o Espírito – foi a precursora normal da atividade criativa de Deus.

Como vemos nos volume *Fé Viva* e *Ministério no Espírito*, esse padrão não mudou. A única diferença é que desde o Pentecostes, o ministério profético foi aberto a *todo* o povo de Deus – razão por que ouvir o Deus que se comunica deveria ser parte fundamental da vida de todos os crentes proféticos e ungidos pelo Espírito hoje em dia.

Essa parceria entre ‘crentes que falam a Palavra de Deus’ e ‘ações criativas de Deus’ é o motivo de estarmos focando o ouvir ‘profético’ e estarmos examinando o ‘ouvir Deus’ no contexto do amplo ministério profético. Isso enfatiza que nosso ouvir não é uma atividade passiva; em vez disso, é parte vital do ministério divino do ‘falar para agir’.

Iavé, o Deus vivo de Israel, não é um ser remoto e estático, que é irrelevante para a vida de pessoas comuns. Ele é o Deus de ‘todo amor’, ‘todo poder’ e ‘toda graça’ que fala e age *de modo que* todas as famílias da Terra possam ter um relacionamento abundante e significativo com Ele, além de umas com as outras. E quando O ouvimos, nos tornamos parte de Sua atividade reveladora dinâmica.

Nosso chamado a ouvir Deus é tanto um privilégio extraordinário com uma responsabilidade tremenda. Como os profetas do passado, somos chamados à presença santa de *Iavé* para ouvir as Suas ideias, e então sermos enviados ao mundo para falar as Suas palavras – de maneira que o Seu poder criativo possa transformar as vidas destruídas e feridas ao nosso redor.

Parte Três

A Palavra de Deus

O Deus da Bíblia é o Deus que fala. Ele não é um ídolo mudo, incapaz de se comunicar com o Seu povo, nem um robô que simplesmente responde às solicitações. Ao contrário, *Iavé* é o Deus de toda graça, que sempre toma a *iniciativa*: Ele fala, nós ouvimos e Ele se revela a todos que aprenderão a ouvi-Lo atentamente. Vemos isso, por exemplo, em Salmo 115:2-7; Isaías 46:5-10; Habacuque 2:18-20 e 1Coríntios 12:2.

A Bíblia ensina que Deus se comunica conosco por meio:

- Da criação – Salmo 19.1-6 e Romanos 1:18-21
- De acontecimentos históricos – 2Crônicas 36:22,23; Salmo 103:7; Isaías 46:9,10 e Amós 2:9,10
- De sinais e maravilhas – Deuteronômio 6:22; Neemias 9.10 e Atos 2:22
- De eventos naturais – 2Samuel 21:1; Isaías 29.6; Ezequiel 38:19,20 e Mateus 27:54
- Da consciência humana – Romanos 2:14-15 e 9.1
- Da razão e da lógica – Isaías 1:18; Mateus 22:37 e Romanos 12:2
- De sonhos e visões – Gênesis 28:12-15; Ezequiel 37:1-14 e Atos 2:17
- De servos proféticos – 1Coríntios 12:3, 10 e 1Tessalonicenses 5:20
- De seres angelicais – Zacarias 3; Lucas 1:12-20 e 26-28
- Das Escrituras Sagradas – Salmo 19.7-11; 2Timóteo 3:16,17 e 2Pedro 1:19-21

- De Jesus Cristo – João 1:18 e Hebreus 1:1–3

Deus toma a iniciativa e fala por esses diferentes meios essencialmente para se revelar a nós. Ele faz isso para que possamos conhecê-Lo e possamos cumprir os nossos propósitos como homens e mulheres de Seu mundo.

O nome bíblico geral para o meio de comunicação de Deus é a Sua ‘Palavra’ e consideramos esse aspecto com algum detalhe no volume *Fé Viva*. Se quisermos ouvir Deus— se quisermos ouvir a Sua ‘voz’ e saber o que Ele está ‘dizendo’ – temos de ouvir a Sua ‘Palavra’.

O Novo e Antigo Testamentos quase sempre se referem à ‘Palavra de Deus’, ‘à Palavra do Senhor’, ‘Sua Palavra’, e assim por diante: portanto, é importante que entendamos exatamente o que a Bíblia quer dizer com ‘a Palavra’.

Dabar

No Antigo Testamento, a palavra hebraica *dabar* é usada para se referir ‘à Palavra’ de Deus. *Dabar* normalmente significa uma comunicação *falada* de Deus; refere-se a uma comunicação *escrita*. Dele somente no Salmo 119 – onde é utilizada como sinônimo dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento.

Quando dizemos que Deus ‘fala’, estamos usando uma metáfora. Deus é um ser espiritual, que não possui literalmente uma garganta, língua, boca e cordas vocais. Ele normalmente não se comunica com uma voz audível que nós ouvimos com os nossos ouvidos: Eventos como o de Mateus 3:17 são raros. Em vez disso, Deus normalmente ‘fala’ Sua Palavra em nossos espíritos, a fim de que O ouçamos espiritualmente.

Dabar frequentemente faz parte da expressão do Antigo Testamento: ‘a Palavra do Senhor veio a mim’. Isso enfatiza a iniciativa repleta de graça de Deus. Sua Palavra vem primeiro a nós e então nós, em gratidão, respondemos, voltando-nos à Sua Palavra com afetuosa franqueza e obediência ao evangelho.

Dabar significa literalmente ‘aquela que está por trás’, e aponta para a realidade divina que está por trás das palavras que ‘ouvimos’ em nossos espíritos. Essa ‘autorrevelação’ é a essência

do ensino bíblico acerca da ‘Palavra’ de Deus – é vital que apreciemos isso. O uso de *dabar* prova que Deus ‘nos’ fala essencialmente para Se revelar a nós. Isso significa que deveríamos ouvir Deus em primeiro lugar para conhecê-Lo melhor – e somente em segundo lugar com o intuito de receber direção pessoal.

Na época do Antigo Testamento, a *dabar* de uma pessoa, – sua palavra – era considerada tanto uma extensão de sua personalidade como algo com existência importante em si mesmo. Isso significa que a Palavra de Deus é uma autorrevelação divina de Sua personalidade, que – quando ‘falada’ – continua então a existir no próprio direito para a eternidade.

Autorrevelação

Muitos cristãos modernos dizem que ‘a Palavra é a Bíblia’. Infelizmente, isso pode sugerir que a Palavra se restringe à Bíblia: É mais preciso dizer que ‘a Palavra escrita é a Bíblia’.

Como a principal função da Palavra é a revelação do caráter eterno de Deus, ela deve ser exprimida de várias maneiras complementares para comunicar o Seu caráter de modo absolutamente preciso. A totalidade eterna da Palavra é muito maior do que se pode jamais expressar de forma finita, assim, as Escrituras são a forma escrita básica da Palavra de Deus, e não a totalidade.

Alguns líderes enfatizam que a Bíblia é um ‘guia para o viver’ e um ‘livro de regras para a humanidade’; eles prometem sucesso se vivermos segundo os requisitos bíblicos. Porém, uma ênfase muito grande nessa verdade pode significar nossa perda do propósito central da Bíblia – que é revelar Deus a nós.

Nós compreendemos os propósitos de Deus equivocadamente ao lermos a Bíblia simplesmente para receber instruções. Deus nos deu palavras escritas para que O conheçamos melhor e possamos ser atraídos mais profundamente à Sua vida.

Infelizmente, a ênfase correta na importância e centralidade das Escrituras tem levado alguns crentes a um relacionamento egoísta com a Bíblia, em vez de um relacionamento vivo com Deus.

A ideia correta acerca da Palavra toda – que é alicerçada na autorrevelação essencial de Deus – leva a muitas atitudes proveitosas. Por exemplo:

- Começamos a compreender por que Jesus e as Escrituras são ambos chamados de ‘a Palavra’
- Percebemos por que a Bíblia confere à Palavra a autoridade divina e as características de Deus – como em Deuteronômio 12:32; Salmo 103:20; Isaías 40:8; 55:11 e 1Pedro 1:23–25
- Nós lidamos com o ouvir Deus – e proclamarmos a Sua Palavra – de uma maneira muito mais bíblica ‘centrada Nele’

Logos e rema

Dabar é usada para descrever tanto comunicações específicas vindas de Deus como a Sua autorrevelação total. No Novo Testamento, contudo, são usadas duas palavras gregas distintas. *Rhema* se refere a comunicações específicas provenientes de Deus e *logos* aponta para a Sua autorrevelação. Consideramos esse aspecto com mais detalhes no volume *Fé Viva*.

Sabemos que Deus se revelou à humanidade de modo supremo por meio de *Jesus e da Bíblia*; portanto, podemos pensar em Jesus como a ‘palavra pessoal’ de Deus e na Bíblia como a ‘Palavra escrita’ de Deus. É por isso que ambas são identificadas com o *logos* de Deus.

Jesus

Quando percebermos que Jesus é ‘a Palavra de Deus’ – a autorrevelação distinta e total de Deus – podemos começar a pensar na relação entre ‘ouvir Deus’ e ‘a Palavra de Deus’ de maneira mais bíblica.

Ouvir Deus não é apenas para pessoas educadas que têm uma compreensão intelectual da Bíblia. É parte de um relacionamento vivo com Jesus, que é aberto a todas as pessoas, independentemente de sua capacidade intelectual.

Isso não significa que as Escrituras não sejam importantes – longe disso. Porém, é possível ler a Bíblia apenas com as nossas mentes humanas e estudá-la apenas com os nossos intelectos

humanos. Muitas pessoas fazem isso e professam conhecer a Palavra de Deus por meio dessa leitura. Mas nós somente podemos verdadeiramente ouvir Deus em nossos espíritos com a ajuda do Espírito Santo.

É claro, *logos* não aponta somente para Jesus; também é usada no Novo Testamento para descrever a vontade revelada de Deus de forma muito semelhante à que a frase ‘a Palavra de Deus’ é empregada no Antigo Testamento. É utilizada, por exemplo, para descrever:

- Uma revelação direta de Jesus – 1 Tessalonicenses 4:15
- A soma de todos os discursos de Deus – Marcos 7:13 e João 10:35
- As boas novas ou ‘evangelho’ acerca de Jesus – dadas com a Sua autoridade e validadas por Seu poder – Atos 8:25; 13:26, 49; 14:3; 15:7, 35, 36; 16:32; 19:10; 1 Coríntios 1:18; 2 Coríntios 2:17; 4:2; 5:19; 6:7; Gálatas 6:6; Efésios 1:13; Filipenses 2:16; Colossenses 1:5 e Hebreus 5:13

Usa-se *logos* frequentemente para descrever as ‘boas novas’, o ‘evangelho’. No Novo Testamento, o evangelho é essencialmente uma apresentação do próprio Jesus. Ele é a Palavra que é pregada na dependência total do poder do Espírito Santo.

Podemos dizer que, na igreja primitiva, ‘a Palavra’ sempre significava uma mensagem autorreveladora de Deus, em Cristo, por meio do Espírito. Tinha de ser pregada e ministrada com a ajuda do Espírito – e obedecida por aqueles que a ouviam – como se fosse uma palavra audível proveniente de Cristo e a respeito Dele próprio.

Rhema

No volume *Fé Viva*, definimos que *rhema* aponta para palavras específicas de Deus, ao contrário da totalidade da Palavra de Deus representada por *logos*. A *rhema* de Deus, contudo, não é algo diferente do *logos* de Deus, é um aspecto deste *logos*. Por meio de uma palavra *rhema*, Deus destaca um elemento dentro de seu *logos*; é a ‘palavra dentro da Palavra’ que é Sua palavra direta para uma situação específica em um momento especial.

Toda palavra proveniente de Deus concorda com ambas, Sua *logos* plenamente autorreveladora e cada *rhema* individual. Isso significa que toda comunicação divina – toda profecia, promessa, mover e assim por diante – é sempre plenamente coerente com toda a *logos* de Deus. Isso está de acordo com tudo que sabemos de Deus por meio de Cristo e das Escrituras e também com toda a Palavra *rhema* de Deus que já foi declarada. As Escrituras cristãs desconhecem um Deus que contradiz ou anula a Sua Palavra.

Isso mostra a importância de testar tudo que as pessoas alegam ser Palavra ou mensagem de Deus. Se toda palavra *rhema* é uma autorrevelação de Deus, isso significa que toda palavra deve estar plenamente coerente com tudo que sabemos acerca de Deus, tudo que sabemos de Jesus, e com a revelação plena das Sagradas Escrituras.

Quando Deus, pelo Espírito, ‘fala’ Sua palavra *rhema* em nossos espíritos, é como se Ele usasse um holofote divino. Por uma palavra *rhema*, Deus destaca um aspecto de Sua *logos* e revela a Sua Palavra ‘agora’ – aquele aspecto de Seu caráter que é extremamente relevante para a nossa situação.

Vemos exemplos de palavra *rhema* em: Mateus 4:4; 26:75; Marcos 14:72; Lucas 1:38; 2:29; 3:2; 5:5; 24:8; João 5:47; 6:63; 8:20; 8:47; 12:47–48; 14:10; 15:7; 17:8; Atos 2:14; 10:37; 11:16; Romanos 10:8, 17:18; Efésios 6:17; 1Pedro 1:25; Judas 1:17 e Apocalipse 17:17.

A Palavra de Deus

Por Deus se comunicar conosco em Sua Palavra, é importante que tentemos entender como essa Palavra opera.

1Timóteo 3:16,17 revela que toda a Bíblia nos vem do sopro de Deus. A maior parte das traduções da Bíblia sugere que as Escrituras são ‘inspiradas’, mas a palavra grega *theopneustos* significa ‘dada por inspiração de Deus’. Isso mostra que a inspiração bíblica não é simplesmente o tipo de inspiração que vem a um compositor ao escrever uma canção ou a um inventor que aparece com uma ideia nova.

Pelo contrário, as Escrituras são, de algum modo especial, exclusivamente ‘expiradas’ pelo sopro de Deus, pelo próprio Espírito Santo.

Passagens como Salmo 33:6 e 2Pedro 1:19-21 também enfatizam que a Palavra de Deus vem pelo Espírito, pelo sopro de Deus. Essas passagens mostram que, por ser dada por inspiração de Deus, a Palavra é Palavra de Deus – ela é o ‘sopro de Seus lábios’.

Ainda mais importante, usando-se o tempo presente – ‘é dada por inspiração de Deus’ em vez de ‘foi dada por inspiração de Deus’. 2Timóteo 3:16 ainda mostra que as Escrituras não foram simplesmente inspiradas de uma só vez quando escritas pela primeira vez, ou quando organizadas. Em vez disso, elas ainda nos estão sendo dadas por inspiração de Deus por meio do Espírito. Mais uma vez, isso enfatiza a importância vital de não se separar a Palavra do Espírito. Devemos buscar ser tanto o povo da ‘Palavra’ como do ‘Espírito’, alicerçados nas Escrituras e no Espírito Santo – não em um ou em outro.

O poder da Palavra

Toda vez que Deus ‘dá a Sua Palavra por inspiração’ pelo Espírito, ela sempre expressa a Sua natureza santa e sempre está revestida de Seu poder divino e autoridade. A Palavra, portanto, deve sempre atingir seu propósito. O que Deus ‘fala’ vai acontecer; vemos isso, por exemplo, em Gênesis 1:3, 6–7, 9, 11, 14–15, 20–22, 24, 26,27; 2Crônicas 6:14,15; Isaías 55:10–11 e Romanos 4:18–21.

Hebreus 4:12 descreve a Palavra como viva, ativa e penetrante. Esse versículo ensina que o *logos* de Deus realiza um trabalho interior, espiritual em nossas vidas. Ele expõe os nossos pensamentos e atitudes, penetra até a divisão da aparência do nosso comportamento interior e a realidade do nosso ‘coração’ e penetra fundo em nossos espíritos.

O poder divino inerente da Palavra é enfatizado em toda a Bíblia. Os dois testamentos revelam a ampla variedade de formas que a Palavra de Deus ministra a homens e mulheres. Vemos, por exemplo, que o Deus ‘que fala para agir’ traz pela Palavra:

- Fé – Romanos 10:17
- Novo nascimento e nova vida – Tiago 1:18 e 1Pedro 1:23
- Alimento espiritual – 1Pedro 2:1,2 e Mateus 4:4
- Revelação e direção – Salmo 119.105 e130
- Limpeza e santidade – Salmo 119.9; Efésios 5:25–27; 2Pedro 1:1–4 e João 15:3
- Recompensa e bênção – Salmo 1:1–3 e 19.11
- Cura – Salmo 107:20
- Vitória sobre o pecado – Salmo 17:4 e 119.11
- Vitória sobre Satanás – Lucas 4:4, 8, 12; Efésios 6:17; 1Jo 2:14 e Apocalipse 12:11
- Libertação do juízo – João 5:24 e 12:47

Deus pode usar qualquer elemento da Sua Palavra – Jesus, pessoalmente no Espírito, as Escrituras, a profecia – para ministrar quaisquer desses dons a nós. Deve estar claro, contudo, que a Palavra opera com essa eficácia extraordinária somente porque ela é uma expressão da natureza pessoal de Deus e está repleta de Seu poder divino pessoal.

A Palavra escrita

Ao nos aproximarmos da ‘Palavra escrita’ para ouvir Deus, devemos nos lembrar de que seu propósito é pessoal e relacional: Deus dá a Sua Palavra por inspiração para que possamos conhecê-Lo.

Embora a revelação bíblica de Deus seja limitada por sua natureza finita, a Bíblia é um registro perfeito e o mais completo possível da Palavra de Deus para a humanidade. Ela contém duas características importantes: Assim como ‘a Palavra pessoal’ é tanto plenamente Deus como plenamente homem, assim também ‘a Palavra escrita’ é a Palavra de Deus e a Palavra por meio dos homens.

Temos de nos lembrar disso ao ler a Bíblia. 2 Pedro 1::20,21 mostra que os autores humanos das Escrituras não idearam suas palavras; em vez disso eles foram inspirados pelo Espírito – eles escreveram o que Deus queria que fosse escrito. É por isso que a Bíblia realmente é a Palavra de Deus a respeito Dele mesmo,

e não palavra humana acerca de Deus. Ela contém 66 livros que foram escritos por pelo menos 40 autores diferentes durante cerca de 1.600 anos, contudo, a melodia que ela toca é única e clara – a ‘voz’ do Espírito.

2 Pedro 1: 20,21 sugere que a Bíblia – diferentemente de qualquer outro livro na história da humanidade – originou-se na mente de Deus. Os autores humanos das Escrituras foram literalmente ‘movidos’ [inspirados] ou ‘carregados’ pelo Espírito Santo de um modo tão intenso que a redação da Bíblia foi controlada por Deus. A palavra grega para ‘movidos [inspirados]’ em 2 Pedro 1:21 é a mesma palavra encontrada em Atos 27:15–17, que fala de como marinheiros tão experientes não conseguiam dirigir o navio porque o vento era forte demais. O navio estava sendo impulsionado, direcionado e carregado pelo vento. Isso se assemelha ao Espírito impulsionar, dirigir e carregar os autores divinos.

Ilustra a plena superintendência do Espírito Santo sobre os autores humanos da Bíblia. Os marinheiros estavam ativos no navio, embora o vento fosse o que controlava seu movimento e destino final. Semelhantemente, os autores humanos estavam ativos em escrever conforme o Espírito direcionava, mas não tinha nada a ver com a invenção ou interpretação deles. Eles foram movidos [inspirados] pelo Espírito Santo – que, como descrevemos no volume *Conhecendo o Espírito*, é o vento ou *ruach* de Deus – para registrar somente o que Deus queria que eles registrassem.

Isso significa que os autores bíblicos foram divinamente impedidos de incorporar qualquer erro no que escreveram. É por isso que dizemos que a Bíblia é tanto ‘inerrante’ – sem erro – como ‘infalível’ – incapaz de erro. De um modo sobrenatural, o Espírito Santo capacitou Moisés, Isaías, João, Paulo e os outros autores bíblicos a escrever a mensagem exata de Deus ao homem.

Porém, embora as Escrituras tenham se originado na mente de Deus, o processo de inspiração certamente não foi mecânico. Os autores humanos das Escrituras não eram robôs insensatos ou meros processadores de palavras. Eles escreveram a partir dos próprios contextos pessoais, históricos e culturais e usaram as próprias mentes, talentos, linguagem e estilo. É por isso que

encontramos diversos estilos literários nos livros bíblicos. Deus trabalhou por meio da instrumentalidade da personalidade humana, mas guiou e controlou divinamente os autores de forma que o que escreveram é o que Deus pretendia que fosse escrito.

Como tal, é verdadeiro dizer que as Escrituras surgiram em consequência da cooperação divina e humana. A Bíblia, portanto, é plenamente divina e plenamente humana. Por um lado, Deus falou, revelando a verdade e preservando os autores divinos do erro, porém sem violar a personalidade deles. Por outro, os homens escreveram, usando as suas faculdades livremente, mas sem distorcer a mensagem divina. Suas palavras eram claramente suas palavras. Porém, também foram palavras de Deus, de modo que o que a Bíblia diz, Deus diz.

A suficiência das Escrituras

2 Timóteo 3:15–17 revela que a palavra escrita é ‘útil’. Entretanto, é mais preciso traduzir a palavra grega *ophelimos* como ‘lucrativa’, ou ‘vantajosa’, ou – a melhor de todas – ‘benéfica’. O uso de *ophelimos* em 1 Timóteo 4:8 mostra que ela se refere a algo que é praticamente ‘benéfico’ em vez de algo casualmente útil’.

2 Timóteo 3:17 afirma que cada parte de toda a Bíblia é profundamente benéfica. Isso significa que não deveríamos aceitar algumas partes e rejeitar outras. Não deveríamos rejeitar uma passagem como irrelevante ou desprezar outra porque a consideramos chata. Não ousamos julgar nenhuma parte da Palavra de Deus, na verdade, a Palavra é que nos julga.

Isso significa que as Escrituras são suficientes para todas as áreas da fé e prática, e são a base suprema de autoridade e verdade. A ideia da suficiência das Escrituras tem sido tradicionalmente uma fonte de conflito entre protestantes e católicos. Os protestantes aderem à ideia da ‘*Sola Scriptura*’ – a crença de que a Bíblia somente é idônea e suficiente para todas as questões de fé e prática. Os católicos, por outro lado, creem que a tradição da igreja é tão obrigatória aos cristãos quanto a Bíblia. É por isso que temos doutrinas católicas como o purgatório, oração aos santos e veneração de Maria – elas não estão verdadeiramente funda-

mentadas nas Escrituras, mas ainda são estimadas por causa das tradições católicas.

Porém, as Escrituras reivindicam para si a autoridade e suficiência sobre toda tradição, ideologia ou pessoa e talvez a expressão mais sucinta disso seja 2Timóteo 3:15–17: Não estou dizendo que as Escrituras esgotam ou até mesmo abordam cada assunto que há para se falar. Porém, significa que onde as Escrituras não oferecem ensino direto – até mesmo em questões de conhecimento científico, por exemplo – haverá princípios bíblicos pelos quais podemos examinar e avaliar todas as coisas que ‘pertencem à vida e santidade’ – 2Pedro 1:3.

2Timóteo 3:15–17 mostra que toda a Escritura – a Bíblia inteira – é profundamente benéfica para:

- Ensinar – Deus provê o padrão pelo qual se medem todas as coisas
- Redarguir – Deus nos mostra onde erramos
- Corrigir – Deus nos coloca de volta no caminho certo
- Instruir em justiça – Deus nos ensina como permanecer em Seu caminho certo.

Isso mostra que a Palavra escrita equipa os crentes plenamente para cada aspecto do ministério e da vida. Ela nos guia com precisão e podemos confiar nela como a última e suprema autoridade para a vida. Se levarmos a sério o ouvir Deus, jamais nos separaremos de *toda* Escritura – nós leremos, estudaremos, meditaremos, creremos e agiremos conforme cada parte da Bíblia.

A Palavra viva

Temos observado, porém, que a Bíblia não é um livro de regras externas. Hebreus 4:12 deixa claro que a Palavra está viva e ativa. O mais importante, mostra que a Palavra de Deus opera profundamente em nosso interior – em nossos ‘corações’, em nossos espíritos.

Também observamos que a Palavra vem a nós no sopro de Deus, no Espírito: isso quer dizer que Deus fala conosco em nosso espírito por meio das Escrituras – Ele se revela e nos guia pela Palavra escrita.

Isso não significa, entretanto, que Deus jamais falará algo além do que já disse nas Escrituras. Todos nós enfrentamos muitas situações em que a Bíblia não distingue entre todas as opções diferentes, e precisamos que o Espírito fale conosco especificamente – com mais detalhe do que a Bíblia possibilita. Precisamos do Espírito para destacar os princípios bíblicos que são apropriados à situação atual que estamos enfrentando e também para nos mostrar como aplicá-los especificamente, do jeito que Deus deseja.

Por exemplo, Deus pode nos chamar por meio das Escrituras – talvez por meio de uma passagem como Gênesis 12:1; Jonas 1:2 ou Atos 16:9 – para levar o evangelho a uma nação distante; mas Ele certamente não pode nos direcionar por meio das Escrituras a uma nação africana, sul-americana ou asiática específica.

Sua Palavra deve vir a nós pelo Espírito, de um jeito diferente das Escrituras, a fim de nos guiar de maneira particular e pessoal – mas ela sempre confirmará e ampliará o que Deus já nos comunicou pela Palavra escrita.

Isaías 58:11 é uma promessa importante que foi dada ao povo de Deus muitos séculos antes de Jesus vir em carne e de o Novo Testamento ser escrito. Essa promessa demonstra que a direção de Deus não se limita à Bíblia.

É claro que Deus nos guia de modo geral e doutrinário por Sua Palavra escrita, mas nos guia também de modo pessoal e particular por Sua Palavra pessoal: E isso também vem a nós por Seu sopro, por Seu Espírito.

Como vemos no volume *Conhecendo o Espírito*, antes de deixar a Terra, Jesus prometeu enviar *allos parakletos* – outro Conselheiro, que seria exatamente como Ele. E Jesus garantiu que esse Conselheiro estaria conosco *para sempre*.

O Espírito é igual a Jesus, e se aproxima para nos chamar. Ele vem para nos guiar de modo pessoal e específico – bem como geral e doutrinário. Vemos isso na referência - em João 16:13 - a “toda” verdade.

Isso revela que ouvir o Espírito é ouvir Jesus, aprender com o

Espírito é aprender com Jesus, ser conduzido pelo Espírito é ser conduzido por Jesus – e assim por diante.

Muitos cristãos têm doutrina sólida, porém, são incapazes de viver para Deus porque não entenderam que doutrina não é uma questão puramente de mente e de intelecto. Nós realmente precisamos ouvir a Palavra escrita e o Espírito Santo nunca a contradirá; mas também precisamos ouvir o Espírito Santo – direta e pessoalmente. Consideramos estes aspectos do ouvir nas Partes Sete a Nove.

Superstições

Ouvir a Deus por meio da Palavra e do Espírito está o mais longe possível de ser guiado por superstições. Um número cada vez maior de pessoas busca formas variadas de astrologia para se guiar, mais isso é supersticioso e maligno – e pode, às vezes, até ser manifestações do diabo.

Isso não significa que toda pessoa que já deu uma olhada no horóscopo do jornal precisa ser libertada de um demônio! Essas coisas são superstições, são opostas à forma divina de se revelar e – como tais – são usadas pelo inimigo para nos desviar da disciplina de ouvir Deus e nos atrair aos seus estratagemas malignos.

Entretanto, quando persistem em usar alguma forma de astrologia e *começam a depender dela*, as pessoas se deixam escancaradas à influência demoníaca. Mesmo assim, como vemos no volume *Ministério no Espírito*, precisamos do dom espiritual de discernimento de espíritos para saber o que fazer em qualquer situação ministerial.

Devemos sempre tomar o cuidado de discernir entre ouvir Deus e ser enganado por ouvir o diabo. O inimigo é um enganador e um mentiroso: ele se opõe a Deus e Deus se opõe a ele e a seus métodos de comunicação. Vemos isto em Isaías 47:13,14; 1Coríntios 12:3 e 1 João 4:1–6.

Todas as formas de divinação e toda orientação oculta ou espiritual são abominação a Deus. Elas são inúteis em si mesmas – são simples ‘escoras’ dos poderes ocultos que lhes estão por trás.

Como crentes cristãos, não devemos buscar orientação por esses meios; ao contrário, devemos nos aproximar de Deus para ouvi-Lo – por meio de Sua Palavra pessoal e escrita– a fim de O conhecermos melhor e podermos compartilhar de Suas atividades santas.

Parte Quatro

A Vontade de Deus

No volume *Conhecendo o Pai*, analisamos a vontade do Pai com certo nível de detalhe. Observamos que:

- O relacionamento de Jesus com o Seu Pai é caracterizado por confiança total e obediência radical
- ‘Fé’ é um conceito bíblico semelhante à ‘obediência’ – crer em Deus é obedecê-Lo; obedecer a Deus é crer Nele
- A obediência bíblica ou ‘obediência ao evangelho’, é sempre uma resposta à graça de Deus e nunca uma condição para esta graça.

O evangelho proclama que o Pai nos recebe exatamente do jeito que somos – como filhos que retornam, em todo o nosso desmerecimento – e que nossa resposta à graça do Pai deveria ser a grata obediência. Nós não Lhe obedecemos para receber o Seu gracioso perdão.

A boa-nova é que somos recebidos por Deus sem quaisquer *pré-condições*; mas jamais deveríamos esquecer que estamos retornando ao lar e à família do Pai, onde Ele é o Senhor e deve ser obedecido.

Obediência ao evangelho

No volume *Conhecendo o Pai*, definimos que a obediência ao evangelho é mais uma *obediência possibilitada* do que uma obediência exigida. O Pai não faz exigências impossíveis e depois se afasta para nos assistir fracassar; em vez disso, Ele nos dá o Filho e o Espírito por quem Ele nos capacita a obedecê-Lo.

Além disso, vemos que a obediência ao evangelho é *obediência pessoal ao 'Abba'*, e não obediência a um código de princípios gerais e regulamentos detalhados. Romanos 12:1,2 mostra que a obediência ao evangelho é bem diferente de uma tentativa de viver por princípios cristãos, ou de obedecer aos Dez Mandamentos, ou de implementar o Sermão do Monte.

Está claro que Jesus não vivia por um programa ou princípios; ele vivia de minuto a minuto discernindo qual forma específica a vontade consistente de Deus estava tomando em toda e cada situação que Ele enfrentava.

Ele sabia, por exemplo, que a cura era a vontade geral e suprema de Deus para todos; mas ele precisava entender a vontade específica de Deus para saber o que dizer a cada pessoa doente que encontrava. João 5:1–15 mostra que Ele discerniu que era vontade específica de Deus curar, por meio dele, apenas um dentre uma multidão de doentes naquele dia e lugar.

E Atos 16:6–10 registra como Paulo foi impedido pelo Espírito de ir a uma região pregar, e mais tarde a outra, até que foi direcionado a ir ao local que Deus queria. Paulo sabia que era a vontade geral de Deus que ele pregasse o evangelho aos gentios, mas precisava entender a vontade específica de Deus para o seu ministério naquele momento.

É exatamente essa obediência específica, pessoalmente dirigida à vontade de Deus, que precisamos seguir em nossas vidas – daí a grande importância de ouvir Deus para entender a Sua vontade específica, de momento em momento, para as nossas vidas. Assim como é obra do Espírito Santo nos revelar a Palavra pessoal e escrita de Deus, também é Sua obra nos revelar a vontade específica de Deus.

A prioridade da vontade de Deus

No volume *Conhecendo o Pai*, definimos que a vontade de Deus sempre tem prioridade sobre a nossa vontade humana em Seu chamado à obediência: a graça infinita é iniciativa de Deus, e a obediência ao evangelho é a nossa resposta.

A ordem divina é clara: O Pai tem a iniciativa, nós responde-

mos. Antes de movermos um passo em direção a Deus, mesmo enquanto estamos dizendo ‘Não’ a Ele, o Pai vem a nós em Seu Filho em graça abundante e ‘de graça’. Essa é uma verdade em toda área da vida espiritual.

Em toda esta série *Espada do Espírito*, buscamos enfatizar continuamente esse princípio importante. Por exemplo, mostramos repetidamente que:

- A vontade de Deus sempre tem prioridade
- A graça tem de estar acima de tudo, ou deixa de ser graça
- A fé em Deus, a unção do Espírito, os dons e ministérios do Espírito, são todos dados no contexto da graça abundante de Deus
- Quaisquer condições divinas – como a obediência ao evangelho – são uma grata resposta humana à graça e não requisitos para tal graça

Deveria estar claro que isso tem implicações consideráveis na maneira como ouvimos Deus. Se a ordem divina fosse ‘obediência e depois graça’, nós teríamos de recorrer a técnicas, sistemas e métodos quando estivéssemos famintos pela vontade de Deus – e esperar que nossa ‘obediência com esforço próprio’ fosse suficiente para atrair a atenção e bênção de Deus.

Porém, visto que a vontade de Deus tem prioridade em todas as coisas, e visto que a Sua graça é infinita e absoluta, podemos recorrer a Ele quando estivermos famintos por Sua vontade, certos de que Ele já está nos chamando para Si e para as Suas promessas.

Alguns crentes sugerem que a disponibilidade do Pai em falar conosco está condicionada a que peçamos para Ele falar. Eles dizem que Deus está disposto a falar, dar, agir e assim por diante, quando nós Lhe pedimos. Eles sugerem que, normalmente, Deus não fala conosco, a menos que nós O busquemos.

Porém, a ênfase bíblica na graça significa que nosso pedir é condicionado pela disponibilidade do Pai. É somente porque sabemos que é vontade de Deus falar conosco que ousamos pedir que Ele fale.

Vemos isto em Lucas 11:13. Esse versículo menciona dois elementos importantes – a disposição de Deus e nosso pedir

– e revela o jeito de Deus agir, dar, falar e assim por diante. Algumas pessoas pensam que o pedido por parte do ser humano nesse versículo vem antes da vontade de Deus, e é uma pré-condição de Sua disposição em dar o Espírito. Contudo, a ênfase bíblica de ‘primeiro a graça’ significa que a nossa petição é o resultado e a atuação da vontade de Deus de dar o Seu Espírito.

Crentes que enfatizam ‘primeiro a obediência’ se concentram em pedir a Deus que revele a Sua vontade – na hora da escolha, quando querem saber a vontade Dele. Ao passo que aqueles que enfatizam ‘primeiro a graça’ se concentram em ouvir Deus o *tempo todo*, a fim de não perderem aqueles momentos em que *Ele* lhes revela a Sua vontade.

Devemos nos lembrar constantemente desse princípio básico de ‘ouvir Deus’. Ele não fala conosco apenas porque *nós* pedimos que Ele fale conosco. Em vez disso, *nós* O ouvimos porque *Ele* continua nos chamando a continuarmos ouvindo-O. A prioridade e a iniciativa estão todas com Deus.

Entendendo a vontade de Deus

Observamos que o propósito principal de ouvir Deus é conhecê-Lo melhor. Deus nos revela Sua Palavra essencialmente para se revelar a nós. Ele fala conosco para nos aproximar Dele e nos aprofundar Nele. O verdadeiro ouvir bíblico sempre tem uma intenção e base relacionais – a direção e doutrina são secundárias.

Na realidade, podemos dizer que a melhor forma de entender a vontade de Deus é conhecendo-O mais intimamente – daí a nossa ênfase nessa série *Conhecendo o Pai, Conhecendo o Filho e Conhecendo o Espírito*.

Entretanto, Deus realmente revela a Sua vontade a nós quando fala conosco – embora sempre devamos compreender o contexto e propósito relacional de Sua revelação.

Também devemos perceber que, por ser espiritual, Deus raramente revela a Sua Palavra com uma voz audível, a qual ouvimos com os nossos ouvidos humanos. Em vez disso, Ele ‘fala’

pelo Espírito numa variedade de maneiras que devemos ‘ouvir’ ou ‘discernir’ em nossos *espíritos*, pela fé.

Além de soprar a Sua Palavra a nós por meio da Bíblia, Deus também tem cerca de dez maneiras de comunicar Sua vontade aos nossos espíritos.

Circunstâncias

Vimos em Atos 16:6–10, que Paulo foi guiado pelo Espírito à vontade específica de Deus para o seu ministério entre os gentios naquele momento. A passagem não deixa claro de que modo o Espírito impediu Paulo de pregar na Ásia ou Bitínia: Pode ter sido uma refreada sobrenatural em seu espírito, ou uma dificuldade circunstancial. Deus usa os dois meios, e um não é ‘superior’ ao outro.

O Novo Testamento mostra que Deus guiou Paulo durante toda a sua vida, por muitos meios. A partir dos acontecimentos de Atos 21, porém, as circunstâncias de Paulo parecem ter sido cada vez mais significativas no sentido de ajudá-lo a discernir a vontade específica de Deus para a sua vida e ministério.

As circunstâncias realmente desempenham um papel em nos ajudar a entender a vontade de Deus, mas devemos olhá-las de modo realista – e depois aplicar a sabedoria de Deus. Analisamos toda a parte de ‘juízo’ ou ‘teste’ de revelação na Parte Oito.

As circunstâncias podem ser interpretadas de diferentes maneiras. Por exemplo:

- Deus pode usá-las para provar a nossa fé e perseverança
- O diabo pode usá-las para se opor a nós, e nós podemos ter de ordená-las a sair do caminho.

Algumas ‘portas abertas’ podem levar a armadilhas, enquanto que algumas ‘portas fechadas’ podem ter de ser abertas a força. Isso significa que não deveríamos ser guiados apenas pelas circunstâncias, pois isso seria fatalismo pagão; em vez disso, deveríamos pedir a Deus que nos dê o dom espiritual de Sua sabedoria ou discernimento, a fim de que possamos interpretar as nossas circunstâncias corretamente.

Pensamento santo

Romanos 12:1 enfatiza a importância de uma mente espiritualmente renovada, e mostra a sua relevância para a nossa compreensão da vontade de Deus.

Ao criar a humanidade à Sua imagem, Deus nos deu mentes racionais, as quais desejou que usássemos; e Jesus revela – em Mateus 22:37 – que devemos usar *todo* o nosso entendimento para amar a Deus com toda intensidade possível. Além disso, Filipenses 2:5 ensina que os crentes também podem ser habitados pela própria mente de Jesus.

Esses três versículos ilustram a importância de nossas mentes. Apesar disso, em diferentes épocas da História, algumas partes da igreja menosprezaram a mente e desvalorizaram a capacitação mental e boa educação. Contudo, o pensamento disciplinado e desenvolvido é fundamental para o discipulado cristão, pois não conseguimos entender as parábolas e ensinamento de Jesus se não usarmos as nossas mentes. E como buscamos demonstrar em toda essa série *Espada do Espírito*, a Palavra e o Espírito não são, de modo algum, opostos.

O Espírito Santo ministra de fato aos nossos espíritos, mas Ele também vem para nos ensinar e guiar em toda verdade. Isso significa que precisamos responder à Sua obra tanto com *esforço mental* como com *abertura espiritual*.

Deus revela a Sua Palavra, a Sua vontade e Ele próprio a nós à medida que usamos *cada* habilidade concedida por Ele, e quando consideramos a nossa situação atentamente. Como vemos na Parte Oito, precisamos usar as nossas mentes renovadas para refletir sobre tudo, para avaliar os diferentes fatores e para agir com sabedoria em relação às conclusões espirituais às quais chegamos.

A maioria das vezes nós não precisamos de direção ‘sobrenatural’ ou ‘circunstancial’ especial para entender a vontade de Deus. O pensamento renovado e discernimento ou bom senso piedoso são apropriados para muitas coisas. É claro que nós fazemos tudo isso à luz da Palavra escrita de Deus e à medida que o Espírito Santo capacita e renova o nosso pensamento para alinhá-lo mais com o jeito divino de pensar.

A testemunha do Espírito

Sabemos que Deus é um ser espiritual pessoal que se comunica conosco por meio de nosso espírito. Ele raramente nos ‘fala’ com uma voz audível, que ‘ouvimos’ com nossos ouvidos humanos; em vez disso, a Sua Palavra e a Sua vontade nos vêm em Seu sopro, em Seu Espírito, e nós ‘ouvimos’ ou ‘discernimos’ a Sua vontade pela fé em nossos espíritos.

Quando um homem ou mulher ‘nasce de novo’, começa um novo relacionamento pessoal de ‘Pai/Filho’ com Deus. A terceira pessoa de Deus, o Espírito Santo, começa a ‘testificar’ ou ‘comunicar’ com seus espíritos de um modo que vai muito além de uma compreensão racional e mental dos fatos, muito além dos estímulos físicos e doutrinas bíblicas.

Como vemos nos volumes *Conhecendo o Espírito e Ministério no Espírito*, o Espírito Santo fala diretamente a nós, Ele nos dá um testemunho interior que sempre se alinha completamente à plena verdade da Palavra eterna de Deus.

É difícil descrever os diferentes modos que o Espírito dá esse testemunho oculto, já que Ele trata com cada crente de maneira individual e distinta. Podemos dizer, contudo, que Ele sempre oferece Seu testemunho em uma dentre três formas gerais. Por exemplo, Ele comunica:

- Por meio de uma impressão mental ou visual

Podemos ‘ver’ ou ‘sentir’ ou ‘ouvir’ ou ‘perceber’ um dos pensamentos do Espírito. Então temos de julgar se nossa impressão interior é fruto de imaginação humana, sugestão demoníaca ou revelação divina – consideramos este aspecto na Parte Oito. Podemos aprender a reconhecer a ‘voz’ do Espírito assim como aprendemos a reconhecer a voz de qualquer pessoa que não vemos.

- Por meio de uma refreada interior

Nós ‘sentimos’ ou ‘percebemos’ uma advertência interior, proveniente do Espírito, nos alertando de que algo não está muito correto. É claro que um sentimento desconfortável poderia ser um preconceito desconhecido ou poderia ter uma explicação física simples, porém, pode ser o jeito do Espírito de refrear o nosso

espírito e nos ‘dizer’ para esperar. De novo, devemos ‘provar’ ou ‘julgar’ esse sentimento antes de agir com base nele.

- Por meio de uma ‘liberação’ interior

Temos um sentimento interior de paz e encorajamento quando encaramos uma escolha ou decisão. Não podemos explicar esse ‘sentimento’ com as nossas mentes, mas sentimos em nosso espírito que Deus está agindo e que a situação, de algum modo, está vindo Dele.

Esse sentimento pode ser autoengano, entusiasmo humano, otimismo natural, ou encorajamento santo. Isso significa que devemos aprender a reconhecer o jeito de o Espírito se comunicar conosco, de modo que possamos discernir entre os pensamentos de Deus e os dos homens, ou ainda os pensamentos demoníacos.

A Palavra *rhema*

Vimos que há duas palavras gregas para ‘Palavra’. *Logos* indica a Palavra geral de Deus a todas as pessoas, e *rhema* indica a Sua Palavra específica para uma pessoa ou grupo.

Quando o Espírito ‘fala’ a Palavra *rhema* de Deus em nossos espíritos, é como se Ele usasse um holofote divino. Por meio de uma Palavra *rhema*, Deus pontua um aspecto de Sua Palavra *geral* nas Escrituras e revela a Palavra ‘agora’ que é supremamente relevante para a nossa situação. O Espírito toma essa Palavra *rhema* e a comunica a nós de modo pessoal e distinto.

A Palavra *rhema* de Deus vem a nós em Seu *sopro*, e não faz diferença se estamos ouvindo um sermão, lendo a Bíblia ou no meio de uma atividade cotidiana.

Sejam quais forem as circunstâncias, o Espírito de repente nos conscientiza de uma Palavra, uma frase, um versículo da Bíblia, uma linha de uma canção espiritual, um pensamento, uma ‘mensagem’ e assim por diante.

Cada Palavra *rhema* sempre se alinhará plenamente com a Palavra pessoal de Deus, Sua Palavra escrita, e com todas as outras Palavras *rhema* verdadeiras. E ela enfatizará um aspecto específico da Palavra geral de Deus – que será Sua Palavra ‘agora’ para nós, naquela situação específica, naquele momento específico.

Desejos santos

O salmo 37:4 ensina um princípio espiritual profundo e libertador, que sugere que Deus sempre revela a Sua vontade a nós por meio de nossos desejos. Se nosso desejo mais profundo for santo, ele pode ser de fato a vontade de Deus.

Devemos reconhecer que a vontade de Deus não é sempre o oposto do que queremos. À medida que vivemos na presença de Deus, quando somos mais e mais controlados e dirigidos por Ele, e no momento que somos renovados por Ele em nosso pensar, os desejos Dele se tornam ‘naturalmente’ os nossos desejos. Descobrimos que começamos a querer o que Ele quer.

O Salmo 37:4, contudo, lança uma condição restrita: nós devemos nos regozijar no Senhor. Esse versículo não significa que podemos continuar em pecado enquanto amamos a Deus. Pois quando amamos Deus verdadeiramente, nós amamos o que *Ele* ama, e desejamos o que *Ele* deseja.

Direção especial

Poderia haver uma distinção em Atos 16:6–10 entre o testemunho geral do Espírito a Paulo no versículo 7 e a orientação sobrenatural especial do Espírito nos versículos 6 e 9.

A Bíblia registra diversas circunstâncias em que Deus guia os Seus servos por meios impressionantes e incomuns, como visões e visitas de anjos. Vemos isso, por exemplo, em Números 12:6; 2Reis 1:3–15; 1Crônicas 21:18; Isaías 6; Ezequiel 12:8; Daniel 7:1; 9:21 e Zacarias 1:8–9. Devemos reconhecer, contudo, que essas não são maneiras comuns de Deus se comunicar conosco e não deveríamos desejar ardentemente essas experiências.

Em sua variedade criativa, Deus, às vezes, ‘fala’ mesmo por meio de encontros sobrenaturais maravilhosos como em Atos 9:4–6 e 10:9–16. Por isso, não devemos descartar histórias semelhantes em nossos dias. Porém, elas não são tão comuns, então devemos nos indagar acerca de crenças que sugerem que Deus sempre fala com eles por meio dessas maneiras impressionantes.

Os dons do Espírito Santo

Nos volumes *Conhecendo o Espírito* e *Ministério no Espírito*, percebemos que Deus tem dado dons espirituais especiais de revelação para a igreja, a fim de que a Sua vontade seja conhecida – e nós examinamos esses dons com certo detalhe.

O dom de profecia tem especial relevância para o ‘ouvir Deus’ e é analisado nas Partes Seis e Sete. Toda profecia – tanto pessoal como congregacional – deve ser ‘ponderada’, ‘julgada’, ‘filtrada’ e ‘provada’; e examinamos isso na Parte Oito. A profecia jamais deve tomar o lugar da Palavra ou mesmo contradizê-La. Onde houver discrepância entre uma profecia dita e as Escrituras, a profecia deve ser rejeitada.

Por várias vezes na história da Igreja, alguns grupos cristãos se ‘pré-ocuparam’ com profecia pessoal – como se essa fosse a maneira definitiva de Deus se comunicar com o Seu povo. Porém, a profecia pessoal é apenas uma das maneiras que Deus ‘fala’, e deve ser mantida na mesma linha de todas as outras maneiras que Ele usa para revelar a Sua vontade.

1 Tessalonicenses 5:19–21 estabelece o equilíbrio bíblico. Não devemos jamais tratar qualquer profecia com desprezo; mas também não devemos aceitá-la sem questionar. Devemos provar todas as coisas, e manter somente as partes da profecia que são boas.

Como vemos na Parte Oito, não estamos debaixo da obrigação espiritual de seguir uma profecia que não “testifique” com o nosso espírito. No geral, a profecia pessoal e congregacional deve:

- Confirmar o que percebemos que Deus já está ‘dizendo’
- Não ser uma tentativa de manipular ou controlar um crente
- Estar em conformidade com as Escrituras e o bom senso renovado.

Analisamos a profecia pessoal e congregacional na Parte Sete.

O fruto do Espírito

À medida que respondemos com ‘obediência ao evangelho’ a qualquer aspecto do ministério do Espírito Santo, Ele produz o ‘fruto’ distintivo em nossas vidas, descrito em Gálatas 5:22. Isso significa que, quando ouvimos o Espírito, Sua direção tem o

efeito resultante de desenvolver aqueles traços de caráter que indicam que Ele está trabalhando em nossas vidas.

Logo, podemos nos perguntar se a direção que pensamos que estamos recebendo está produzindo – ou tem probabilidade de produzir – o fruto do Espírito. Mesmo quando Deus está demolindo as nossas ideias humanas e nossos antigos padrões de comportamento, deve haver um sentimento profundo e duradouro de amor, alegria, paz, paciência, e assim por diante.

Porém, o fruto do Espírito não é simplesmente o resultado da Palavra de Deus operando em nossas vidas, é também um dos jeitos de Deus de testar as comunicações.

Vimos que a percepção de ‘paz interior’ é parte do testemunho do Espírito para nos ajudar a identificar a vontade de Deus. Na realidade, cada aspecto do fruto do Espírito é parte desse testemunho interior. Isso significa que, conforme o fruto se desenvolve em nós, nós nos tornamos mais bem equipados para reconhecer a voz de Deus e entender a Sua vontade.

Conselho santo

Analisamos o importante ministério de aconselhamento no volume *Ministério no Espírito*. Sua realidade mais seu perfil superior na Bíblia deveriam ser suficientes para nos convencer de que Deus com frequência revela a Sua vontade e propósitos por meio de crentes comprometidos e ungidos com o Espírito.

Passagens como Provérbios 12:15 e 15:22 mostram que deveríamos buscar cristãos piedosos e maduros – e ouvir os seus conselhos. Assim como fazemos com os muitos meios de orientação, deveríamos ouvir os seus conselhos, mas não aceitá-los cegamente. E, assim como fazemos com a profecia, devemos prová-lo, manter a parte que é boa, e então agir conforme a parte boa e santa.

Como discípulos, devemos estar prontos a submeter as nossas vontades seja ao que for que Deus nos disser por meio de conselheiros e orientadores. Porém, devemos lembrar-nos do Salmo 1:1,2, e cuidar para que o conselho que recebemos seja bíblico e plenamente alinhado com a Palavra de Deus.

O princípio do acordo

Deus não ‘fala’ conosco apenas de uma maneira; Ele sempre confirma a Sua Palavra revelando-a de várias maneiras. Passagens como Deuteronômio 19.5 e 2Coríntios 13:1 revelam o princípio espiritual eterno do acordo – que se fundamenta no caráter do próprio Deus trino.

Cada revelação é desejada pelo Pai, falada pela Palavra e executada pelo Espírito, mas sempre há acordo perfeito entre eles. Isso ocorre porque, no final, há uma única revelação – e é a autorrevelação do próprio Deus.

Nosso enfoque pode ser diferente, podemos focar mais na vontade do Pai, nas Palavras do Filho, ou ainda nas ações do Espírito; porém, precisamos reconhecer que esses enfoques sempre concordam entre si – eles se complementam perfeitamente.

Isso significa que não devemos ter a expectativa de que Deus envie duas ou três palavras proféticas semelhantes para nos guiar e dirigir. Em vez disso, devemos esperar que Ele envie a Sua Palavra a nós de duas ou três maneiras diferentes.

Jamais devemos supor que a revelação virá de Deus a nós de uma forma específica. Ele escolhe o modo que fala, e nós O ouvimos conforme os Seus princípios. Em cada situação, é Ele que escolhe se vai falar conosco por intermédio de nossas circunstâncias ou por meio de um sonho, ou sermão, ou por uma Palavra profética, ou um versículo – e depois Ele confirma a Sua revelação mostrando-nos a mesma Palavra de outras maneiras complementares.

Deus não fala apenas por meio de palavras proféticas, visões ou circunstâncias, ou então somente por meio de um ministério específico etc. Não podemos saber como Deus falará conosco, podemos apenas ter certeza de que Ele está falando conosco.

Isso quer dizer que deveríamos estar sempre ouvindo Deus, sempre plenamente alertas à Sua vontade e Sua Palavra. Toda vez que percebemos que Ele está falando conosco, devemos orar e esperar que confirme a Sua Palavra de outras maneiras – sem tentar engendrar algo que se adeque à *nossa* vontade.

A vontade de Deus deve ser feita do jeito Dele – em Seu tempo e conforme os Seus métodos. Pois ao mesmo tempo em que podemos estar certos de que algo seja a vontade de Deus para nós, podemos não ter certeza do modo e quando Ele quer que o realizemos. Contudo, cada passo na vontade de Deus deve ser feito de acordo com a Sua maneira específica para nós. Com frequência Deus revela a Sua vontade progressivamente, e isso significa que cada passo também deve ser seguido progressivamente. Podemos, portanto, falar do processo de direção como ouvir a Palavra de Deus, entender a Sua vontade e discernir o Seu caminho.

É errado, entretanto, esperar que Deus confirme algo que Ele já revelou em Sua Palavra escrita, ou escarafunchar as Escrituras para encontrar um versículo obscuro que possamos usar para confirmar a nossa sensação. Nossa orientação está sujeita às Escrituras e não o inverso; porém, precisamos *ouvir* a voz de Deus e não tentar manipular a Sua Palavra.

Parte Cinco

O Ouvir Profético do Antigo Testamento

Um dos temas desta série A Espada do Espírito é que todos os crentes têm um chamado essencialmente ‘profético’. Como vemos nos volumes *Conhecendo o Espírito* e *Ministério no Espírito*, devemos ser parceiros ativos de Deus em vez de Seus espectadores passivos: Somos chamados a caminhar passo a passo com Deus e a falar as Suas Palavras e a realizar os Seus atos. Precisa estar claro que esse tipo de parceria deve se basear em ouvir Deus cuidadosamente e entender a Sua Palavra e vontade de modo preciso.

Uma boa definição de profecia cristã geral é ‘ouvir e ver o que Deus está dizendo e passar adiante’; e é este entendimento amplo que revela o chamado ‘profético’ geral dos crentes. Também firma o elo vital entre ‘ouvir Deus’ e toda forma de serviço ou ministério cristão.

Muitos crentes de hoje se concentram no elemento ‘de fala’ quando pensam em profecia; mas não pode haver um falar profético verdadeiro a menos que tenha havido um ouvir profético verdadeiro – e não pode existir um ouvir profético sem um relacionamento pessoal profético com Deus.

O chamado profético

No Antigo Testamento, a maioria dos profetas era chamada de ‘homem de Deus’. A descrição sugere o relacionamento íntimo que está no centro do chamado profético.

Moisés é o primeiro profeta a ser identificado dessa maneira; mas foi seguido por muitos outros, por exemplo, em Deuteronômio 33:1; 1Samuel 2: 27; 9:6; 1Reis 13;20;28; 25:7–9; 2Reis 4:7; 2Crônicas 25:7–9 e Neemias 12:24.

Os profetas do Antigo Testamento também eram chamados muitas vezes de ‘servos’. Embora a frase ‘o servo de Deus’ seja dada somente a Moisés, para a maioria dos outros profetas se usa ‘o servo Dele, Seu servo, meu servo’ 2Reis 17:13 e Esdras 9.11 ilustram o relacionamento íntimo de servo que os profetas do Antigo Testamento desfrutavam com Deus.

Já se sugeriu, em termos amplos, que o título ‘homem de Deus’ seja uma referência ao modo que os profetas eram entendidos por seus semelhantes e que ‘meu servo’ se refere ao modo que eles eram vistos por Deus. Seja qual for o mérito da distinção, ela destaca de fato os dois relacionamentos-chave do profeta, o que ele tinha com Deus e com o homem.

Três palavras hebraicas são traduzidas no Antigo Testamento como ‘profeta’. Todas parecem ser usadas como sinônimos.

Nabi sugere a ideia de ‘chamado’. Mostra que os profetas são ‘chamados por Deus’ e são ‘chamados para Deus’ – de modo que possam ‘chamar a Deus’ e ‘chamar por Deus’.

Tanto *Roeh* quanto *hozeh* sugerem a ideia de ‘ver’. Elas mostram que os profetas ‘veem Deus’, ‘veem o que Deus está fazendo’, ‘veem os eventos humanos da perspectiva de Deus’ e ‘são vistos por homens e mulheres’.

Essas palavras hebraicas transmitem a essência do chamado profético – que é ser chamado por Deus para ver e ouvir estas coisas que permanecem invisíveis e inaudíveis a outras pessoas, e para chamar as pessoas a Deus.

O propósito do chamado profético

Vimos que Deus ‘fala a Sua Palavra essencialmente para revelar a si mesmo. Devemos, portanto, esperar que haja no centro do chamado profético um conhecimento pessoal íntimo de Deus. Deus sempre Se revela e ‘fala’ a nós a fim de que possamos conhecê-Lo – e para que possamos cumprir o nosso propósito

principal como homens e mulheres nessa vida.

Na Bíblia, Abraão é a primeira pessoa a ser identificada como um profeta, e podemos delinear o desenvolvimento do relacionamento pessoal íntimo do ‘conhecer’ que levou ao seu ministério profético.

- Atos 7:1,2 relata como Deus apareceu a primeira vez a Abraão e falou com ele.
- Isaías 41:8 mostra que Abraão então se tornou amigo de Deus.
- Gênesis 18:17–21 descreve como Deus continuou a revelar as Suas intenções ao amigo

Os princípios idênticos de que a revelação profética é essencialmente para o conhecimento de Deus e que esta revelação é dada principalmente no contexto de relacionamento íntimo podem ser vistos, por exemplo, em 1Samuel 3:7; Isaías 50:4,5; Amós 3:7; Daniel 9:23; 10:11 e João 13:21–26:

Isso sugere que o nosso chamado profético é primeiramente um apelo a um relacionamento íntimo com Deus. Também revela os segredos de Seu coração – seus fardos, alegrias, desejos, intenções e instruções – para aquelas pessoas que obedeceram ao Seu apelo e estão ouvindo com especial atenção.

O chamado

Os profetas do Antigo Testamento não podiam chamar a si próprios a Deus; eles tinham de ser chamados ou convocados por Deus. Como sempre, a iniciativa é claramente de Deus, somente Dele.

Todos os diferentes relatos bíblicos de chamado profético revelam o poder inerente do chamado de Deus. As pessoas convocadas por Deus tinham de deixar de lado o que estavam fazendo e começar a ouvir Deus ou tinham de desobedecer à Palavra e à vontade de Deus. Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 3:1–10; 1Samuel 3:1–21; 1Reis 19.16, 19–21; 2Reis 2:9–15; Isaías 6:1–9; Jeremias 1:4-10, Ezequiel 1; 2:3; Oseias 1:2; Amós 7:14,15 e Jonas 1:1.

Os estudiosos muitas vezes destacam os padrões gerais que são evidentes nos chamados proféticos do Antigo Testamento. Geralmente, há uma situação de angústia ou crise em que Deus

confronta a pessoa que deve se tornar um profeta. Em seguida, Deus encarrega a pessoa de uma ação ou mensagem profética. Neste ponto o profeta pode levantar objeções quanto à tarefa, geralmente tendo a ver com a própria inadequabilidade de realizá-la fielmente. Porém, Deus dá a garantia de ajuda e direção. Dá-se então um sinal para confirmar a responsabilidade pela tarefa, geralmente com a declaração explícita de seu conteúdo. Vemos isto em Jeremias 1:3–19, por exemplo.

Porém, o objetivo primeiro do chamado profético no Antigo Testamento era convocar o homem ou mulher à presença do Deus santo – e somente em segundo lugar enviá-los a uma missão divina. Somente quando haviam estado diante de Deus e ouvido a Sua Palavra é que as pessoas podiam estar diante de homens e mulheres do mundo. Vemos isso de uma maneira especialmente clara na vida de Moisés: por exemplo, Êxodo 3:4–10; 33:11; 34:34,35; Números 12:1–8; Deuteronômio 5:4 e 34:10.

Quando os profetas obedeciam ao chamado e entravam na presença de Deus, sua função era simplesmente ouvi-Lo enquanto Ele sussurrava Seus segredos. Como já percebemos, Deus nunca faz nada sem antes revelar a Sua intenção aos Seus servos, os profetas. Isso deveria nos ajudar a valorizar a grande importância de ouvir dentro de nossa parceria com Deus.

Depois de estar diante de Deus e ouvir a Sua Palavra e a Sua vontade específica, os profetas foram enviados a situações específicas e com uma mensagem específica. Podemos ver isto em 1Reis 22, Jeremias 23:22 e Amós 3:7:

A função profética

Após ouvir, a principal função dos profetas do Antigo Testamento era falar a Palavra de *Deus*. Eles tinham de agir conforme haviam ouvido. Vemos isto em Êxodo 3:14; 4:13–17; 6:28–7:2; Jeremias 1:9 e Isaías 6:6–7.

1. Falar as Palavras de Deus

O principal ímpeto da mensagem profética era sempre “Acerte-se com Deus.” Os profetas davam advertências a respeito do futuro

e as validavam citando exemplos da interação de Deus com o Seu povo no passado. Eles chamavam os ímpios ao arrependimento desenhando um quadro da ira vindoura. Eles declaravam a ira de Deus contra indivíduos e nações e tentavam introduzir um temor saudável de Deus em cada situação.

No que diz respeito aos profetas do Antigo Testamento, a reconciliação com Deus somente era possível quando as pessoas se conscientizavam de Sua ira santa e tinham uma atitude correta em relação a Ele. Essas profecias de ‘reconciliação’ constituem o volume de profecias do Antigo Testamento. Amós 5; Sofonias 1:14–2:3 e Oseias 5 são típicos desse tipo de profecia.

Eventualmente, os profetas falavam em termos de bênção futura e chamavam os piedosos a uma santidade maior – como em Isaías 2:2–5. Eles cobravam as pessoas para viver conforme o seu chamado. Trata-se apenas de um modo diferente de expressar a mesma mensagem ‘acerte-se com Deus’.

2. Revelar a compaixão de Deus

Moisés foi o profeta supremo do Antigo Testamento e sua ênfase divinamente inspirada na moral e justiça social está na Lei Judaica, por exemplo, Levítico 19.9–18 e Deuteronômio 23:15–25.

A compaixão de Deus foi destacada pelos profetas posteriores: Vemos isso, por exemplo, em 2Crônicas 28:9-15; Amós 2:6–7; 4:1–3 e 8:4–8.

3. Oferecer o *insight* de Deus

Os profetas muitas vezes eram chamados de videntes em Israel, porque ofereciam às pessoas a ideia de Deus quanto aos acontecimentos futuros e contemporâneos: Vemos isso, por exemplo, em Deuteronômio 18:22 e Isaías 1:7–9.

Eles lembravam constantemente as pessoas acerca do que Deus havia feito e usavam esse entendimento do passado para revelar a natureza de Deus. Com base nisso, eles então revelavam o que Deus estava para fazer. Não era uma adivinhação inspirada; era revelação divina. Eles não faziam projeções; eles profetizavam: Isto é, eles falavam o que haviam ouvido Deus

dizer a eles enquanto O estavam ouvindo, e o que conheciam de Seu caráter imutável por meio do relacionamento com Ele.

De modo especial, os profetas chamavam as pessoas a se afastar dos falsos deuses e se aproximar do Deus verdadeiro. Eles faziam isso lembrando as pessoas de como Deus lidara no passado com aqueles que se afastaram da adoração exclusiva a *lavé*. Vemos isto em Isaías 41:21–23 e 45:20–22:

Às vezes os profetas anunciavam acontecimentos que estavam para se concretizar num futuro próximo e, no mesmo sopro, com as mesmas palavras, previam outro acontecimento que estava, talvez, mil anos à frente.

Em Deuteronômio 18:15, Moisés tranquilizou as pessoas quanto ao que ocorreria quando ele morresse. Ele tinha em mente Josué como profeta ‘dentre vocês mesmos’. Porém, esta era também uma profecia sobre outro ‘*Yeshua*’ de Nazaré uns 1500 anos mais tarde. Isaías 7:14 é outro exemplo desse tipo de ‘*insight*’ – ou profecia do ‘agora e ainda não’.

Alguns profetas tiveram um papel importante nos acontecimentos nacionais e os dois primeiros reis, Saul e Davi, também eram profetas. A partir daí houve uma ligação íntima entre o rei ungido e o profeta ungido.

Às vezes um rei consultaria um profeta para saber as ideias de Deus ou receber conselho divino – como em 1Reis 14:1–18; 2Reis 6:21–23, 8:7,8 e 2Crônicas 34:22–28. Outras vezes um profeta era enviado a confrontar um líder com a mensagem de Deus – por exemplo, 1Reis 11:29–39, 13:1–10 e 18:1,2. Isso nos lembra de que Deus ‘fala’ acerca de cada aspecto da vida e não somente de elementos ‘espirituais’.

4. Anunciar os atos de Deus

Os servos de Deus, os profetas, são as únicas pessoas que apresentam o registro de envolvimento com o miraculoso no Antigo Testamento – com sinais, maravilhas e curas: Trata-se de uma parte frequente do ministério profético.

Somente aqueles homens e mulheres que foram ungidos com o Espírito de Deus podem ser ‘executores’ dos atos de Deus.

Vemos isso, por exemplo, em Gênesis 20; Números 12; 1Reis 13;17:7–24; 2Reis 4:8–37; 20:1–11; 2Crônicas 25:5–16 e Jeremias 38:14–28:

Como observamos no volume *Ministério no Espírito*, essa é uma parceria com Deus e não uma capacidade pessoal de operar milagres. Nossa responsabilidade particular é ouvir Deus – e então falar as Suas Palavras e seguir as Suas instruções. Deus opera o milagre; os profetas simplesmente anunciam o que ouviram Deus ‘dizer’ na privacidade do seu relacionamento íntimo.

5. Interceder com Deus

Gênesis 20:7 descreve Abraão, o primeiro profeta, como sendo capaz de apelar com sucesso para Deus – e assim trazer mudança para a situação. A intercessão é essencial para o chamado profético, pois os profetas são os que invocam Deus e são chamados à presença Dele para consulta.

Êxodo 18:19 registra a sugestão de Jetro de que Moisés deveria tornar a intercessão sua prioridade e Números 27:5 mostra que Moisés implementou este conselho.

De vez em quando os profetas do Antigo Testamento se tornavam conhecidos como intercessores tão eficazes, que os reis imploravam para eles apelarem a Deus em seu favor. Vemos isso, por exemplo, em 1Reis 13:6; 2Reis 19.4 e Zacarias 7:1–3.

Inspiração profética

Deveria estar claro que os profetas tinham de ser inspirados por Deus para operar profeticamente. Eles tinham de ouvir cuidadosamente para entender as ideias e instruções de Deus: O ouvir profético *sempre* precedia a fala profética e as ações proféticas.

O Antigo Testamento registra que os profetas eram dirigidos ou inspirados principalmente pela ‘Palavra de Deus’ ou pelo ‘Espírito de Deus’. Podemos dizer que alguns profetas, por exemplo, Moisés, eram ‘inspirados’ principalmente ‘pela Palavra’ e que outros, como Elias, eram ‘inspirados’ principalmente ‘pelo Espírito’. Mas isso não deve ser superenfaticado.

A Palavra do Senhor

O Antigo Testamento sugere que a Palavra do Senhor tinha um impacto dinâmico nos profetas: Isto está bem claro em Amós 3:8. As Escrituras usam muitas vezes a frase ‘a Palavra do Senhor veio a’; e isso enfatiza tanto a natureza viva da Palavra como a iniciativa divina.

‘Veio a’ é mais bem traduzido como ‘tornou-se ativamente presente a’; ou, de modo mais simples, como ‘era para’. Em Zacarias 1:1, a ‘vinda’ da Palavra de Deus parece tomar grande parte do mês oito; ao passo que em Zacarias 1:7, a Palavra vem no dia 24 do mês 11. Isso sugere que a vinda da Palavra de Deus pode se referir a uma conscientização interior da mensagem específica de Deus que se desenvolve com o tempo, bem como a uma conscientização mais imediata da voz de Deus.

Pelo fato de a Palavra de Deus, como Deus, ser infinita, eterna e sempre conosco, a vinda de Sua Palavra pode destacar uma verdade que já se conhece ou pode revelar algo que não se sabia.

Às vezes, a Palavra de Deus vinha aos profetas em uma experiência sobrenatural surpreendente – como em Isaías 6:1-10 e Ezequiel 1:1-3. Porém, outras vezes ela vinha no contexto de acontecimentos comuns, como a visão de uma amendoeira, dois cestos de figo, e visitas a uma oficina e um canteiro de obras – como em Jeremias 1:11; 18:1-4; 24 e Amós 7:7:

Esses episódios mostram que Deus ‘falou’ Sua Palavra aos servos que O ouviam na intimidade da comunhão particular e também no cotidiano de suas vidas – e em termos comuns, que eles entendiam e podiam passar adiante com facilidade.

O fardo do Senhor

Habacuque 1:1 se refere à massa de Deus. Algumas traduções trazem como ‘mensagem’ ou ‘oráculo’, mas literalmente significa uma ‘carga pesada’ ou ‘fardo’. Sugere a ideia de Deus permitir que o profeta sinta o peso ou intensidade de Seus sentimentos em relação a um assunto específico.

Isaías sentiu muitas vezes o fardo do Senhor com relação às outras nações – como em Isaías 13-23; e Jeremias 23:33-40 identi-

fica falsos profetas como um fardo particular do Senhor. Repetindo, isso parece uma conscientização crescente no espírito do profeta que se desenvolve por meio da comunhão íntima e do ouvir cuidadoso.

O Espírito do Senhor

O Antigo Testamento apresenta um elo muito forte entre o Espírito e profecia. Vemos isso, por exemplo, em Números 11:29; 1Samuel 10, 19.18–24; Miqueias 3:8 e Joel 2:28.

Também está claro que, no Antigo Testamento, a unção do Espírito normalmente resultava na atividade de profetização divina. Parece que isso se refere a um tipo de inspiração mais instantâneo para proclamação imediata.

Sonhos, visões e anjos

Os profetas do Antigo Testamento muitas vezes eram inspirados por visões de dia e sonhos à noite. Vemos isso, por exemplo, em Números 12:6; Isaías 6; Ezequiel 12:8; Daniel 7:1 e Zacarias 1:8. Diz-se às vezes que Jeremias 23:28 ensina a invalidade dos sonhos como um método de verificar a Palavra do Senhor. Porém, trata-se de uma passagem sobre falsa profecia e em todos os outros lugares Jeremias parece de fato ter descoberto a Palavra de Deus por meio de um sonho – 31:26.

Em contraste aos sonhos e visões, a Bíblia menciona poucos exemplos de anjos sendo enviados a profetas: 2 Reis 1:3–15; 1Crônicas 21:18; Daniel 9:21 e Zacarias 1:9 são os únicos episódios registrados. Isso pode ocorrer porque o chamado profético baseia-se em um relacionamento íntimo, face a face com o próprio Deus; ou pode ser porque, como mensageiros de Deus, os anjos e os profetas têm uma função muito semelhante.

Ministério profético

Embora todos os profetas do Antigo Testamento fossem inspirados pelo mesmo Deus, *lavé*, cada um tinha um estilo diferente e distinto de ministrar. Isaías, por exemplo, é tão diferente de Ezequiel quanto Rembrandt de Picasso. As Palavras eram de Deus, mas eles também eram humanos: O ministério profético é uma par-

ceria autêntica entre um mestre e um servo – que por acaso são amigos íntimos.

Palavras proféticas

Os profetas do Antigo Testamento sabiam que eram apenas porta-vozes de Deus: eles estavam simplesmente transmitindo a revelação que haviam recebido por meio do ouvir profético.

Porém, inspiração divina não é o mesmo que ditado divino. Os profetas sempre recebiam a ‘essência’ rHEMA diretamente de Deus, mas eles coloriam e aromatizavam aquela ‘essência’ com as próprias personalidades, contextos e cultura.

Em seguida, eles falavam a ‘Palavra colorida e aromatizada’ em uma ampla variedade de estilos humanos. Nenhum meio de comunicação estava sempre certo, eles usavam o estilo mais apropriado, fosse qual fosse, para o povo específico que estavam abordando.

No Antigo Testamento, vemos os profetas usando, por exemplo, a narrativa em verso, prosa, parábolas, discurso direto, sátira, Salmos, lamentações, pregação etc.

Fosse qual fosse a forma de suas palavras, os profetas jamais expressavam uma opinião humana ao falarem. Em vez disso, eles traziam uma declaração que alterava a situação – o que eles anunciavam sempre ocorria.

Isaias 40:6–8 e Isaías 55:11 revelam o poder impressionante da palavra profética falada e analisamos este aspecto em todo o volume *Ministério no Espírito*.

Vidas proféticas

Como observamos, o chamado do profeta não é essencialmente para funcionar como um porta-voz divino; ao contrário, é principalmente viver em um relacionamento íntimo de ‘ser conhecido e conhecer’ com o Deus santo. Isso significa que as vidas dos profetas eram tão importantes quanto as suas palavras em termos de revelar Deus.

As Escrituras deixam claro que o casamento infeliz de Oseias foi um símbolo potente, a vida de Jeremias foi uma lição dura,

Ezequiel foi um sinal para a casa de Israel e Isaías e seus filhos foram sinais e presságios.

O modo que os profetas viviam proclamava uma mensagem da justiça e reconciliação de Deus que era tão poderosa quanto as suas palavras: Eles não eram ‘homens de Deus’ por nada. Vemos isso, por exemplo, em Isaías 8:18; Jeremias 16; Ezequiel 4:3; 12:6; 24:24 e Oseias 1:3.

Ações proféticas

Alguns profetas do Antigo Testamento usavam ações dramáticas e simbólicas como parte da maneira de comunicar a Palavra de Deus às pessoas em redor – por exemplo, Êxodo 17:9; Jeremias 19.1, 10, 11 e Ezequiel 4:1–3.

Não se tratava de ‘recursos visuais’; eram atos proféticos que, de pleno direito, proclamavam o que os profetas ouviram Deus falar.

Como observamos, muitas ações proféticas eram sinais e maravilhas sobrenaturais. De fato, o Antigo Testamento somente descreve profetas ungidos agindo como parceiros de Deus em milagres e curas. As vidas de Moisés, Elias e Eliseu contêm muitos exemplos famosos, mas 1Reis 13:1–10 mostra que Deus também usou outros profetas.

Falsa profecia

É importante entender que a Bíblia não define um teste para se definir uma profecia falsa. Em vez disso, fornece uma série de princípios pelos quais os falsos profetas podem ser distinguidos dos verdadeiros.

Isso sugere que deveríamos concentrar mais no fundamento da profecia – o ouvir, o relacionamento íntimo com Deus – mais do que nas palavras e atos proféticos.

Analisamos as questões dos profetas falsos e julgamento de revelações na Parte Oito. Porém, por hora, podemos perceber que Moisés oferece dois testes em Deuteronômio 13:1–5 e Deuteronômio 18:21,22.

Moisés ensina que falsos profetas podem ser identificados:

- Pelo fracasso de suas profecias preditivas (mas o inverso não é necessariamente verdadeiro: o cumprimento não é uma prova de legitimidade).
- Pelo jeito que nomeiam pessoas com nomes de deuses que não são o único Deus verdadeiro.

Jeremias 23:9-40 e Ezequiel 12:21–14:11 oferecem mais três testes:

- Seus estilos de vida são imorais
- Eles não verificam a imoralidade nos outros
- Eles invocam paz sem considerar as condições morais e espirituais necessárias para a paz.

Nós afirmamos no volume *Ministério no Espírito* que a profecia autêntica do Antigo Testamento é a base essencial sobre a qual se deve construir qualquer entendimento do ministério contemporâneo. Agora podemos perceber que o ouvir profético é absolutamente fundamental a toda a profetização bíblica – e também a todo aspecto da vida cristã.

À medida em que fomos desenvolvendo neste volume o entendimento do processo ‘Deus fala/crentes ouvem’, retornaremos muitas vezes a essa base profética do Antigo Testamento.

Nós não ouvimos Deus para desfrutar um som agradável; em vez disso, nós O ouvimos para que possamos ser atraídos para mais perto Dele – e depois então possamos ser enviados com Sua Palavra à Igreja e ao mundo.

Oposição ao profético

O Antigo Testamento também registra oposição ao ministério profético. Elias, por exemplo – um dos profetas mais conhecidos do Antigo Testamento – foi chamado e ungido por Deus. Porém, ele enfrentou tremenda oposição espiritual ao seu ministério profético, mais especificamente da rainha Jezabel, esposa do rei Acabe, que matou muitos profetas de Deus.

Palavras e atos proféticos ungidos são uma ameaça séria às forças do diabo, e elas sempre respondem com fúria. A atividade profética de Elias levantou ira do que podemos chamar de ‘o espírito de Jezabel’ e ele teve de enfrentar a força total de sua

ira. O diabo odeia o povo profético de Deus, e é por isso que ele deu a um de seus principados mais terríveis a responsabilidade maligna de orquestrar as forças das trevas contra o povo.

O 'espírito de Jezabel' é o mesmo espírito maligno que hoje tem o objetivo de tentar evitar que o povo de Deus seja eficaz em seu ministério profético na Igreja e no mundo. A Igreja hoje em dia precisa estar muito consciente da oposição espiritual e deve se levantar no poder do Espírito Santo, assim como Elias. Elias confrontou os falsos deuses e falsos profetas de sua época, chamou o povo de volta a Deus e, no final, quebrou os grilhões da rainha Jezabel sobre a nação.

Parte Seis

O Ouvir Profético do Novo Testamento

Vimos em Deuteronômio, 18:14–20, que Moisés preparou profeticamente o povo de Israel para a liderança de Josué e – *com as mesmas palavras* – também anunciou profeticamente que Deus, um dia, enviaria outro profeta que seria como ele próprio.

Na época de Jesus, os judeus esperavam que o Messias que viria seria um segundo Moisés – que ele seria outro profeta a quem Deus se revelaria com tanta intimidade quanto em Números 12:6–8; outro servo que repetiria, em grande escala, os atos milagrosos do êxodo.

Quando os sacerdotes e levitas questionaram João Batista, em João 1:19–25, eles estavam ansiosos por definir se João era ‘o Profeta’ – aquele que fora profetizado por Moisés em Deuteronômio 18:15–20: Ao passo que em Atos 3:22–24, Pedro mostra que ele acreditava que Jesus era esse profeta supremo esperado havia muito tempo.

Muito embora a maior parte das pessoas naquela época não acreditava que Jesus era divino e apenas alguns percebiam que Ele era o Messias, muitos judeus reconheceram que Jesus era ‘um’ profeta – se não ‘o’ profeta. Por exemplo, vemos que:

- Cléopas percebeu que Jesus era um profeta por causa das coisas que Ele dizia e fazia – Lucas 24:19
- A mulher samaritana no poço de Jacó entendeu que Jesus era um profeta quando o Espírito lhe falou dos maridos dela – João 4:18
- As multidões receberam Jesus como um profeta quando Ele alimentou os cinco mil – João 6:14
- Também o receberam como profeta quando Ele entrou em Jerusalém montado em um jumento – Mateus 21:11
- Os inimigos de Cristo se referiram a Ele como um profeta na discussão com Nicodemos – João 7:52
- Jesus parecia se considerar um profeta – Mateus 13:57

Jesus, ‘o’ profeta

Jesus foi tanto ‘o’ grande Profeta de Números 12: 6–8 e Deuteronomio 18:14–17, como ‘o’ profético Servo Sofredor de Deus que cumpriu perfeitamente os quatro cânticos proféticos de Isaías 42:1–9; 49:1–7; 50:4–11 e 52:13–53:12.

Podemos dizer que durante a Sua vida e ministério na Terra, Jesus manifestou todos os sinais de um profeta extraordinário.

Ele conhecia Deus

Os profetas do Antigo Testamento eram íntimos do coração de Deus, mas João 1:18 mostra que Jesus, entre todos os outros, era o mais próximo do coração do Pai.

Os profetas compartilhavam dos segredos de Deus, contudo, Mateus 11:27 indica um nível de intimidade que era ainda maior que o de Moisés. Os profetas conheciam Deus e O revelavam por meio de suas vidas, palavras e atos; mas somente Jesus conheceu e revelou o Pai perfeitamente.

Sabemos que Jesus é o Filho de Deus, o Cordeiro de Deus, a Palavra pessoal de Deus, a Luz do Mundo etc. e, como tal, Ele é o grande e perfeito revelador profético de Deus, o Pai. Analisamos esse aspecto com mais detalhe no volume *Conhecendo o Pai e Conhecendo o Filho*.

Ele ouvia e obedecia

Embora dê muito mais ênfase à divindade de Jesus do que os outros três Evangelhos, o Evangelho de João é o que mais enfatiza o fato de que Jesus está totalmente sob a autoridade do Pai. Deixa claro que Jesus nunca vai a lugar nenhum, faz coisa alguma, fala ou age, exceto em resposta obediente a uma iniciativa proveniente de Seu Pai. Vemos isso, por exemplo, em João 4:34; 5:19, 30; 6:38; 7:28,29; 8:28,29; 10:18 e 12:49–50.

Isso significa que o ouvir profético e a obediência ao Evangelho são fundamentais para a vida e ministério de Jesus. Ele é o ‘enviado’ que, como os profetas do Antigo Testamento, responde obedientemente tanto aos seus apelos a Deus como à incumbência profética que Ele escuta em Seu espírito durante o ato de ouvir. Ele ouve, obedece e age conforme o que ouve.

Mateus 15:24 mostra que Jesus foi enviado a uma área claramente delineada com um chamado profético único. Ele tinha de profetizar a um povo específico, em um lugar específico, por um período limitado.

O aparecimento repentino e o início da atividade profética – que vemos, por exemplo, em Elias e Amós – se repete na vida de Jesus. Um dia Ele era um carpinteiro que ninguém parecia ter percebido que era incomum. Então foi chamado, ungido publicamente e enviado.

Apenas seis semanas depois. Jesus estava curando o enfermo, expulsando demônios e falando a Palavra poderosa de Deus – com uma autoridade que espantava aqueles que O encontravam.

Ele falava as Palavras de Deus

Temos percebido que os profetas são porta-vozes de Deus; eles anunciam *os pensamentos e ideias* de Deus, não deles mesmos. Os textos de João 12:49,50 e 14:10 mostram que Jesus não reivindicava originalidade para o Seu discurso: cada palavra que Ele falava era o que o Pai Lhe dissera. Suas palavras proféticas baseavam-se inteiramente em Seu ouvir profético.

Ele realizava os atos de Deus

Porém, Jesus não era só de falar e de não fazer. Ele era o Profeta 'poderoso em palavra e atos'. Como tantos de Seus antecessores proféticos, Suas palavras eram confirmadas por Seus atos.

Em diferentes épocas da história da igreja, alguns crentes enfatizaram e defenderam tanto a divindade de Jesus que quase O desumanizaram – quando sabemos que Ele era plenamente Deus e plenamente humano.

Porém, uma ênfase exagerada na divindade de Jesus pode dar a impressão de que Ele curou o enfermo e operou milagres *porque* era Deus. Entretanto, se isso fosse verdade, lançaria dúvidas sobre as promessas de Jesus a Seus seguidores quanto às 'coisas maiores' e 'sinais que os seguiriam'.

Os profetas servos no Antigo Testamento foram parceiros de Deus na cura de enfermos, na ressurreição de mortos e na operação de maravilhas, porque eles haviam sido ungidos com o Espírito de Deus e porque ouviram atentamente Deus e seguiram Suas instruções com muito cuidado.

Da mesma maneira, Jesus realizou as obras de Deus porque era um servo humilde cheio do Espírito de Deus, que ouvia Seu Pai, e que às instruções Deste limitava Suas Palavras e ações. Em João 9:17, um mendigo cego identificou Jesus como um profeta, precisamente porque Ele abria os seus olhos: Para ele, o milagre foi uma prova do chamado profético de Jesus; não indicava divindade.

Como observamos no volume *Ministério no Espírito*, essa verdade importante significa que o miraculoso é acessível a todo crente que foi ungido com o Espírito, que continua ouvindo Deus cuidadosamente e respondendo a Ele com obediência ao Evangelho.

O elo entre o Espírito e a profecia no Antigo Testamento é trazido a um clímax na vida de Jesus. Atos 10:34–48 registra o discurso de Pedro na casa de Cornélio. Citando Isaías 61:1 e aplicando a Jesus, Pedro deixa claro que é a unção pública de Jesus com o Espírito que faz a diferença.

O batismo de Jesus foi um momento crucial em Sua vida. Ao se levantar do rio Jordão, em Mateus 3:16,17, o Espírito veio

sobre Ele. É claro que Jesus fora o *Cristos*, o Messias, o 'Ungido' por toda a eternidade; porém, naquele momento da unção pública, o Filho de Deus foi separado como um profeta amado, ungido com o Espírito – com um apelo especial para a intimidade com o Pai, e com uma incumbência exclusiva de palavras de serviço e obra de sacrifício.

Ele ungia outros

O Antigo Testamento registra que alguns profetas revelavam aqueles que Deus escolhera para servir como reis ou profetas, e depois os ungiam para o serviço. Vemos isso, por exemplo, em 1Reis 19:15,16.

Esse padrão continua no Novo Testamento, e João Batista introduziu Jesus profeticamente como aquele que batizaria ou unguiria as pessoas com o Espírito. Trata-se de uma verdade tão vital que é o único episódio descrito em todos os quatro Evangelhos e em Atos – Mateus 3:1–12; Marcos 1:1–8; Lucas 3:1–18; João 1:19–34 e Atos 1:1–5.

Quando Jesus retornou ao céu, a Sua primeira atividade profética foi ungir a Sua noiva com o Espírito Santo, comissionar e equipar a Igreja como uma raça de profetas, convocar o Seu povo a ouvir com intimidade, e a nos enviar como parceiros proféticos, que servem. Nós analisamos este aspecto nos volumes *Conhecendo o Espírito* e *Ministério no Espírito*.

Ele intercedia junto a Deus

A segunda ação profética pós-ascensão de Jesus foi interceder à direita do Pai. Vemos isto em Romanos 8:34 e Hebreus 7:25.

Observamos que os profetas eram os intercessores do Antigo Testamento e que a vida de Jesus também era repleta do ouvir, da oração e da intercessão. Os Evangelhos registram, por exemplo, que Jesus orou:

- Cedo de manhã – Marcos 1:35
- Tarde da noite – Lucas 6:12
- Em Seu batismo – Lucas 3:21
- Após muito ministrar – Marcos 1:35; 6:46 e Lucas 5:16

- Por uma noite antes de escolher os doze discípulos – Lucas 6:12
- Sozinho na presença de Seus discípulos – Lucas 9:18
- Na transfiguração – Lucas 9:28–29
- Após a última ceia – João 17
- No Getsêmani – Marcos 14:32 e Lucas 22:41
- Por Pedro – Lucas 22:32
- Pelas criancinhas – Mateus 19:13–15
- Em Sua crucificação – Lucas 23:34
- Após a Sua ressurreição – Lucas 24:30
- Em Sua ascensão – Lucas 24:50
- Após a Sua ascensão – João 14:16

A intercessão profética de Jesus torna-se especialmente clara em João 17. Aqui Ele ora por Si mesmo, pelos onze discípulos e por nós. Consideramos esse aspecto com mais detalhe no volume *Oração Eficaz*.

Ele era comprometido com a verdade, justiça e compaixão de Deus. Jesus era totalmente comprometido com a verdade de Deus e João 14:6 mostra que Ele era a incorporação viva dessa verdade. Por toda Sua vida Jesus se caracterizou e era motivado pela compaixão de Deus – vemos isso, por exemplo, em Mateus 15:32; 20:34; Lucas 7:13 e 10:33.

Passagens como João 8:1-12 e Mateus 23:23 sugerem que a verdade que é vazia de compaixão não é a verdade de Deus. A totalidade do Sermão do Monte, Mateus 5–7, é a exposição que Jesus faz da maneira compassiva e verdadeira de Deus viver. Analisamos esse aspecto em todo o volume *O Governo de Deus*, onde vemos como o governo pessoal de Jesus mais do que cumpre as instruções inspiradas dos profetas do Antigo Testamento.

Ele oferecia um lampejo divino

Jesus seguiu os passos de seus antecessores proféticos de toda maneira possível. Ele foi até mesmo crucificado como um falso profeta: Em Mateus 26:64–68, Jesus reconheceu que Ele era o Messias e depois Se revelou como o Senhor do Salmo 110, e a pessoa celestial misteriosa de Daniel 7:13. A resposta do

sinédrio a essas alegações audaciosas foi rotular Jesus como um falso profeta e pedir a Sua morte.

Jesus foi um profeta verdadeiro até mesmo na maneira que oferecia ideias claras de Deus nas situações locais e nas vidas dos indivíduos. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 11:20–24 e João 21:15–19.

Ele também falou de modo profético, de maneira exatamente igual aos profetas do Antigo Testamento. As palavras de Jesus, em Lucas 21:20–24, foram faladas por volta do ano 33 d.C. Aproximadamente 37 anos mais tarde, nos anos 70 d.C., o exército romano de Tito cercou Jerusalém e a comunidade cristã se lembrou dessa profecia. Eles evacuaram a cidade e foram guiados para Pella. Registros contemporâneos indicam que nenhum crente foi capturado ou morto no conseqüente massacre. A precisão dessa profecia deveria nos assegurar de que a outra profecia de Jesus, em Lucas 21:25–28, também será cumprida.

Mais que um profeta

A maior parte das falsas religiões reconhece que Jesus é um profeta.

E pode ser que tal admissão seja a razão por que algumas seções da Igreja deem tão pouca atenção ao chamado e atividades proféticas de Jesus.

Contudo, Jesus era muito mais que simplesmente outro profeta. Seu nascimento, ministério, morte, ressurreição, ascensão e atividade de unção no Pentecostes confirmaram tudo que os profetas do Antigo Testamento previram. E Atos 10:43 identifica Jesus como aquele de quem todos os demais profetas testemunham. De fato, mais de 300 profecias detalhadas no Antigo Testamento foram cumpridas em Sua vida.

Um profeta pode fazer mais do que falar ou demonstrar a Palavra de Deus, mas Jesus era a Palavra encarnada, e Apocalipse 19:10 ensina que toda profecia deve ser operada pelo Espírito de Jesus, e deve testemunhar Dele. Isso mostra que Jesus é tanto o profeta supremo, como que todos os demais que profetizam devem apontar para Ele.

Podemos dizer que Jesus é:

- Nosso exemplo em profetizar.
- A fonte do nosso profetizar.
- O objetivo do nosso profetizar.

A profecia na Igreja Primitiva

A atividade de unção ou batismo de Jesus no Pentecostes inaugurou uma nova era profética. O entendimento básico no Antigo Testamento acerca de profecia foi mantido, mas a Igreja, em vez de indivíduos isoladamente, se tornou o centro da atividade profética – e o ouvir e viver profético se tornaram centrais para a Igreja.

O livro de Atos registra como o Cristo ressurreto dirigiu a Igreja Primitiva pela revelação e ideias proféticas. Vemos, por exemplo:

- Atos 5:1–11 – Pedro expôs profeticamente a fraude de Ananias e Safira e anunciou o julgamento de Deus
- Atos 8:20–24 – Pedro revelou profeticamente os pensamentos e motivações interiores de Simão
- Atos 9:10–19 – Ananias recebeu revelação profética acerca da conversão de Paulo e seu futuro ministério
- Atos 10:1–19 – Cornélio e Pedro receberam visões proféticas que os guiaram e levaram à conversão da família de Cornélio
- Atos 11:27–30 – Ágabo previu profeticamente a fome na Judeia
- Atos 13:1–4 – Paulo e Barnabé foram enviados em uma jornada missionária por meio de uma confirmação profética e revelação da vontade de Deus
- Atos 13:9–12 – Paulo anunciou profeticamente o julgamento de Deus sobre Elimas quando este estava impedindo o procônsul de vir para a fé em Cristo
- Atos 14:9 – Paulo recebeu a revelação profética de que o homem coxo tinha fé para ser curado
- Atos 15:13–19 – Tiago falou uma palavra profética de sabedoria na reunião em Jerusalém referente à questão dos crentes gentios
- Atos 15:32 – Judas e Silas exerceram um ministério profético de fortalecimento e encorajamento em Antioquia

- Atos 16:6,7 – A segunda viagem missionária de Paulo foi dirigida profeticamente pelo Espírito
- Atos 16:9,10 – Paulo foi conduzido profeticamente por uma visão a pregar o Evangelho na Europa
- Atos 21:9 – Filipe tinha quatro filhas que profetizavam
- Atos 21:10,11 – Ágabo previu profeticamente o que aconteceria com Paulo
- Atos 27:23–26 – Paulo recebeu revelação profética acerca do naufrágio

Apocalipse 11:3–13 mostra que a profecia e testemunho profético estão entre as prioridades de Deus nos últimos dias – elas não cessaram com a Igreja Primitiva e o livro de Atos.

Os dois castiçais parecem se referir a Moisés e Elias, as testemunhas da transfiguração de Jesus. Como vimos, eles são exemplos supremos da profecia inspirada pela ‘Palavra’ e pelo ‘Espírito’ no Antigo Testamento, e essa passagem mostra que esses dois aspectos da profecia continuam após o Pentecostes, indo até o fim dessa era.

As duas oliveiras parecem simbolizar Josué e Zorobabel em Zacarias 3–4. Eles eram os líderes espirituais e civis da comunidade repatriada que restaurou Jerusalém e o Templo depois do exílio. Isso sugere que a profecia ainda deveria ser direcionada tanto às áreas da vida espiritual como secular, e não somente à Igreja.

Josué e Zorobabel foram os dois líderes que construíram o novo Templo e nada edifica a Igreja como o ouvir e o viver proféticos. Ao ensinar que os profetas são parte do fundamento da Igreja, Efésios 2:20 prefigura Apocalipse 11.

Um povo profético

Números 11:16–30 registra como o fardo profético de Moisés pode ser compartilhado somente com aqueles que receberam o Espírito. Quando Josué questionou a profecia de Eldade e Medade, Moisés respondeu com uma oração profética importante.

Deus ouviu sua oração e Joel 2:28,29 predisse sua resposta. Deus manteve a Sua promessa no Pentecostes, quando Jesus derramou o Espírito *sem restrição* sobre a Igreja.

Quando Pedro citou essa profecia de Joel, em Atos 2:18, ele foi inspirado a adicionar a frase importante: ‘e profetizarão’. Isso mostra que, desde o Pentecostes, a possibilidade de o ouvir profético, falar profético e ações proféticas está aberta a todo crente que foi ungido com o Espírito Santo.

Como observamos no volume *Conhecendo o Espírito*, não houve limitação na doação do Espírito no dia de Pentecostes, nem qualquer restrição no receber. Potencialmente, todo crente – sem distinção entre macho e fêmea, velho e jovem, letrado e iletrado – pode profetizar.

Ao mencionar profecia, em Atos 2:18, Pedro certamente tinha em mente que toda a Igreja ministraria como os profetas do Antigo Testamento.

Isso significa que – como resultado do derramamento do Espírito no Pentecostes – todo o povo de Deus pode ser ‘homens de Deus’, ‘servos de Deus’, ‘chamados e que chamam’, ‘vistos e que veem’.

Todos os crentes redimidos e ungidos, podem, por exemplo, agora:

- Entrar na presença de Deus
- Ouvir os segredos de Deus
- Transmitir os pensamentos de Deus acerca da reconciliação, justiça e acontecimentos
- Predizer e proclamar
- Interceder
- Ser inspirado pela ‘Palavra’ e ‘Espírito’
- Receber sonhos e visões
- Ouvir, falar, viver e compartilhar o miraculoso

É importante, porém, reconhecer que a promessa de Pedro não foi que todos os crentes poderiam ser profetas, mas que todos poderiam profetizar. Há uma diferença significativa.

O ato de profetizar da Igreja Primitiva é visto no comportamento diário de crentes comuns no livro de Atos; mas ainda restaram uns poucos indivíduos que foram chamados de profetas.

Como vemos no volume *Ministério no Espírito*, o mesmo ocorre em outras áreas de ministério. Todos são incumbidos de evan-

gelizar, mas nem todos são evangelistas; todos são ordenados a curar; mas nem todos são curadores; todos são chamados a ensinar, mas nem todos são mestres – e assim por diante.

Testemunho profético

O Novo Testamento enfatiza que a profecia faz parte de todo o testemunho da Igreja. *Marturia*, ‘testemunha’ é o termo geral para a atividade de ‘campanha evangelística’ da Igreja; e *kerugma*, ‘pregação’, e *propheteia*, ‘profecia’ são aspectos deste testemunhar.

Apocalipse 19:10 amplia esse tema. Não declara que toda profecia deveria ser uma testemunha, mas que toda profecia deveria ter a mesma testemunha que Jesus deu.

Isso significa que nosso ouvir profético deveria ouvir Deus como Jesus O ouviu, e que nossas palavras e atos proféticos deveriam apontar as pessoas para Deus como Jesus as apontava para Deus.

A profecia do Novo Testamento sempre foca aquilo que Deus está fazendo, pensando e dizendo – e não uma resposta humana. Em outras palavras, a mensagem profética básica da Igreja Primitiva aos judeus era: ‘Deus está irado com você porque você rejeitou e crucificou o Messias.’ As palavras proféticas apontavam para Deus e Sua ira e não para os judeus.

Como no Antigo Testamento, a profecia na Igreja Primitiva muitas vezes encorajava um temor saudável a Deus: ‘Às vezes, os crentes anunciavam notícias ‘ruins’.

Somente quando a resposta humana à profecia deles era ‘Então o que eu posso fazer para ser salvo?’ é que o evangelismo acontecia efetivamente. É isso e não a profecia que aponta para a resposta humana.

Profecia e Bíblia

Alguns líderes da Igreja se opõem à profecia pessoal e congregacional. Eles baseiam sua oposição na supremacia da Bíblia: eles consideram que a profecia deve ser tautológica ou falsa. Contudo, o livro que eles buscam defender contém muitos encorajamentos para profetizar e muitas menções a respeito de profecia.

Como vimos, as Palavras escritas de Deus têm uma autoridade única que jamais pode ser igualada. É para todas as pessoas, em todas as épocas, em todos os lugares – ao passo que a profecia é para uma pessoa ou grupo específico, em um lugar específico, num tempo específico.

O princípio bíblico é simples: Nenhuma profecia deve acrescentar algo às Escrituras ou diferir delas: O contrário, toda profecia verdadeira é uma aplicação essencial e imediata das Escrituras.

1Pedro 1:19 é inequívoco, contudo, seu ‘até que’ – e a referência em 1Coríntios,13:8,9, até o fim da imperfeição – tem levado alguns a concluir que a profecia cessou com a finalização da Bíblia.

Entretanto, se isso fosse verdade, nós também teríamos de concluir que vivemos em uma época em que todo conhecimento cessou, o Dia do Senhor chegou, a Estrela da Manhã veio e nós podemos ver Cristo face a face!

Profecia e oposição

O Novo Testamento nos lembra de que os profetas do Antigo Testamento foram rejeitados e perseguidos, e promete isso como a porção de todos os que profetizam. Mateus 5:11,12 e Lucas 11:49 mostram isso em parte, mas há um amplo desdobramento no livro de Apocalipse.

Apocalipse 6:9 declara que um grande número de santos será morto por causa da Palavra e do testemunho profético que dão da Palavra. E Apocalipse 12:17 revela a oposição extrema do ‘dragão’ àqueles que obedecem a Deus e testemunham – o que inclui o ouvir e viver profético – para Jesus.

Os profetas na Igreja Primitiva

Efésios 4:7–16 mostra que os profetas foram um dos dons especiais que Cristo deu à Igreja após a Sua ascensão. Ele os deu para ajudar a edificar a Igreja e nós avaliamos esse aspecto no volume *Glória na Igreja*.

Os profetas não eram escolhidos pela Igreja Primitiva, nem pelos presbíteros; eles eram aqueles homens ou mulheres que

os líderes da Igreja reconheciam como pessoas que recebiam e entregavam profecias de Deus regularmente. Eram simplesmente aqueles que profetizavam com mais frequência que os outros.

Os profetas normalmente se associam com o ministério dos apóstolos, e Efésios 2:20 ensina que isso se dá por causa da participação deles na fundação da Igreja. Efésios 3:5 revela que, com os apóstolos, os profetas revelam o mistério, desconhecido para as gerações anteriores, que os pagãos compartilham na herança de Israel. Isso sugere que os profetas têm um papel importante a desempenhar no estabelecimento de novas igrejas.

Em Atos 13:1–3, os profetas de Antioquia estavam em adoração quando foram encarregados pelo Espírito Santo de consagrar Barnabé e Saulo para a tarefa que Ele já lhes havia revelado. O chamado interior que tiveram fora agora confirmado pelo chamado exterior dos profetas.

Assim como os profetas do Antigo Testamento ungiam os reis e os separavam para governar, assim os profetas da Igreja Primitiva punham as mãos sobre os ministros e os consagravam para servir. 1Timóteo 1:18; 4:14 e 2Timóteo 1:6 ilustram isso.

Não se indica aqui que os profetas tinham governo ou autoridade governamental. Eles simplesmente transmitiam a Palavra de Deus e os líderes em comando ou os anciãos da Igreja tomavam as decisões necessárias à luz da revelação profética específica. Alguns poderiam arguir que um profeta – assim como qualquer um dos ministros de Efésios 4:11 – poderia ser um ancião líder, e de fato assim é. Porém, nesse caso, o profeta governaria a igreja pelo fato de ser um ancião e não porque era um profeta. Em outras palavras, o profeta não governa por meio de sua profecia.

Em Atos 21.10–14, o profeta Ágabo visitou Paulo e – com ação profética e também palavras proféticas – lhe avisou acerca do que iria acontecer. A profecia não era para impedir Paulo de ir a Jerusalém, mas avisá-lo a respeito do que aconteceria. Essa revelação divina tinha o objetivo de que Paulo estivesse espiritual e mentalmente preparado quando o tumulto começasse, e que ele reconhecesse a vontade de Deus nas situações que enfrentava.

Ágabo também ecoava os clamores por justiça social de seus antecessores proféticos, em Atos 11:27–30, quando revelou o grande interesse do Espírito no alívio da fome. Movido pelo Espírito, Ágabo previu a grande fome dos anos 49 e 50, que varreu a parte ocidental do Império Romano. Essa revelação permitiu que a Igreja se preparasse adequadamente.

Repetindo, devemos perceber que Ágabo apontava essencialmente para o que Deus estava fazendo. Ele não exigiu uma resposta humana à sua profecia, ele não instruiu as pessoas a fazer uma coleta – ele simplesmente as avisou para se prepararem para uma grande fome. Isto, com o eco de Gênesis 41, é um verdadeiro alívio da fome – provê *antes* que a escassez ocorra.

Esses versículos demonstram que os profetas da Igreja Primitiva eram:

- Oficiais – seu ofício era reconhecido pelos líderes da Igreja
- Translocais – eles viajavam de igreja a igreja
- Inspirados – eles eram inspirados e ungidos pelo Espírito Santo
- Preditivos – eles anunciavam o que Deus ia fazer
- Diretivos – eles direcionavam os crentes a agir de modos específicos
- Práticos – eles se preocupavam com assuntos muito práticos
- Reveladores – eles ensinavam a Palavra de Deus

O dom de profecia

O Novo Testamento introduz o dom de profecia à Igreja. Trata-se de um dom especial do Espírito Santo e é apenas um aspecto da profecia. Não é a soma total da profecia, mas uma parte significativa dela. Como veremos, é correto enfatizar esse dom – mas não em exclusão de outros aspectos da profecia.

Aprendemos acerca desse dom em 1Coríntios 12 e 14. Esses capítulos se fundamentam no contexto de ensinar acerca da adoração em público, especialmente a Ceia do Senhor; isso indica que o dom de profecia é o aspecto desse tema com relevância especial para as reuniões públicas da igreja.

O principal verbo grego de 1Coríntios 14 é *oikodomeo*. Ele geralmente é traduzido como ‘edificar’, mas literalmente significa ‘construir junto para crescer’ ou ‘construir junto para se desenvolver, expandir’. Se ansiamos que a Igreja seja edificada juntamente e cresça, devemos dar atenção especial a este capítulo.

Tenha zelo pela profecia

Os versículos de 1Coríntios 14:1,12 e 39 instruem crentes ativamente a zelar pela profecia. *Zeloo* é um verbo grego forte que significa ‘ter grande zelo’, ou ‘ansiar’.

Se ansiamos que Deus fale, nós teremos como maior prioridade o ouvi-Lo. Nós não demonstramos nossa ‘ânsia’ por profecia pedindo para Deus falar; nós provamos esta ânsia ouvindo-O com mais zelo – porque sabemos que é Sua vontade e natureza revelar Sua palavra a nós.

A profecia é voltada a pessoas

1Coríntios 14:3 mostra que a direção essencial do dom de profecia vem de Deus para as pessoas.

Se as Palavras de nossas orações a Deus e adoração forem verdadeiramente inspiradas pelo Espírito, não é errado descrevê-las como ‘proféticas’. Essa passagem, porém, trata do aspecto de profecia – o dom espiritual – que tem sua direção completamente voltada ao humano.

No passado, algumas Igrejas falharam na distinção entre *diermeneuo*, ‘interpretar’, e *propheteuo* ‘profetizar’. 1Coríntios 14:5 mostra que as línguas e interpretação têm o mesmo valor que profecia, mas que não são equivalentes à profecia. Os dois dons edificam a igreja, mas os versículos 2 e 3 mostram que fazem isso partindo de direções opostas.

Toda vez que oramos em línguas, ou interpretamos uma língua, ou manifestamos um dom espiritual, há certo elemento de fala profética – pois ouvimos Deus e estamos falando as Suas palavras em obediência ao evangelho. Porém, não estamos praticando o ‘dom’ específico de profecia – pois este é o elemento exclusivamente voltado ao humano dentro deste amplo tópico.

A profecia edifica, exorta e consola:

1Coríntios 14:3 mostra que o dom de profecia traz:

- *Oikodome* – ‘edificação’: o dom é positivo, não negativo; ele nos edifica juntamente para nos fazer crescer na Igreja
- *Paraklesis* – ‘exortação’: revela o que Deus está fazendo e nos chama a andar em conformidade, a andar com Deus naquilo que Ele está fazendo
- *Paramuthia* – ‘consolo’: É ‘quase discurso’; é Deus sussurrando uma mensagem carinhosa de consolo a amigos e servos.

A profecia edifica outras pessoas

Profecia é um dom de autoadoação, autoesvaziamento. 1Coríntios 14:4 declara que aqueles que profetizam não almejam edificar a si mesmos; em vez disso, eles edificam juntamente e fazem crescer os membros da igreja. (É claro que, sendo parte da igreja, eles próprios são edificados por sua profecia – mas não é a intenção deles.)

A profecia é um dom positivo, construtivo; ela não destrói ou desmorona. Isso é enfatizado no versículo 26.

A profecia é importante

1Coríntios 14:5 mostra que a profecia é importante e que não devemos tratá-la com indiferença. Somos chamados a respeitar aqueles homens e mulheres a quem Deus confiou uma mensagem específica para aquela ocasião.

A profecia não é necessariamente espontânea

1Coríntios 14:26 indica que os membros da igreja deveriam passar tempo se preparando cuidadosamente para os cultos, ouvindo Deus, para captar qualquer contribuição que Ele deseja que tragam para a adoração.

Isso significa que qualquer contribuição espiritual – uma canção, fala, língua, interpretação, profecia etc. – pode ser dada antecipadamente pelo Espírito. 1Coríntios 14:30 mostra, contudo, que há um lugar de fato para a profecia espontânea na adoração coletiva.

A profecia é reveladora

1Coríntios 14:26 inclui *apokalupsis* entre as contribuições que os crentes podem trazer a um culto. Geralmente traduzida como ‘revelação’, *apokalupsis* significa o descortínio, a revelação de algo que antes era desconhecido. Refere-se claramente a profecias.

Até agora nos referimos à profecia como a Palavra ‘agora’ de Deus. *Apokalupsis* significa que podemos, talvez, também descrever profecia como a Palavra ‘nova’ de Deus.

É claro, nenhuma profecia jamais é nova para Deus; é sempre totalmente condizente com a Sua natureza e Palavra expressas nas Escrituras e alinhadas com o testemunho de Jesus. Entretanto, às vezes uma revelação profética será nova para nós – no sentido de ser um descortínio novo de um aspecto da Palavra eterna, imutável.

A profecia deve ser julgada

1Coríntios 14:29–32 deixa claro que a profecia deve ser julgada ou provada. Analisamos esse aspecto na Parte Oito.

A profecia é para todo crente

1Coríntios 14:31 enfatiza que esse dom é para todos os crentes. Desde o Pentecostes, todos que foram ungidos com o Espírito – que continuam ouvindo Deus e respondendo com obediência ao evangelho – podem profetizar. Isso acontecerá quando as igrejas começarem a ter zelo pela profecia – e quando evidenciarem isso ao tornar o ouvir profético a maior prioridade.

Com decência e ordem

1Coríntios 14:40 ensina que ‘todas as coisas’ – inclusive o dom de profecia – devem ser feitas:

- *Euschemonos* – ‘decentemente’: Isso significa que devemos profetizar com beleza ou graciosamente, não de um modo descontrolado ou não cooperativo
- *Taxis* – ‘ordem’: Isso significa que nosso culto deve ter uma ordem, uma sequência planejada, com um lugar próprio, correto e reconhecido para ‘todas as coisas’ – inclusive a pro-

fecia. Essa taxis pode ser planejada pelo líder com ajuda do dom de sabedoria.

Outros dons de revelação

1Coríntios 12–14 se refere a três outros dons que Deus concede para nos equipar com revelação profética ou ‘visão espiritual’.

A palavra de conhecimento

Por meio desse dom, o Espírito nos revela fatos acerca de uma pessoa ou situação. Não se trata de ideias iluminadas que vêm pela mente natural, razão, experiência ou instinto; em vez disso, é um fragmento do próprio conhecimento de Deus dado gratuitamente.

Por esse dom Deus revela uma verdade que o Espírito deseja tornar conhecida. Vemos isso, por exemplo, em 2Reis 5:20–27; 6:9–12; 2Samuel 12: 1–7; Mateus 9:1–7; 17:27; João 4:7–25; 4:45–54; Atos 5:1–6 e 9:11.

A Palavra de sabedoria

Este dom é a ideia dada pelo Espírito quanto à melhor forma de aplicação de uma revelação em uma situação específica, ou como uma pessoa ou situação específica poderiam ser ajudadas da melhor forma.

Podemos dizer que a Palavra de sabedoria é o ‘como’ do Espírito e a Palavra de conhecimento é o seu ‘o quê’. Vemos exemplos desse dom em Gênesis 41:14–45; 1Reis 3:16–28; 2Reis 5:8–14; Mateus 21:23–27; 22:15–22; Lucas 21:15 e João 8:7.

O discernimento de espíritos

Essa é a percepção dada por Deus que permite ao crente identificar o espírito motivador por trás de uma palavra ou atos específicos.

Que nos ajuda a compreender o envolvimento do espírito humano, um espírito demoníaco e o Espírito Santo. Vemos isso, por exemplo, em 1Samuel 3:1–9; 16:6–13; Mateus 16:21–23;

Lucas 13:10–17; Atos 5:1–11; 8:14–24; 13:4–12 e 16:16–18.

Na Parte Oito, analisamos o papel específico que esse dom desempenha no julgamento da profecia.

Deixe os dons proféticos acontecerem

A revelação e inspiração profética, inclusive o dom de profecia, edificaram a Igreja Primitiva – e ainda edificam a igreja hoje.

Se a ‘edificação da igreja’ for o desejo do nosso coração, seguiremos 1Coríntios 14:40, e permitiremos os dons de revelação *ginomai*. Essa palavra geralmente é traduzida como ‘ser feito’, mas ‘tornar’, ‘vir a ser’, ou ‘acontecer’ são mais exatos.

Nós não adoramos um Deus mudo. Não há mordaza em Sua boca. Não precisamos implorar para Ele falar. Em vez disso, devemos remover dos ouvidos a haste flexível de algodão, isto é, o cotonete espiritual que bloqueia ouvir a Sua voz, e devemos começar a ouvi-Lo com mais cuidado e intensidade.

O Ouvir Profético Hoje

Vimos que profecia envolve um processo completo, que vai desde Deus iniciar graciosamente a Sua Palavra até nós a aplicarmos obedientemente. Como a conversão, a fé e o ouvir, a profecia inclui diversos estágios – não é um evento instantâneo. Por exemplo, a profecia inclui:

- Ouvir – devemos ouvir Deus com atenção, a fim de escutar o que Ele está dizendo
- Revelação – Deus revela a Sua mensagem particular em uma das muitas maneiras que Ele usa para comunicar a Sua Palavra e vontade
- Interpretação – a revelação pode vir em uma variedade de formas, portanto, é necessário muito cuidado para garantir que a Palavra seja entendida da maneira correta.
- Aplicação – devemos ouvir Deus ativamente para aprender com Ele como lidar com a Palavra *rhema*, a quem entregá-la, quando transmiti-la, e assim por diante
- Motivação – devemos nos lembrar de que o propósito principal de toda revelação é conhecer Deus melhor, e garantir que não tenhamos nenhum motivo impiedoso, crítico ou egoísta para profetizar
- Prova – toda Palavra deve ser entregue à prova, julgamento, ponderação, filtragem; ninguém deve jamais insistir que a Palavra deva ser recebida e obedecida sem qualquer forma de teste
- Comunicação – a Palavra deve ser entregue segundo o jeito de Deus e com a Sua graça, ordem e autoridade gentil

- Ação – a Palavra deve ser obedecida e colocada em prática, a fim de que possa atingir o propósito criativo de Deus e produzir o fruto almejado

Passagens como 1Coríntios 2:9–16 e Isaías 55:6–11 ilustram o poder divino natural do pleno processo profético. Nós certamente precisamos buscar Deus para uma restauração desse ministério profético *autêntico* para a Igreja hoje.

Uma base trinitariana

Ao considerarmos o ouvir profético, precisamos continuar lembrando a nós mesmos de seu fundamento completamente trinitariano.

- O Pai inicia toda Palavra. Ele é o Deus comunicador que fala para Se fazer conhecido e para trazer vida e salvação ao mundo inteiro.
- O Filho é a Palavra pessoal: Ele é a revelação eterna e completa do nome santo e a natureza de Deus.
- O Espírito Santo é o Espírito de revelação. Ele inspirou a Palavra escrita, de modo que ela é o registro total, completo suficiente e infalível daquilo que Deus comunicou. Ele testemunha diretamente aos nossos espíritos, testifica a Jesus e nos fala por meio da Palavra profética.

Observamos essa atividade trinitariana no Salmo 115:2–7; João 1:1–3; 14:10; 15:26; 16:13–15; 17:1–3; Romanos 5:5; 8:9, 15,16; 1Coríntios 12:7, 10; 14:3,4; Gálatas 4:6; 2Timóteo 3:16,17 e Apocalipse 19:10.

Um fundamento bíblico

Também precisamos nos lembrar de que o Espírito se comunica por meio da Palavra escrita de Deus, por meio da Bíblia. 2Timóteo 3:17 deixa claro que Deus está soprando as Escrituras a nós ainda hoje, está falando as Escrituras a nossas vidas pessoais e congregacionais.

Podemos dizer que o Espírito:

- Ilumina – Ele traz entendimento das Escrituras
- Confirma – Ele dá testemunho das Escrituras por meio de testemunho interior, segurança pessoal e sinais e maravilhas

- Ilustra – Ele chama a atenção para os princípios bíblicos e mostra quais textos bíblicos são significativos para determinadas situações
- Aplica – Ele personifica as Escrituras às vidas dos crentes, fazendo despontar a relevância profética específica de um versículo ou passagem para aqueles que o ouvirão e aceitarão

A profecia é uma das maneiras que o Espírito ilumina, confirma, ilustra e aplica as Escrituras. Podemos dizer que Ele usa a profecia congregacional para falar a determinada igreja ou grupo, e a profecia pessoal para falar a um indivíduo.

Uma visão equilibrada

Algumas pessoas parecem sugerir que a profecia pessoal e congregacional é *tudo* – toda palavra é recebida direta e infalivelmente de Deus e deve ser aceita sem questionamento. Enquanto outras insistem que profecia, especialmente a pessoal, não é *nada* – toda palavra é apenas uma opinião humana e deveria ser valorizada do modo devido.

A posição bíblica, contudo, parece a de que a profecia pessoal e congregacional representam *alguma coisa*: Quando ponderadas e provadas corretamente, elas são parte da Palavra de Deus a nós – e deveriam ser obedecidas e colocadas em prática.

Nenhuma profecia deveria ser aceita precipitada ou impensadamente, e tampouco deveria ser obedecida imprudentemente: Em vez disso, ela deve ser controlada, testada e colocada em prática com bom senso santo e sabedoria. É apenas *uma maneira* que Deus fala conosco hoje, mas é *uma maneira* que Ele fala de fato.

1 Tessalonicenses 5:19–21 resume com precisão a atitude bíblica:

- Não extingais o Espírito
- Não desprezeis as profecias
- Examinai tudo
- Retende o bem

Quando juntamos os princípios bíblicos que consideramos até agora, podemos ver que há três aspectos principais da profecia que deveriam ser encontrados na Igreja hoje.

- O papel profético – todo crente é chamado a ouvir e viver profeticamente, tanto no âmbito individual como juntos na Igreja. Este é o ‘estado de profeta de todos os crentes’ que, desde o Pentecostes, pertence a cada um que foi ungido com o Espírito.

Vemos isto em Atos 2:17,18; Hebreus 8:10,11 e 1 João 2:27.

- O dom profético – todo crente pode, de vez em quando, ser inspirado pelo Espírito para dar uma mensagem profética. Essa manifestação do dom de profecia toma a forma de uma palavra específica de edificação, exortação ou conforto e também opera em nível *congregacional* – dentro da adoração coletiva – ou *pessoalmente* – na ministração particular, conversa pessoal ou adoração coletiva.

Vemos esses dois aspectos do dom em João 4:16-19, 29; 1Coríntios 12:10; 14:1-5, 24-25, 29-32; Atos 13:2 e 9,10.

O ministério profético – há homens e mulheres específicos que são reconhecidos como profetas. O dom profético é desenvolvido de modo particular e frequentemente se manifesta por meio dessas pessoas.

Vemos isso em Efésios 4:11; Atos 11:27,28; 13:1 e 15:32.

O papel profético

Vimos que todo crente tem uma função profética a cumprir, e isso afeta cada área de sua vida. Um relacionamento profético íntimo com Deus, o qual envolve o ouvir profético, é a única base confiável para todo o nosso falar e servir.

Cada livro dessa série *A Espada do Espírito* baseia-se implicitamente no princípio do ouvir profético a Deus. Por exemplo:

No volume *Adorar em Espírito e Verdade*, definimos que toda a nossa oração, louvor, adoração e serviço tem uma dimensão profética – muito embora seja voltado a Deus. Vemos isto em Romanos 8:26,27; 1Coríntios 14:24,25; Efésios 5:17-20 e 1 Pedro 2:9.

No volume *Alcançando o Perdido*, observamos que o evan-

gelho deve ser declarado em poder e inspiração proféticos, além de confirmação miraculosa. Vemos isso, por exemplo, em João 1:47–50; 4:5–26; Romanos 15:17–21; 1Coríntios 2:1–5; Efésios 6:19,20; Tessalonicenses 1:4–10 e Hebreus 2:1–4.

E no volume *Fé Viva e Ministério no Espírito*, observamos como as palavras proféticas de fé são faladas a pessoas e situações que precisam ser mudadas, a fim de que os propósitos do Reino de Deus possam ser cumpridos. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 17:14–20; Marcos 9:23 e 11:22–25.

Em certo sentido, a própria existência da comunidade cristã é um sinal profético do Reino de Deus. Do mesmo modo que as vidas dos profetas do Antigo Testamento comunicavam algo de Deus para as pessoas à sua volta, assim a vida coletiva da Igreja hoje é uma revelação do caráter e propósitos de Deus.

Observamos, no volume *O Governo de Deus*, que o Sermão do Monte feito por Jesus é o manifesto de Seu Reino. Nesse sermão, em Mateus 5:13–16, Jesus usa ‘sal’ e ‘luz’ como figuras proféticas para revelar as marcas da Igreja, o povo do Seu Reino. E, em Lucas 10:3, Ele encarrega Seus discípulos de servir como ‘cordeiros no meio de lobos’. Essas três figuras ilustram o papel profético vital de toda a Igreja hoje.

Sal

A frase ‘o sal da Terra’ sugere que toda a Igreja tem uma função profética na purificação social. Hoje nós usamos o sal principalmente para dar sabor, mas nos dias de Jesus ele era usado para proteger contra a deterioração e para purificar daquilo que havia se deteriorado. Vemos isso, por exemplo, em Levítico 2:13; 2Reis 2:20 e Ezequiel 16:4.

A Igreja tem esse duplo papel profético de proteger nossa sociedade contra uma futura deterioração e de purificar aquilo que já se degenerou. Isso mostra que devemos estar profundamente envolvidos na sociedade, e que nosso ouvir não deve focar somente os assuntos da Igreja.

Luz

A expressão ‘a luz do mundo’ indica que a Igreja deveria ser um meio de iluminação e revelação profética no mundo. Juntos, nós deveríamos viver em obediência à Palavra de Deus e trazer essa luz para brilhar na sociedade – e assim revelar a natureza verdadeira de seus problemas.

Sabemos que os profetas do Antigo Testamento falavam quando a Palavra do Senhor vinha a eles. Nosso ouvir coletivo da Palavra, e nossa aceitação do evangelho e obediência a essa Palavra, deveriam levar à sua revelação profética ao mundo.

Cordeiros

A figura que Jesus traz de ‘cordeiros entre lobos’ indica a necessidade de o povo profético de Deus viver a sua natureza de ‘servo’. Sabemos que ‘o’ profeta poderoso em Palavra e atos era ele mesmo o Cordeiro de Deus, e que o Seu rebanho entra e vive em Seu Reino pelo mesmo princípio de ‘cordeiro’ de autossacrifício e serviço.

A maior parte das pessoas no mundo quer ser ‘lobo’; poucas querem se baixar e ser ‘cordeiro’. É essencial, contudo, que os seguidores de Cristo tomem o cuidado de não dominar outros. Somos chamados a aceitar a dominação de outros e oferecer diariamente as nossas vidas como um sacrifício agradável a Deus – unidos ao sacrifício de Jesus.

Seguindo os princípios bíblicos de profecia, podemos dizer que toda a Igreja tem um papel profético a desempenhar nessas áreas.

Reconciliação

A Igreja somente será profética quando a reconciliação for um aspecto visível de sua vida e mensagem. Nossa reconciliação com Deus deve ser demonstrada pela reconciliação legítima na Igreja, nas e entre as congregações locais, e por uma mensagem contínua de reconciliação ao mundo e no mundo.

Essa reconciliação é importante – na família, entre maridos e esposas, pais e filhos; no trabalho, entre patrão e funcionário; na sociedade, entre negros e brancos, ricos e pobres, norte e sul,

empregados e desempregados, donos de imóveis e inquilinos, e assim por diante.

As divisões iníquas no corpo de Cristo negam a mensagem de reconciliação e devem ser chamadas de pecado. A alienação e a discórdia dentro da Igreja precisam ser identificadas e curadas, a fim de que toda a Igreja possa ser uma comunidade profética reconciliada.

À medida que o juízo de Deus é derramado na sociedade, a Igreja profética precisa proclamar a mensagem eterna: 'Acerte-se com Deus e acertem-se uns com os outros'. Precisamos nos considerar uma 'contracultura profética que ouve a Palavra de Deus a respeito dessas questões.

Justiça e compaixão

Vimos que os profetas do Antigo Testamento demonstravam e profetizavam para a justiça e compaixão de Deus em sua sociedade. Eles diziam às pessoas que Deus queria que o pobre fosse cuidado; e eles anunciavam a maldição de Deus sobre aqueles que eram indiferentes ao pobre e Sua bênção sobre aqueles que faziam provisões generosas.

Essa preocupação era ecoada pela Igreja Primitiva – e deveria ser vista e ouvida hoje por toda a Igreja. Como comunidade cristã, temos uma responsabilidade especial pelo pobre e oprimido, e somos chamados a nos identificar com o necessitado em nossa nação e mundo.

Uma Igreja profética deve articular as ideias de Deus, não as suas, acerca da justiça e questões sociais. Isso quer dizer que devemos ter muito cuidado de ouvir a Sua Palavra em vez de ouvir a nossa cultura.

Eventos nacionais

Vimos que os profetas do passado eram frequentemente solicitados, por seus governadores, a revelar os pensamentos de Deus a respeito dos eventos e questões do dia. Assim também, o povo profético de Deus, nos dias de hoje, precisa transmitir os pensamentos de Deus acerca das questões contemporâneas.

Juntos, nós deveríamos estar ouvindo em oração os pensamentos de Deus com relação às questões sociais, locais, nacionais e internacionais. Como igrejas, devemos ouvir profeticamente e falar dos ‘encargos’ atuais de Deus para as nossas comunidades. Quando as igrejas faziam isso no passado, o que se seguia era quase sempre um reavivamento. É um princípio do Novo Testamento que a profecia prepara o caminho para a proclamação eficaz das boas-novas.

O verdadeiro inimigo

Monoteísmo era o clamor persistente dos profetas bíblicos. Hoje em dia isso envolve apontar o verdadeiro inimigo, de modo que a Igreja e a nação não sejam desviadas do propósito por distrações religiosas, econômicas e sociológicas.

A Bíblia revela que temos dois inimigos legítimos: Satanás e a morte. Como povo profético de Deus, o nosso papel é dizer para as pessoas se afastarem desses inimigos. O maligno, contudo, procura nos distrair dessa tarefa, sugerindo continuamente falsos inimigos.

Por diversas vezes, alguns setores da igreja foram conduzidos por um caminho errado e atacaram turcos, judeus, anabatistas, lolardos, católicos, protestantes, metodistas, negros, americanos, comunistas e assim por diante.

Uma Igreja profética, porém, precisa ouvir Deus cuidadosamente para aprender como Satanás está trabalhando hoje e discernir como as suas intrigas devem ser expostas e combatidas. O inimigo verdadeiro por trás do suposto inimigo deve ser reconhecido, a fim de se evitar soluções falsas e humanas – que sempre são espiritualmente contraproduativas. Isso somente pode ser reconhecido por meio do ouvir profético.

Servos

A Igreja cumprirá o seu papel profético somente quando a condição de servir se tornar essencial para o seu modo de viver. Sabemos que todos os profetas bíblicos eram servos; até Jesus veio para servir e demonstrou isso lavando os pés de Seus discípulos.

Se a Igreja quiser ser profética, as palavras de Mateus 20:20–28 e 23:2–23 devem ser aplicadas, e o amor ao poder, posição e status deve ser lançado fora do nosso meio.

As palavras de Jesus em Mateus 23:8–12 são uma grande acusação de nossa era. O mundo pode ser mudado por políticos e armas políticas, mas não se trata de maneiras divinas para uma igreja que serve.

Nossas armas proféticas são a verdade e não a autopromoção; retidão e justiça e não a violência, submissão com plena paz e não uma luta por poder; fé e não uma ideologia; salvação e não o idealismo; a Palavra de Deus e não as boas relações públicas; intercessão e não as ações bem intencionadas.

Intercessão

Os profetas do Antigo Testamento eram os intercessores de sua época. Se a Igreja quiser ser profética, a intercessão persistente tem de voltar ao centro do palco novamente. Toda revelação profética é para oração e intercessão, mas nem toda revelação profética é para ser passada adiante. Se nos importamos o suficiente com profecia, devemos nos importar o suficiente com oração. Esse aspecto é analisado no volume *Oração Eficaz*.

O dom profético

Observamos que o papel profético é para todos os crentes, todo o tempo, enquanto o dom de profecia é uma manifestação particular do Espírito, dada a uma pessoa específica para um propósito específico. Podemos dizer que o papel profético é a vida cristã normal, mas o dom profético é parte da vida cristã.

O dom de profecia é um dos ‘dons de graça’ do Espírito. Como já definimos por toda essa série, todos os diferentes dons são dons legítimos dados de graça, não são recompensas ou troféus; são todos ferramentas para uso, não são brinquedos para diversão; e são todos iniciados pelo Espírito, não são uma habilidade para se executar à vontade.

1Coríntios 14:3 define que o dom de profecia é dado pelo Espírito, de modo que Deus possa edificar, exortar e consolar as

pessoas. Como todos os outros dons, este comprova a parceria real que existe entre Deus e os crentes ungidos.

A manifestação do dom

Toda manifestação do dom é iniciada pelo Espírito Santo, contudo, também está sujeita à vontade da pessoa. Não podemos profetizar simplesmente à vontade, contudo, Deus não anula nossa vontade e nos faz profetizar.

Vimos que o Novo Testamento ensina que esse é um dom que Deus dá a crentes ungidos. Isso significa que podemos esperar que Ele nos dê esse dom toda vez que nos juntarmos *congregacionalmente* para edificar, exortar e consolar uns aos outros, e toda vez que precisarmos desse dom *pessoalmente*, num ministério direcionado pelo Espírito.

Profecia congregacional

1 Coríntios 14 indica que deveríamos nos reunir com muita confiança de que Deus manifestará o dom de profecia entre nós – e podemos todos ter a expectativa de que Ele, às vezes, o manifeste pessoalmente entre nós. O desejo de Deus é edificar e abençoar outras pessoas por meio de nós, por isso devemos sempre ouvir o Espírito caso Ele queira nos usar hoje.

É claro que o nosso ouvir profético não deve começar com a música de abertura do culto. Precisamos ouvir Deus ao longo de toda a semana – em casa e no trabalho, no descanso e na diversão – porque Deus fala quando Ele decide falar e não exatamente quando nós pedimos que Ele fale.

1 Coríntios 14:26 sugere que deveríamos ir à adoração coletiva preparados para contribuir e com uma contribuição preparada. O Espírito pode falar conosco durante uma reunião e nos instigar a profetizar: pode até mesmo nos dar as palavras à medida que profetizamos. Em outras ocasiões, contudo, Ele nos fornece a essência da mensagem profética com dias de antecedência e então temos de anunciá-la no momento indicado na reunião.

Quando dois ou três crentes profetizam espontaneamente, e suas mensagens são semelhantes, é inevitável que algumas pes-

soas se perguntem o quanto a segunda e terceira profecias foram influenciadas pelo conteúdo da primeira.

Deus realmente fala assim, mas Ele sabe que de alguma forma é mais convincente – especialmente para incrédulos – quando diversas pessoas trazem mensagens proféticas preparadas que sejam semelhantes e que receberam de modo independente, ao longo da semana anterior.

Profecia pessoal

Temos visto que no Novo Testamento algumas manifestações do dom de profecia são *pessoais* em vez de *coletivas*, como em Atos 21:11; que outras são *particulares* em vez de *públicas*, como em João 4:16–19, e que algumas podem ser *pessoais*, porém *públicas*, como em 1Coríntios 14:24,25.

Deus fala dessa maneira direta e pessoal para mostrar a uma pessoa que Jesus a conhece individualmente e se importa com ela pessoalmente – podemos dizer que dentro de cada profecia pessoal legítima há um chamado para abraçar e seguir a Cristo.

Passagens como Romanos 1:11,12; 1Timóteo 1:18; 4:13,14 e 2Timóteo 1:6,7 deixam claro que a profecia pessoal pode ativar os dons e ministérios do Espírito Santo na vida particular de um crente.

Isso envolve tanto *revelação* – conhecimento sobrenatural acerca da situação e necessidade da pessoa ou do ministério e dom que o Espírito está compartilhando – como também *liberação* – capacitação e instrumentação sobrenatural com a fé, ousadia, poder, coragem e determinação para cumprir a Palavra profética.

A profecia pessoal, como todas as manifestações do dom de profecia, é dada especificamente para fazer crescer, edificando-se juntamente o corpo de Cristo. Em vez de destruir e condenar as pessoas, ela as edifica e encoraja. Vemos isso em 1Coríntios 14:3.

E vimos que a profecia pessoal traz direção específica e informação útil para as pessoas, para as suas vidas e ministérios – por exemplo, Atos 11:27–30; 21:4 e 10–14.

É claro que devemos ser muito cuidadosos com a profecia pessoal, especialmente quando se refere ao futuro. Algumas vezes a fome por uma palavra profética pode nos tornar vulneráveis a falsas palavras proféticas. Em outras, podemos abraçar palavras proféticas falsas, porque elas apelam aos ídolos do nosso coração – Ezequiel 14:2–4. A falsa profecia pode, ocasionalmente – pelo menos no início – até mesmo passar nos testes, mas ainda assim acabar sendo falsa.

Jesus nos disse: ‘acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas’ – Mateus 7:15. Sempre haverá pessoas que fazem mau uso do dom de profecia em uma tentativa de controlar e manipular outras pessoas; mas isso não deveria nos fazer parar de buscar usá-lo corretamente. O diabo opõe-se firmemente contra a profecia, e ele se alegra igualmente com crentes que a rejeitam e com os que fazem mau uso dela.

Devemos ser aqueles que estão abertos à profecia pessoal e congregacional, mas que lidam com ela de uma maneira totalmente bíblica. Devemos operar com verdadeiro discernimento a fim de reconhecer claramente a voz de Deus.

Ordem no exercício do dom

A Bíblia inteira encoraja a profecia, e o foco de 1Coríntios 12–14 é que os dons espirituais em geral, e a profecia em particular, devem ser buscados com avidez e zelo – contanto que seja feito do jeito certo e com as motivações corretas.

Resumindo, todo cristão deveria ser adepto a profetizar – porque esse dom encoraja, instrui, desafia, consola e edifica o corpo de Cristo.

1Coríntios 14:26 mostra que um desejo – inspirado no amor – pela bênção, benefício e edificação de outras pessoas é o único motivo aceitável para o exercício do dom espiritual. Todas as formas de espiritualidade pretenciosa, orgulho, ambição, busca de atenção e autoglorificação são totalmente repugnantes ao Espírito Santo, que é humilde e modesto.

Devemos ouvir Deus cuidadosamente, escutá-lo de forma clara, até mesmo falar as Suas palavras com precisão, mas a profe-

cia não será honrada por Deus se a entregarmos orgulhosamente – esperando atrair a atenção para nós mesmos, e construirmos um tipo de fama como pessoa espiritual.

É essencial que compreendamos que o princípio de parceria humana com Deus significa que nenhuma manifestação de dom é infalível. O Novo Testamento é claro. Toda manifestação profética deve ser julgada. Claramente, isso não seria necessário se as manifestações fossem infalíveis, e esse assunto é analisado na Parte Oito. Isso significa que uma marca da legitimidade profética é a disposição evidente, por parte do crente que manifesta o dom, de submeter as suas palavras ao escrutínio. As profecias não deveriam ser expressas em palavras e estilo que pareçam alegar infalibilidade e questionar a necessidade de prova.

Alguns líderes sugeriram que, hoje, nenhuma profecia deveria ser trazida na primeira pessoa; mas essa não é a verdadeira questão. Normalmente é uma questão de cultura e contexto o fato de uma pessoa expressar a profecia em termos de: ‘Assim diz o Senhor ...’, ou, ‘eu acho que Deus poderia estar dizendo algo como ...’. Devemos nos lembrar de que as profecias de Ezequiel eram muito mais diretas do que as de Natã, e aceitar que um estilo de profetizar pode ser relevante em uma cultura e bastante inaceitável em outra. Nos tempos da Bíblia, geralmente era comum transmitir as palavras de outra pessoa na primeira pessoa. Hoje em dia, em nossa cultura, preferimos muitas vezes usar a terceira pessoa.

A questão real é se a pessoa alega infalibilidade às suas palavras e rejeita a necessidade de que sejam provadas. Isso pode ser afirmado de muitas maneiras sutis e algumas profecias na ‘terceira pessoa’ podem ser muito mais ‘controladoras’ do que a maioria das profecias na ‘primeira pessoa’.

1Coríntios 14:32,33 mostra que a profecia não deve ser exercida em algum êxtase ou frenesi descontrolado. O autocontrole é uma evidência da presença do Espírito, tanto quanto qualquer dom espiritual.

Em algumas tradições, as pessoas parecem se tornar sérias demais na busca desse dom e a manifestá-lo de maneira a su-

gerir que elas não têm controle sobre o modo que Profetizam. Esse não é o jeito de Deus e leva a manifestações espúrias e a um esforço que nega o caráter essencial da profecia como um ‘dom gratuito’.

Não podemos ‘desenvolver’ nenhum dom, ao contrário, eles irrompem pela operação do Espírito Santo dentro de nós. Podemos simplesmente aprender a ser atentos ao Espírito, e a estarmos prontos para ser usados por Ele – do modo e quando Ele quiser. Qualquer outra coisa é fabricada e falsa

O Espírito profético é nosso novo legado, e nós avançamos no dom de profecia quando:

- Esperamos no Senhor
- Olhamos para Ele em grande expectativa
- Ouvimos-O com atenção
- Falamos o que ouvimos com humildade
- Submetemos nossas palavras a julgamento

O ministério profético

No volume *Glória na Igreja*, analisamos os dons de Efésios 4:11–13, que o Cristo assunto ao céu concedeu para a edificação de Sua Igreja, e observe que esta passagem mostra que esses ministérios são necessários até que a obra de edificação da Igreja esteja completa. Isso significa que todos esses ministros – incluindo o profeta – deveriam ser reconhecidos e aceitos hoje.

Todos os ministérios de Efésios 4 se baseiam em ouvir Deus quanto à Sua Palavra sobre um assunto, Sua vontade em relação a esse assunto e Sua maneira específica de cumpri-lo – visto que essas disciplinas são fundamentais para todo serviço cristão. Porém, se é que é possível, o ministério profético, de algum modo, ainda depende mais do ouvir atencioso do que outros ministérios.

Efésios 2:20 mostra que os apóstolos e profetas da ‘fundação’ tinham um chamado exclusivo para revelar o evangelho e estabelecer a Igreja Primitiva. A Igreja foi estabelecida e a revelação deles está registrada agora no Novo Testamento. As

primeiras ações da fundação são plenas e cabais; não há qualquer necessidade de ministério profético contemporâneo nas mesmas linhas supremas ‘de fundação e revelação’.

Contudo, isso não significa que não há lugar para o ministério profético hoje. Como observamos no volume *Glória na Igreja*, os profetas fazem uma contribuição especial e exclusiva para a edificação contínua da Igreja, e para estabelecer novas congregações e revelar a Palavra de Deus.

Deus usa profetas hoje para nos confrontar com a realidade de Sua vontade específica e para nos dar a Sua direção, sabedoria, instrução, advertência, orientação e percepção.

De fato, podemos dizer que é por meio de Seus servos, os profetas, que Deus encoraja a Igreja a agir. Enquanto pastores e mestres objetivam um ministério estável, os profetas nos encorajam e exortam ao serviço.

Revelação é o elemento chave em todo ministério bíblico profético – uma revelação que enfatiza a mensagem imediata do Senhor, a qual o profeta ouviu em seu relacionamento íntimo com Deus. Parece haver cinco aspectos para essa revelação.

Os profetas trazem revelação das Escrituras

Os ministérios de Efésios 4:11 têm propósitos distintos, porém complementares, de comunicar a Palavra de Deus a partir da Bíblia.

- Apóstolos – ministram a Palavra que traz estrutura básica e direção contínua para Igrejas recentemente plantadas
- Evangelistas – falam a Palavra que traz pessoas à fé em Cristo
- Pastores – encorajam, consolam e alimentam os crentes na Palavra
- Mestres – trazem a Palavra que instrui, informa e discipula os crentes
- Profetas – entregam a Palavra que desafia, exorta, edifica e conforta – com um conteúdo distintamente revelador

Os profetas não só trazem uma palavra geral de Deus, eles também revelam a palavra específica das Escrituras, que é rele-

vante para aquele grupo exclusivo de pessoas naquele momento específico. Podemos dizer que mestres lidam com sistemáticas, e profetas lidam com detalhes; que mestres trazem uma ‘dieta’ balanceada, e profetas trazem uma ‘dieta’ específica, que trata de uma deficiência ‘nutricional’ específica.

Todos os crentes precisam de ambos, o ensino bíblico regular e exposição bíblica sistemática dos mestres, bem como a revelação focada dos profetas. Todos os ministérios de Efésios 4:11 se complementam e alguns deles podem ser achados na mesma pessoa.

Os profetas trazem revelação para as pessoas

Vimos que a revelação pessoal é um aspecto inquestionável do ministério profético. Houve certa controvérsia a esse respeito nos últimos anos, mas as possíveis armadilhas podem ser evitadas quando os profetas ministram com humildade, em um relacionamento verdadeiro com os outros ministérios de Efésios 4:11, e em submissão aos presbíteros locais no local em que ministram.

Essa revelação pessoal assume muitas formas diferentes, por exemplo:

- 2Samuel 12:1–10 – uma confrontação com o pecado do crente: Não pode ser ‘Calúnia Espiritual’; seu objetivo é de edificar, não de destruir
- João 4:16–19 e 1Coríntios 14:24,25 – uma revelação a um não crente: deve ser positiva e evangelística, não negativa e julgadora
- Atos 21:4 e 10–15 – uma previsão a um crente: devemos discernir entre advertências verdadeiramente inspiradas, que têm o objetivo de nos preparar e conselhos ‘menos que inspirados’, que parecem apenas ser proféticos
- 1Timóteo 1:18–19; 4:14 e 2Timóteo 1:6 – um dom espiritual pode ocorrer pela imposição de mãos e direcionamento profético. Analisamos este aspecto no volume *Ministério no Espírito*

Os profetas trazem revelação para a Igreja

Vimos que os profetas são incumbidos, de maneira especial, a edificar a Igreja, e o fazem trazendo uma revelação específica que dá direção acerca do jeito de Deus agir, por exemplo, no evangelismo, ministério, intercessão e outros aspectos da vida eclesial.

Jesus é o cabeça da Igreja, e Ele ainda torna a Sua vontade conhecida ao Seu corpo por meio de revelação profética e direcionamento. Vemos isso em Atos 13:1–3, onde a mensagem profética para Paulo e Barnabé tem implicações consideráveis para a Igreja na Antioquia. É importante reconhecermos que a revelação pessoal aqui foi dada no contexto coletivo da Igreja e dos líderes.

A revelação profética em Apocalipse 1–3 é caracterizada pela frase: ‘Ouça o que o Espírito diz às igrejas’. Isso mostra que Deus fala diretamente a igrejas específicas por meio de profetas ungidos.

A voz do Espírito nesses três capítulos é diagnóstica e curativa, encorajadora e direcional, ela vexe e consola. Da mesma maneira, precisamos ouvir a Sua voz hoje, quando ele fala por meio dos profetas – e receber as Palavras com sensibilidade, implementando-as fielmente.

Os profetas trazem revelação a respeito do futuro

Vimos que os profetas no Antigo Testamento e na igreja Primitiva às vezes traziam a revelação de Deus quanto ao futuro – por exemplo, em Isaías 41:22–23; 48:5–7; Atos 11:27–30 e 20:22–24. Revelação acerca do futuro ainda é parte do ministério profético, porém, devemos evitar a curiosidade sem propósito e o sensacionalismo.

Deuteronômio 18:21,22 revela que a prova de fogo de uma profecia preditiva é se ela é ou não cumprida. Algumas pessoas fazem previsões incorretas, que não podem ser testadas desta forma – principalmente quando é a respeito de uma grande bênção ou acontecimentos no final de nossa era. Se suas ‘adivinhações’ ainda não foram cumpridas, elas insistem que o serão mais tarde.

Porém, falando sério, a profecia bíblica preditiva é sempre específica e jamais vaga: ou é certamente cumprida ou é claramente falsa. Precisamos reconhecer que hoje muitas manifestações proféticas são ‘imaturas’ ou ‘incompletas’, em vez de ‘falsas’.

As pessoas que as trazem ouviram algo legítimo da parte de Deus, porém não persistiram no ouvir profético a fim de escutá-Lo de maneira mais completa.

Muitos de nós parecem se satisfazer facilmente com a profecia superficial e a ministração incompleta, enquanto Deus quer que persistamos em ouvi-Lo, a fim de que possa nos atrair mais profundamente a Ele. Somente então nós ouviremos os Seus sussurros mais baixinhos.

Os profetas trazem revelação à nação

Embora esteja claro que os profetas do Antigo Testamento declaravam a Palavra de Deus às nações, os profetas na Igreja Primitiva não parecem ter ministrado da mesma maneira. Isso tem levado alguns líderes a arguir que este aspecto do ministério profético cessou com Cristo.

Todos os líderes de igreja concordam que esta deveria abordar a sociedade profeticamente por meio do evangelismo, testemunho, serviço e objeção; mas muitos líderes não têm certeza da natureza precisa do ministério profético do Novo Testamento para as nações. A Bíblia não nos oferece instrução clara acerca dessa questão.

Ao analisarmos essa questão, precisamos nos lembrar destes pontos?

- Os profetas do Antigo Testamento declaravam a Palavra de Deus basicamente a um Estado teocrata – para o povo da aliança de Deus vivendo como uma nação. Portanto, pode ser que não sejamos capazes de usar o exemplo deles como um modelo neste aspecto da profecia.
- Às vezes, contudo, os profetas falavam a outras nações e revelavam a atitude de Deus para com as sociedades incrédulas – inclusive Estados seculares e aqueles controlados por

falsas religiões. Vemos isso em Isaías 13–23; Jeremias 1:5; 46–51; Amós 1:3–2:3 e Jonas 1-4.

- Deus trata de fato com as nações – vemos isso no volume *Conhecendo o Pai* – e não há indicação de que isto não seja mais verdade hoje. Por exemplo, Romanos 11 deixa claro que Deus ainda tem propósitos consideráveis para Israel.

Não parece certo negar o elemento sobrenatural na palavra profética para as nossas nações desesperadamente necessitadas. Deus pode e de fato ainda oferece revelação profética com significado nacional e internacional. Conforme a Igreja cresce em maturidade, isso pode se tornar parte crescente do ministério profético.

Certamente precisamos de ministros proféticos que falarão a Palavra geral de Deus para as nações acerca de questões sociais, políticas e espirituais, que declararão a Sua Palavra específica, a respeito de eventos nacionais e internacionais específicos.

Parte Oito

A Revelação que Julga

Por toda a era do Antigo Testamento, Deus falava às pessoas por meio de Seus servos ouvintes, os profetas ungidos. Eles traziam progressivamente a revelação pessoal de Deus para Israel, e Suas palavras – sendo a própria Palavra de Deus – eram infalíveis.

Apesar disso, a revelação de Deus por parte dos profetas era sempre limitada e incompleta. A revelação plena e cabal de Deus para a humanidade podia ser trazida somente por meio de Sua Palavra pessoal – o supremo profeta, o Filho divino amado, *o servo sofredor de Deus*.

Por volta do final da era do Novo Testamento, Deus havia comunicado a Sua Palavra plena e completamente à humanidade. Essa revelação foi registrada na Palavra escrita de Deus– que é o registro suficiente, fidedigno, expirado, infalível para todas as pessoas e em todas as eras.

Por causa disso, não julgamos – na verdade, não ousamos julgar – a Palavra escrita de Deus; em vez disso, nós a aceitamos, nos submetemos a ela; obedecemos a ela, e somos, nós mesmos, julgados por ela. Vemos isso em Hebreus 1:1,2; 2Timóteo 3:15–17 Pedro 1:3–4 e 19–21; e analisamos este aspecto de modo mais detalhado no volume *Fé Viva*.

Isso significa que, desde o tempo da Igreja Primitiva, no livro de Atos, nenhuma revelação profética carrega – ou pode carregar – o mesmo nível de inspiração e infalibilidade como nas Escrituras.

Níveis de inspiração

Podemos ser convencidos de que temos ouvido Deus falar a nós pessoalmente, claramente, e de maneira muito maravilhosa; podemos estar certos de que conhecemos a vontade de Deus e a Palavra *rhema* específica para a nossa situação. Entretanto, também devemos estar absolutamente certos de que a revelação que ouvimos ou recebemos não pode ser tão inspirada e infalível como a Bíblia, e que ela – portanto – deve sempre ser julgada de modo que a Bíblia jamais seja julgada.

Na época da Igreja Primitiva, a profecia apostólica era dada com o propósito de formar orientação doutrinária para toda a Igreja, em todas as eras. Era revelação fidedigna que fazia parte da Palavra plena e cabal à humanidade.

Deveria estar claro que esse tipo de revelação não é dado hoje: Devemos rejeitar qualquer revelação que alegue ser totalmente inspirada e infalível, e qualquer uma que o mensageiro sugerir que deva ser aceita sem qualquer forma de julgamento.

Desde a era apostólica, Deus continua dando revelação profética para edificar a Igreja e, posteriormente, o seu trabalho na Terra. Esse nível de inspiração, contudo, é muito menor e as palavras que são dadas são apenas para situações específicas e não são coercitivas – ou até mesmo necessariamente relevantes – para toda a Igreja.

Vimos esse grau inferior de inspiração no Novo Testamento.

- Em 1Corinthians 14, por exemplo, o dom de profecia não carregava consigo uma inspiração que se estendia às palavras exatas faladas pela pessoa que profetizava. Em vez disso, parece que o Espírito Santo concedia a essência de uma revelação que então era exprimida de forma falível, por meio da personalidade das pessoas que profetizavam. (A profecia de Ágabo em Atos 21:10,11 também é um exemplo disso. A profecia aconteceu de fato, embora não tenha sido conforme cada detalhe específico. Ágabo certamente recebeu uma base da revelação profética verdadeira – ou seja, de que Paulo seria encarcerado em Jerusalém – mas os detalhes específicos não eram importantes nessa profecia.)

- As profecias descritas em 1Coríntios 14 poderiam conter erro, e tiveram de ser submetidas ao escrutínio e julgamento.
- Como não há sugestão de que as profecias em Coríntios deviam ser registradas para a posteridade, ou transmitidas a outras congregações, elas certamente não foram de importância universal. Eram simplesmente mensagens para aquelas pessoas naquela época – e muito diferente de profecias bíblicas ou ‘fundamentais’. Entretanto, devemos notar que, às vezes, pode haver algumas profecias que deveriam ser compartilhadas mais amplamente e que de fato têm um significado mais universal.
- 1Coríntios 14:30 indica que algumas profecias não deveriam ser dadas, e que outras deveriam ser dadas apenas em parte. Isso prova que essas profecias por ‘dons’ são menos importantes do que as Escrituras e as declarações proféticas ‘fundacionais’.
- As palavras de Paulo em 1Coríntios 14:37,38 indicam que ele, como um apóstolo pessoal de Jesus, tinha uma autoridade que era maior do que a daqueles crentes que profetizavam em Corinto, e ainda maior do que aqueles reconhecidos ali como profetas.

É exatamente por estarmos envolvidos hoje nesses níveis inferiores de inspiração que precisamos nos assegurar de que todo o fruto do ouvir profético seja julgado de acordo com os princípios bíblicos.

O propósito da revelação

Toda vez que analisamos uma revelação profética, precisamos lembrar a nós mesmos acerca dos três propósitos da Palavra de Deus. Se a revelação não parecer compartilhar desses propósitos, precisamos prová-la de modo especial e completo.

1. Conhecer Deus

Não devemos esquecer jamais que o propósito fundamental de toda revelação é conhecer Deus; nada mais – direcionamento, inspiração, previsão, instrumentalização, consolo, edificação etc. – é tudo secundário.

A revelação de Deus sempre se baseia na autorrevelação – que é a razão de a Palavra pessoal encarnada ser fundamental. Deus é o Deus vivo que ‘fala’ e se ‘comunica’ e se revela. Seu maior anseio é por todas as pessoas, e que cada pessoa O conheça e se envolva completamente em Seus propósitos. Vemos isso, por exemplo, em 1 Samuel 3:7; Efésios 1:17,18; Colossenses 1:9,10 e 2:2,3.

2. Edificar a Igreja

Devemos nos lembrar sempre de que a Igreja é construída – ou edificada – pela revelação profética e que esta é dada para se edificar a Igreja juntamente, de modo que ela possa crescer e se expandir.

Vimos, em Efésios 2:20, que a Igreja foi construída sobre o fundamento dos apóstolos e profetas. Essa é a revelação definitiva que foi dada por Deus.

Ai está, porém, a edificação progressiva da Igreja – até a maturidade e para o evangelismo – e Deus continua a oferecer revelação para este grande projeto de edificação.

E observamos, em 1 Coríntios 14:3, que essa revelação da ‘edificação da Igreja’:

- Mostra como Deus quer que nós sejamos edificados juntamente e que crescamos
- Revela o que Deus está fazendo e nos chama a andar em conformidade com Ele - a andar com Deus naquilo que Ele está fazendo
- Lembra-nos do amor e consolo de Deus

3. Liberar poder

Vimos que Jesus limitou-se a falar e fazer somente aquilo que Ele discernia o Pai falando e fazendo por meio do ouvir profético. Isso quer dizer que há um elo direto entre revelação e a liberação do poder de Deus, entre o ouvir e a liberação do poder nas vidas humanas.

Como vemos no volume *Fé Viva e Ministério no Espírito*, as obras do Reino – evangelismo, cura, livramento, milagres e assim por diante – são todas realizadas no contexto de uma revelação

da Palavra específica de Deus referente ao que o Pai está fazendo, naquele momento e lugar.

Sabemos que somos chamados a compartilhar do ministério de Jesus, e que Ele é o modelo para todo ministério cristão. Isso significa que devemos aprender a falar e agir somente depois de receber uma revelação divina das Palavras e ações do Pai no decorrer de nosso ouvir profético. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 13:53–58; Lucas 4:23–30; 5:17; João 5:1–18; 14:10 e Atos 14:9–10.

A revelação que julga

Observamos constantemente que devemos provar todas as revelações que ouvimos – quer seja pessoalmente ao ouvirmos Deus ou por meio das palavras de outras pessoas que O ouviram. Esse aspecto é destacado no texto de 1 Tessalonicenses 5:19–22, que nos ordena não tratar as profecias com desprezo, *examinar tudo* e reter o bem.

É quase impossível exagerar a importância de julgar o fruto do ouvir profético, pois se trata de um meio fundamental de se evitar o erro e receber o que Deus está ‘dizendo’ de fato. Esse julgamento inclui a análise e avaliação do conteúdo das palavras, seu motivo e propósito, e a vida de quem a declara.

Na Igreja de hoje existe um temor real de falsos profetas e falsa profecia; a profecia superficial atrai menos atenção, porém, é igualmente perigosa e ainda mais prevalente. Precisamos fazer distinção entre:

- Profecia infalível – essa é a profecia das Escrituras e dos profetas fundacionais que não deve ser julgada.
- Falsa profecia – é a ‘profecia’ cujo motivo, origem e conteúdo são totalmente alheios ao Espírito de Jesus; uma vez identificada, ela deve ser completamente rejeitada.
- Profecia impura – é a profecia em que partes do motivo, origem e conteúdo são produto do servo humano. Deus falou de fato, porém a Sua essência santa recebeu adições, ou um motivo impuro infectou o seu discurso, ou foi dada na hora errada, ou de maneira descontrolada. Neste caso, julgar inclui

separar a escória humana do ouro divino, e reter somente a parte que é boa.

- Profecia pura – dentro dos limites da falibilidade humana, é a profecia cujo motivo, origem e conteúdo são produto somente do Espírito Santo. Uma vez provada e reconhecida, deve ser plenamente aceita.

Quando julgamos a revelação, há uma série de testes que nos ajudam a definir se uma profecia é falsa ou pura e há algumas orientações espirituais básicas – e um dom importante do Espírito – que nos ajuda a ‘separar’ a profecia impura em suas partes essenciais.

Testes funcionais

Com base em Efésios 1:17; 1Coríntios 14:5, 6,12 e Deuteronômio 18:21,22, podemos dizer que há três perguntas simples que precisamos fazer a respeito de qualquer revelação:

- Ela revela a natureza de Deus?
- Ela desenvolve o ouvir das pessoas?
- Ela é comprovadamente exata?

Sabemos que toda revelação de Deus é uma autorrevelação que tem o objetivo de nos levar a um relacionamento mais íntimo com Ele. Isso significa que toda palavra verdadeira é dada para o propósito específico de nos relacionar mais de perto com Deus – e com a Sua mente, graça, poder e chamado.

Após ouvir cuidadosamente, não precisamos receber uma revelação se ela não fizer crescer o povo de Deus e edificá-lo juntamente; se não se conformar à natureza de Deus ou atrair as pessoas a Ele e se for vaga demais para ser provável ou se for comprovada como inexata.

Testes teológicos

Vimos repetidamente que toda profecia deve se conformar à Palavra de Deus– tanto à Palavra escrita como a Palavra pessoal. E também observamos o princípio bíblico de que toda profecia deve testemunhar de Jesus.

Passagens como Deuteronômio 13:1–5; João 16:14; Atos

10:43; Romanos 10:9,10; 1Coríntios 12:3; 1João 2:20–27; 4:1–6; 2João 1:10 e Apocalipse 19:10 significam que também deveríamos fazer as três perguntas a seguir acerca de cada revelação:

- Ela concorda com as Escrituras?
- Ela concorda com o caráter de Jesus?
- Ela testemunha de Jesus – de Seu senhorio, divindade, humanidade, morte expiatória e assim por diante?

Isso não significa que toda revelação deve conter um versículo ‘comprobatório’ e uma referência brilhante a Jesus antes de poder ser aceita. Em vez disso, significa que uma revelação deve ser rejeitada se não estiver alinhada com princípios bíblicos e a natureza revelada de Jesus, se for contrária a uma ordem bíblica específica e se – de algum modo – não apontar para Ele.

Testes morais

Vimos que o Antigo Testamento identifica a profecia falsa pela identificação de profetas falsos. Se um profeta for falso, a sua profecia também será – não importa o quanto ela possa parecer precisa ou bíblica. Deuterônimo 13:1–5; 18:21,22; Jeremias 23:9–40 e Ezequiel 12:21–14:11 apontam que os falsos profetas têm algumas dessas marcas distintas:

- Suas profecias preditivas são inexatas Eles dão nomes de outros deuses às pessoas
- Seus estilos de vida são imorais
- Eles não checam a imoralidade nos outros
- Eles invocam paz sem considerar as condições morais e espirituais necessárias para a paz

Por definição, um falso profeta fala uma falsa profecia e Jesus nos encoraja, em Mateus 7:15–20, a nos ‘acautelar’ dos falsos profetas. Nessa passagem, Jesus mostra que não devemos julgar pela aparência superficial de uma pessoa, mas pelo efeito – o fruto – de seu ministério e vida. Isso significa que testamos as vidas dos profetas tanto quanto suas palavras.

Podemos dizer que o Novo Testamento – especialmente Mateus 7:15,16 e 1João 1:6,7 – indicam três testes morais que ajudam a identificar falsos profetas:

- Eles estão produzindo o que Jesus considera ser fruto bom?
- Eles estão andando com o Senhor?
- Eles estão em boa comunhão com outros crentes?

Não importa o quanto uma revelação seja surpreendente, com que volume de voz ela afirme o senhorio de Cristo, com que eloquência ela cite a Bíblia, se o mensageiro não estiver andando com o Senhor e com outros crentes, e se estiver produzindo frutos maus, é melhor ignorar a revelação.

Testes espirituais

Observamos que a verdade não é a verdade de Deus quando é entregue com orgulho ou ambição egoísta. Isso significa que julgamos não apenas o conteúdo de uma revelação, mas também a vida do mensageiro e o ‘tom’ da mensagem.

Como a Palavra de Deus sempre vem a nós no sopro de Deus – no Espírito – precisamos nos perguntar se o tom geral da revelação é coerente com a natureza do Espírito humilde e modesto.

Deve estar claro que os profetas que estão próximos ao coração de Deus, aqueles com maior experiência em ouvi-Lo, estão em uma posição especialmente boa para testar a revelação. E o ‘acordo profético’ é um teste essencial da revelação.

1Coríntios 14:29 é um versículo importante que indica que a revelação legítima geralmente é permeada de uma revelação que a respalda e de testemunho da parte de outros homens e mulheres que profetizam. Nesse versículo, a palavra ‘outros’ no grego é *allos* – ‘outro igual a’ e não *heteros* ‘outro diferente de’. Essa palavra aponta que, na Igreja Primitiva, eram normalmente os mesmos homens e mulheres que profetizavam que também julgavam as revelações.

Isso indica que o teste de profecias dadas na adoração pública é melhor se deixado principalmente para aqueles homens e mulheres que profetizam regularmente. É claro, na maioria das Igrejas, os ‘outros’ incluirão os líderes – mas eles ‘testarão a revelação’ porque eles profetizam e não apenas porque por acaso são líderes. Porém, na análise final, a liderança formal da Igreja

é responsável por aceitar ou rejeitar qualquer profecia específica. São os líderes que, em seu papel de executivos espirituais da igreja, decidem como a profecia deve ser recebida e colocada em prática. Julgar uma profecia não é questão de se dar um sinal de ‘positivo’ ou ‘negativo’ para cada mensagem profética. A profecia é tão importante que Deus quer que a tratemos com muito mais seriedade do que isso.

Na realidade, o julgamento - como a profecia – é um processo que deveria envolver:

- Testemunho congregacional – o Espírito está em e com as pessoas, e Ele proporciona um sentido geral de acordo entre elas acerca da Palavra específica de Deus
- Chamado profético – aqueles que ministram com mais regularidade no dom profético deveriam direcionar a Igreja para a Palavra específica de Deus, por meio do dom de discernir espíritos
- O direcionamento dos líderes – os líderes têm a autoridade governamental e responsabilidade de assegurar que a Palavra de Deus seja reconhecida e aplicada

O dom de julgar

Além de usar os testes que analisamos para julgar a revelação, os ‘outros’ também podem exercitar o dom espiritual de discernimento de espíritos, o dom de diakrisis.

Essa palavra grega significa ‘julgamento completo’, ‘discernimento completo’, ou – o melhor de todos – ‘separação completa’. *Diakrisis* e sua forma verbal *diakrino* são usadas em:

- Mateus 16:3 – para mostrar como um significado pode ser derivado de uma figura
- 1Coríntios 6:5 – para definir a verdade em um litígio
- 1Coríntios 11:31 – para destacar a importância de julgar
- 1Coríntios 12:10 – como um dom espiritual
- 1Coríntios 14:29 – para demonstrar sua relevância para a profecia

Podemos dizer que *diakrisis* é o dom espiritual dado por Deus que nos possibilita identificar a profecia ‘pura’ e separar a men-

sagem divina da escória humana na profecia ‘impura’ – possibilitando-nos assim ‘reter o bem’ e evitar qualquer forma de mal’.

Os ‘juízes’ ou ‘separadores’ proféticos ouvem todas as revelações e ouvem o Espírito. Eles têm em mente os testes que analisamos; eles se lembram de que toda a atividade do Espírito aponta para Jesus, e eles compreendem que a profecia bíblica legítima foca o que Deus está fazendo, pensando e dizendo em vez de prescrever uma resposta humana.

Os ‘outros’ não dão um ‘sim’ ou ‘não’ a cada revelação individual. Em vez disso, eles separam o entusiasmo humano, influências culturais e ênfases tradicionais e transmitem a essência do fluir da revelação. Não se trata de um exercício de compreensão e resumo; é um dom espiritual que opera do mesmo jeito que todos os dons espirituais.

E, como todo aspecto da vida no Espírito, é extremamente revigorante. Esse tipo de julgamento completo – ou filtração – elimina os problemas pastorais causados pela rejeição ou medo de repulsa, e é uma demonstração brilhante da Igreja funcionando verdadeiramente como um corpo interdependente.

Testando a profecia pessoal

Assim como julgar a revelação recebida publicamente, precisamos também testar a revelação que ouvimos em nosso tempo particular com Deus e quaisquer ‘palavras’ que nos são dadas pessoalmente por outro crente. Precisamos saber se ouvimos Deus de fato ou se fomos simplesmente levados pelos próprios sentimentos naturais ou pela pressão espiritual ou emocional da outra pessoa.

Além dos testes que já analisamos neste capítulo, há diversas perguntas que podemos fazer que podem nos ajudar a julgar essas revelações pessoais.

Prove o mensageiro

Precisamos avaliar duas questões acerca do homem ou mulher que está profetizando pessoalmente a nós:

- Sua prestação de contas – deveríamos definir se a pessoa

está atuando de forma adequada sob o cuidado e disciplina da Igreja – ou se ela é um ‘cavaleiro solitário’ ou ‘uma linguaruda’. Precisamos descobrir quem a corrige e se ela se submete à correção – ou se, na realidade, ela está “acima de qualquer suspeita”.

- Seu estilo de vida – deveríamos checar também o fruto dela’. Isso inclui o caráter, doutrina e os resultados de seu ministério. Precisamos saber se ela é semelhante a Cristo em sua vida e ministério, se é bíblica em suas crenças, e se o reino de Deus está sendo edificado por meio dela. Porém, aqui devemos ser cuidadosos para não fazer da perfeição absoluta ou maturidade plena a própria prova – pois Deus poderia falar por meio da criancinha mais nova na escola dominical, se assim Ele quisesse.

Embora a profecia possa ser precisa, nós devemos rejeitá-la se o mensageiro fracassar nos testes bíblicos. Devemos nos lembrar de que:

- Os falsos profetas foram rejeitados por Jesus, muito embora eles aparentemente profetizassem com a mesma eficácia que expulsavam demônios – Mateus 7:15–23
- Caifás profetizou com precisão, muito embora não fosse um seguidor de Cristo – João 11:45
- Balaão usou de meios pagãos de divinação, bem como o profetizar em nome do Senhor, por isso Deus desfez os seus pronunciamentos e tornou a sua maldição em bênção para Israel – Números 22–24

Prove a mensagem

Há toda uma série de questões práticas que podemos considerar a respeito de cada profecia pessoal. Algumas delas podem ser mais relevantes para o teste daquelas revelações que ouvimos em nosso ouvir particular e outras podem ser mais relevantes para testar aquelas revelações que outras pessoas nos transmitem.

O ponto mais importante a ser lembrado é que nós devemos *sempre* testar cada mensagem por inteiro.

A revelação é factual?

Se alguém estiver falando pelo Espírito, suas palavras serão precisas: Os sinais que elas anunciam se realizarão, suas previsões acontecerão.

Entretanto, devemos perceber que profecia não é inspirada verbalmente da mesma maneira que as Escrituras. O Espírito pode estar oferecendo uma revelação básica ou 'essência', mas elementos humanos podem estar distorcendo-a.

Nós também precisamos nos lembrar de que precisão não é uma prova de autenticidade. Fatos sobrenaturais não constituem, por si próprios, uma profecia, pois podem ter vindo de uma fonte demoníaca.

É bíblica?

Se a mensagem contiver doutrina falsa, isto é um sinal de advertência de que ela pode não ter vindo do Espírito Santo. Às vezes, porém, uma profecia legítima pode conter erro doutrinário devido à imaturidade do profeta em lidar com a revelação profética. É por isso que temos de operar com discernimento – e às vezes pode nos ser solicitado separar o núcleo divino da escória humana. Porém, toda profecia deve acabar se submetendo completamente às Escrituras. Talvez essa seja a razão por que mestres e profetas deveriam buscar trabalhar mais juntos, como todos os ministérios de Efésios 4:11 deveriam buscar fazer. Um pode beneficiar o outro.

Ela é confirmada e confirma?

Se Deus estiver verdadeiramente falando, podemos esperar que Ele confirme a Sua Palavra por muitos meios e fontes. Vemos esse princípio em Mateus 18:19,20; Atos 13:2 e 1Coríntios 13:1.

A revelação vem com o testemunho do Espírito? O Espírito Santo dá testemunho das palavras verdadeiras da profecia e por estar em nós e conosco, podemos esperar que Ele nos conceda o Seu selo interior para revelações legítimas.

É claro, devemos nos certificar de não confundir o testemunho

do Espírito com uma reação humana – especialmente quando uma profecia questiona uma ideia preconcebida, uma tradição religiosa ou um padrão cultural!

Vimos que uma maneira de o Espírito fazer isso é pelo Seu ‘fruto’. Podemos nos perguntar se a mensagem é coerente com o Seu amor, alegria, paz, paciência, gentileza etc. A profecia no Novo Testamento flui do Espírito de Cristo e deve geralmente ser dada como edificação, exortação e consolo.

Ela não tenta desviar nossa responsabilidade de tomar decisões?

A profecia legítima aponta para o que Deus está fazendo e nos chama a andar em conformidade com Ele. Ela pode nos apontar para a vontade específica de Deus, pode até mesmo nos desafiar a obedecer a vontade Dele – mas ela não insiste que obedecemos impensadamente, sem checar a revelação. Toda revelação deveria ser verificada junto a conselheiros sábios e piedosos, líderes maduros.

Ela evita áreas que são excessivamente pessoais?

Devemos ser muito cautelosos com mensagens de pessoas que insistem que Deus lhes falou que nós deveríamos ou não deveríamos casar, de que cor deveríamos pintar as nossas casas, e assim por diante.

A revelação é coerente com o conselho de Deus para as nossas vidas? Para a maior parte, a profecia pessoal deveria confirmar coisas que Deus já vem falando. Ele pode nos dar informações novas por meio de uma profecia pessoal, mas elas estarão alinhadas com o que conhecemos do plano geral de Deus para as nossas vidas.

Devemos ser cautelosos se recebermos algo que não combina com o que sabemos. Não devemos rejeitar a revelação inteira, visto que pode ser uma palavra direcional que delineie o próximo passo na revelação progressiva da vontade de Deus para a nossa vida, mas devemos pôr de lado e pedir ao Senhor que esclareça a situação.

Ela pleiteia um nível alto demais de inspiração e autoridade? Vimos que nem todas as profecias carregam o mesmo nível de inspiração. Uma mensagem pessoal quase sempre será nada mais que consolo inspirado ou encorajamento, mas ela pode – às vezes – ser uma palavra importante de direcionamento, correção ou predição.

Deus quase sempre confia palavras ‘importantes’ a pessoas proféticas que sejam experientes e maduras. A maior parte dos erros ocorre quando as pessoas começam a profetizar fora da ‘proporção de sua fé’, ou do dom que Deus lhes deu. Devemos ter cuidado especial com quaisquer palavras que aparentemente determinam algum aspecto de nossos futuros.

Prove todas as coisas

É difícil exagerar a importância deste capítulo a respeito de julgamento de revelação. Qualquer ênfase em ouvir Deus e a fala profética deve incluir o entendimento bíblico de se testar a revelação.

Esta nunca é uma área fácil, e precisamos tratá-la com muita humildade. Porém, quando ouvimos sem provar, ou profetizamos sem julgar, abrimos a porta para o erro, emoções inúteis, pressão humana e distrações demoníacas

Parte Nove

Desenvolvendo o Ouvir Profético

É trágico que, apesar de todas as conferências, livros e sermões dos últimos anos, ainda não parece haver um lugar reconhecido para a profecia regular na maior parte da Igreja. Poucas congregações dão espaço para a profecia ou a tratam com o respeito santo.

Muitos líderes não creem que o ouvir profético e a revelação sejam formas de Deus se comunicar hoje. Até mesmo em igrejas carismáticas e pentecostais há um medo geral de falsos profetas, uma aceitação de profecia superficial e confusão acerca do julgamento da profecia.

Devemos entender que Satanás se opõe firmemente à profecia e está determinado a fazer o máximo para difamá-la e tentar os crentes a ignorá-la. Ele tem boas razões para a oposição, porque a profecia é muito valiosa para a Igreja.

Como vimos, Deus fala por meio da profecia. Ele a usa para manifestar a Sua presença, oferecer edificação, encorajamento e consolo aos crentes e para trazer convicção para aqueles que ainda não são salvos.

Por meio da profecia, Deus revela o Seu caráter, direciona as ações de Seu povo, adverte-os a fugir do problema, prepara-os para enfrentar dificuldades, e aponta para aqueles que Ele quer em Seu serviço na terra natal e em outras terras.

Por meio da profecia, conhecemos a palavra particular de Deus e a vontade imediata Dele, e podemos imitar a decisão de Jesus de fazer somente o que Ele ouve e vê o Pai fazendo.

É essencial, portanto, que estabeleçamos na Igreja um papel claramente aceito e reconhecido para os profetas e a profecia hoje e que saibamos como desenvolver o ouvir e viver profético por todas as congregações.

Há diversas coisas diferentes que tanto líderes como crentes comuns podem fazer para desenvolver o ouvir profético a Deus.

Os líderes

Crentes cristãos precisam estar confiantes de que os seus líderes tratem as suas profecias com seriedade e não as considerem uma excentricidade inofensiva. O ministério profético raramente se desenvolve em igrejas cujos líderes acham que devem permitir que a pessoa ‘dê o seu recadinho’, mas que depois podem ignorar silenciosamente o que foi dito.

Resposta pública

Os líderes devem dar uma resposta pública à profecia. De fato, eles não devem admitir a profecia sem também admitir um meio de lidar com ela.

Hoje, alguns ministros não dão espaço para a profecia porque temem a possibilidade de uma pressão descortês por parte de um indivíduo resoluta e determinado. Se alguém traz uma revelação, esta tende a ser recebida com um silêncio constrangedor – e depois esquecida rapidamente.

Porém, o princípio bíblico de ‘julgar’ profecias para revelar a essência da Palavra de Deus elimina os problemas pastorais da pressão humana e rejeição pessoal.

Resumindo, 1 Tessalonicenses 5:20 deixa claro que nenhum líder deve jamais ignorar a profecia. Em toda tradição eclesial é possível estabelecer um padrão ‘decentemente e organizadamente’ correto para a manifestação de dons espirituais. Os líderes devem assegurar que esse padrão seja conhecido e obedecido, devem assegurar espaço para erros crassos e falhas

– e que essas escorregadas inevitáveis sejam reconhecidas com um sorriso.

Sabemos que podemos aprender mais com erros que cometemos fazendo algo do que quando não fazemos nada e que não podemos atingir a maturidade sem passar por uma fase imatura. Essas verdades se aplicam à profecia tanto quanto a qualquer outro aspecto de nossas vidas física e espiritual.

Direcionamento público

A maioria das pessoas, especialmente os visitantes, acha proveitoso quando os ministros oferecem algum tipo de comentário ou explicação acerca dos dons espirituais, e quando guiam e orientam as pessoas a respeito do procedimento que é seguido na congregação.

Os líderes devem tentar assegurar que haja taxis bíblico – ordem e disciplina – para os seus cultos, e devem dar espaço para ‘todas as coisas’, sem permitir que cada um faça o que quiser de modo anárquico e caótico.

Como toda revelação está sujeita à Palavra escrita de Deus, os líderes devem conhecer as Escrituras e serem capazes tanto de defender a sã doutrina como expor a falsa doutrina.

Eles devem também avaliar o caráter das pessoas que profetizam – para evitar a infiltração de falsos profetas – sem se esquecer do princípio de Números 22:28–30. Se Deus pode falar dessa maneira, Ele certamente pode falar por intermédio dos crentes mais velhos, ou jovens, dos imaturos, iletrados, ou dos menos favorecidos em termos de aparência.

Encorajamento público

Efébios 4:11,12 ensina que os pastores têm a responsabilidade básica de equipar os crentes para as tarefas de ministério e edificação da Igreja. Como a profecia é parte fundamental da edificação da Igreja, os pastores e mestres devem ajudar ativamente ‘os santos’ a profetizar.

Muitos crentes precisam de encorajamento constante para confiar nos pensamentos que Deus lhes dá; outros precisam de

direção para ajudá-los a se mover dos chavões superficiais à profecia específica; e alguns precisam de direcionamento de como e quando parar de falar.

Por último, se for para o ouvir e viver proféticos se desenvolverem numa igreja, os líderes devem estabelecer um exemplo no desejo público – ou *zelos* – por profecia. Se eles ansiarem por profecia, se fizerem do ouvir a sua prioridade pessoal, então as pessoas começarão, elas próprias, a ‘ouvir’ Deus ‘falar’ mais claramente.

Porém, se as pessoas pensarem que os líderes são contra a profecia – ou que pelo menos são um tanto desconfiados – é improvável que se preocupem em ouvir Deus e levar a sério as Suas palavras proféticas.

O povo

Ouvir Deus é ouvir a Sua Palavra. Se ansiarmos por ouvir Deus ‘falar’, devemos nos encher de Sua Palavra escrita e sermos íntimos de Sua Palavra pessoal – não há atalhos ou soluções instantâneas que minimizem a nossa necessidade de um estilo de vida disciplinado.

Devore a Bíblia

A inspiração profética vem de nossa exposição à Palavra e de nossa abertura ao Espírito.

- Precisamos continuar devorando a Bíblia para ouvir o máximo dos pensamentos de Deus.
- Precisamos lê-la regularmente, completamente, cuidadosamente – com ‘ouvidos’ espirituais que estejam alertas ao jeito de Deus enfatizar a Sua Palavra *rhema* a nós.
- Precisamos ler cada parte das Escrituras – Antigo e Novo Testamento, Levítico e Lucas, Amós e Atos, Habacuque e Hebreus, e assim por diante.
- E precisamos nos lembrar das verdades de 1 Tessalonicenses 2:13 e 1 Coríntios 2:14. O Espírito que deu origem às Escrituras também deve torná-las claras a nós, pois as verdades que ela contém são discernidas espiritual e não intelectualmente

Ao fazermos isso, devemos nos alinhar conscientemente com o ensinamento da Bíblia, pois o entendimento sem a obediência ao Evangelho é sempre pecaminoso. Deus não fala a Sua Palavra apenas para nos ensinar fatos a respeito Dele; Deus nos dá a Sua Palavra essencialmente para que possamos Conhecê-Lo – de modo pessoal, íntimo, direto e regozijante.

Como vemos no volume *Conhecendo o Pai*, a obediência ao evangelho é uma obediência capacitada em vez de esforço pessoal da carne: É somente por meio da obra do Espírito que a Palavra cumpre o seu propósito nas vidas humanas. Isso ilustra a importância tanto de uma abertura íntima ao Espírito Santo como uma familiaridade íntima com a Palavra escrita.

Zele pela profecia

Como os líderes, todo crente deveria seguir a indicação repetida três vezes em 1Coríntios 14. Devemos ser zelosos pelo dom de profecia a ser estabelecido em nossa igreja, em todas as igrejas.

Sem um sinal de ambição espiritual, deveríamos nos oferecer a Deus como servos humildes que desejam agir em obediência ao mover do Espírito. Tudo que Deus precisa é de um ouvido e uma boca, e deveríamos nos voluntariar para ser um de Seus servos mensageiros – que fala apenas o que Ele diz, tanto ao mundo como à Igreja.

Tenha a expectativa de que Deus fale

Quando começarmos a levar a sério o ouvir e viver proféticos, devemos esperar que Deus ‘fale’ a nós, que nos chame à Sua presença, que sussurre os Seus pensamentos em nossos ‘ouvidos’, que coloque o Seu ‘fardo’ sobre os nossos ‘ombros’, e assim por diante.

Muitas pessoas acham proveitoso usar um caderno para registrar os sonhos, pensamentos e palavras que elas creem que possam ser palavras de Deus para elas. Durante um tempo esse hábito pode nos ajudar a identificar os sussurros persistentes que tendemos a desprezar.

Se Deus parece sugerir algo que não é para nós pessoalmente-

te, deveríamos Lhe perguntar se este pensamento é uma palavra que deve ser transmitida a outra pessoa ou grupo. Devemos nos lembrar de que nem toda revelação profética é para disseminação pública, mas toda revelação profética é para oração e intercessão pessoal.

Quando suspeitarmos de que Deus nos falou uma palavra que deveríamos passar adiante, devemos nos permitir ser direcionados por Ele para saber qual o lugar, hora e pessoa. Devemos nos confiar inteiramente ao Espírito – que nos indicará onde, quando, quem e o quê.

Identifique temores

A maioria dos crentes demonstra, de fato, muita apreensão quanto a falar a Palavra de Deus a outra pessoa. Quando for esse o caso, é bom identificar a causa do temor, a fim de podermos pedir a Deus para tratá-la.

Deveríamos nos perguntar, por exemplo, se estamos temerosos de:

- O que os outros pensarão?
- Sermos incapazes de acabar a profecia?
- Dizer algo tolo?
- Parecer tolo?
- Ser perseguido, rejeitado ou mal compreendido?

De fato, deveríamos sempre ter mais medo do que Deus pensa se O desobedecemos quando deixamos de falar, do que aquilo que os outros vão dizer se nós Lhe obedecermos e falarmos.

Devemos entender que podemos crescer com o aprendizado de nossos erros e falhas, mas que não aprendemos nada permanecendo em silêncio quando Deus nos direcionou a falar.

Devemos nos solidarizar com outros crentes que estão aprendendo a ouvir Deus e falar profeticamente, e suportar as suas tentativas fracassadas. E devemos ir em frente com o nosso ouvir e viver profético – de modo que a ‘voz’ de Deus possa ser ouvida com clareza, autoridade e poder cada vez mais crescentes naquela parte do mundo em que fomos colocados.

Intercessão profética

Assim como desenvolver o ouvir profético dessas maneiras distintas, os líderes e crentes comuns precisam ambos desenvolver seu ouvir por meio da intercessão profética. Embora devamos objetivar desenvolver uma vida de ouvir, a qual está *constantemente* alerta à voz de Deus, somente podemos construir esta vida atenta sobre o alicerce da oração que ouve.

Sabemos que Deus quer que nos aproximemos Dele para que possa nos revelar Seus pensamentos mais profundos. E Ele faz isso por meio da oração. Então, devemos orar por revelação e depois orar conforme a revelação que recebemos.

A oração tem a ver com tudo que não se refere a nós, mas muitos de nós giramos em torno dos próprios interesses e ideias. Até mesmo quando oramos, questões pessoais tampam as nossas mentes para a vontade de Deus e Seus interesses e preocupações.

Quando nos aproximamos de Deus em oração, deveríamos ansiar mais por receber as Suas Palavras do que falar de nossas preocupações – deveríamos nos aproximar Dele com as mãos vazias e o espírito aberto.

Analisamos a intercessão com certo nível de detalhe no volume *Oração Eficaz*, e observamos que precisamos receber a direção de Deus para a nossa intercessão. Todos os grandes intercessores da Bíblia foram profetas ungidos pelo Espírito, e eles obedeciam a uma ordem rígida em sua intercessão:

- Em oração, eles entravam na presença de Deus
- Ouviam calma e pacientemente a revelação de Deus
- Eles declaravam aquela revelação de volta a Deus em oração intercessora
- Eles anunciavam a revelação às pessoas pertinentes

Podemos dizer que a intercessão profética é orar a revelação e é – para a maior parte das pessoas – o caminho para uma vida de ouvir Deus profeticamente.

A verdadeira intercessão bíblica não é uma apresentação das necessidades de nossas relações ou a elaboração de uma lista de requisitos. Em vez disso, a intercessão legítima, bíblica e profética começa com a espera silenciosa e persistente pela

revelação do coração de Deus.

Como vimos, os profetas do Antigo Testamento recebiam:

- Uma visão de Deus – eles viam o que Deus via
- Um fardo de Deus – eles sentiam o que Ele sentia
- Uma palavra de Deus– eles ouviam o que Ele dizia

O mesmo ocorre hoje: Nossa intercessão bíblica começa quando recebemos uma revelação de Deus – e esta geralmente não explode em nossos sentidos de maneira a dominar as nossas mentes e demandar atenção imediata de nossa parte.

Como Elias em 1Reis 19:9–18, precisamos aprender que a voz de Deus raramente é como um furacão, terremoto ou fogo devastador – ela é mais como um leve som sussurrante que pode ser ouvido somente por aqueles que estão escutando atentamente.

A revelação profética leva naturalmente à intercessão profética e muitas revelações são dadas com o propósito de direcionar e encorajar a intercessão. Embora sejamos servos mensageiros de Deus, não deveríamos estar separados emocionalmente de nossa mensagem; em vez disso, somos parceiros legítimos na mensagem profética que intercede com Deus acerca de nossa mensagem, orando para que os Seus propósitos sejam cumpridos.

Essa progressão ouvir → revelação → intercessão é vista de forma especialmente clara em Números 14:13–19, em que Moisés intercede em resposta à revelação de que Deus está para destruir o Seu povo.

Nesta passagem há três fatores que modelam a intercessão profética de Moisés:

A reputação de Deus

Moisés sabia que a reputação de Deus estava em jogo. Se as pessoas fossem destruídas, as nações pagãs em derredor iriam pensar que *lavé* era incapaz de manter a Sua promessa.

Moisés não estava tentando chegar a um acordo com Deus; ele tinha uma preocupação verdadeira com o nome e a reputação de Deus. Ele vira a glória de Deus e tinha zelo dela. A revelação da intenção de Deus fez Moisés interceder com Ele para preservar a Sua reputação.

O caráter de Deus

Por causa de sua relação íntima com Deus, que vemos em Êxodo 33:12–34:8, Moisés sabia que Ele se caracterizava por misericórdia e perdão. Sua intercessão foi praticamente ‘Deus, lembre-se de Sua autorrevelação no Sinai, perdoe o povo!’

Moisés não estava tentando manipular Deus, ele estava intercedendo de acordo com a palavra que já tinha recebido acerca do caráter de Deus.

O povo de Deus

Moisés tinha profunda preocupação com o povo de Deus, e identificava-se plenamente com eles. Ele os amava e não queria que fossem destruídos, então intercedeu porque se preocupava com esse grupo de pessoas.

Como Moisés, nossas intercessões são muitas vezes modeladas e movidas por nossa compaixão e preocupação pelas pessoas – mas isso não é suficiente. A revelação que é fruto do nosso ouvir também deveria determinar nossa oração – assim como nosso conhecimento de Deus e Seu amor.

A vida de ouvir

Quando tivermos aprendido a ouvir Deus em oração, precisaremos avançar para reconhecer a Sua ‘voz’ de muitas outras formas – bem como continuar a ouvi-Lo em oração.

Deus é o grande comunicador que nos fala hoje, tanto pessoal como diretamente. Quando tivermos desenvolvido uma ‘vida de oração’ que seja mais no formato de ouvir do que fazer pedidos, poderemos avançar para ouvir a voz de Deus de todas as maneiras que O temos visto ‘falando’ nas Escrituras a Seu povo.

A Bíblia

Passagens como 1Coríntios 10:11; 2Timóteo 3:16,17 e Hebreus 4:12,13 nos lembram do poder vivo e do valor da Palavra escrita.

Deus fala conosco em nosso espírito por meio da Bíblia, chamando a nossa atenção para um versículo especial, um perso-

nagem ou um acontecimento. Às vezes, Ele faz isso ao lermos as Escrituras para nós mesmos, ao ouvirmos sua leitura pública, ou ao ouvirmos sua exposição por um mestre; em outras ocasiões, Deus nos leva a lembrar de uma frase ou passagem que lemos ou ouvimos no passado.

É mandatário que nos impregnemos da Palavra – pela leitura pessoal, estudo, meditação e memorização; pelo ouvir a pregação bíblica e ensino, e pelo uso de livros de ensino e outros auxílios.

O mundo natural

Gênesis 9:12–17; Salmo 19:1–6; Provérbios 6: 6–8; Mateus 6:25–30 e Romanos 1:18–20 ilustram a verdade de que Deus se comunica conosco por meio de Sua criação e do mundo natural.

Às vezes, Deus ‘fala’ aos nossos espíritos quando percebemos o detalhe em um pequeno aspecto da criação, ou quando ficamos boquiabertos pelo tamanho e pela magnificente complexidade de uma grande visão, ou quando estamos simplesmente passando tempo em Sua companhia, desfrutando a obra de Suas mãos.

Muitos de nós levam uma vida tão agitada hoje em dia que passam pouco tempo ‘andando com Deus no jardim’. Se desenvolver uma vida de ouvir for o nosso desejo sincero, precisaremos criar espaços em nossas vidas para estarmos a sós com Deus – não apenas para orar, mas também para desfrutar Dele e de Sua criação.

Deus de fato quer estar envolvido conosco em todos os aspectos de nossas vidas, mas também quer que compartilhemos com Ele a *Sua* vida e que compreendamos as Suas atividades.

Eventos e circunstâncias

Temos visto que Deus se comunica por meio de eventos nacionais e circunstâncias pessoais. Esse não é o único jeito que Ele ‘fala’ e devemos receber a sabedoria do Espírito para interpretar os acontecimentos de forma precisa, porém, Deus fala de fato aos nossos espíritos por intermédio de detalhes de nossas vidas – até mesmo, como em Tiago 5:14,15 mostra, por meio da enfermidade.

Não quero dizer que Deus cause enfermidades em nossas vidas, ou, por exemplo, que todo desastre natural seja um julgamento de Deus acerca de uma nação específica. A história de Jó oferece um lampejo nessa questão. Jó sofre bastante. Os sabeus o atacaram, mataram os seus servos e levaram o seu gado. O fogo aniquilou as suas ovelhas e pastores. Depois os caldeus roubaram os seus camelos e mataram os seus vaqueiros. Em seguida, uma tempestade terrível atingiu a sua casa e matou todos os seus filhos. Por fim, Satanás atacou Jó pessoalmente, afligindo-o com feridas dolorosas.

De quem é a culpa de tudo isso? Satanás certamente instigou os ataques, mas os sabeus e caldeus também agiram por livre-arbítrio. A natureza também estava envolvida. E os textos de Jó 1:12 e 2:6 mostram que Deus claramente permitiu que tudo isso acontecesse. O livro de Jó simplesmente mantém esses elementos juntos em uma tensão teológica. Mostra que Deus pode usar até mesmo ações negativas de terceiros – mais circunstâncias naturais adversas – para comunicar verdades profundas a nós.

A Bíblia mostra que Deus usa e permite nossas circunstâncias, por exemplo:

- Para nos disciplinar – Hebreus 12:3–11
- Para nos humilhar e provar – Deuteronômio 8:2–5
- Para manifestar o Seu poder e amor – Êxodo 14:30,31

Tudo que acontece a nós, e a nossa nação, é parte da vontade ‘permissiva’ de Deus; é ‘permitido’ por Ele, mesmo que não seja necessariamente a Sua vontade ‘perfeita’. Isso significa que, como em Jeremias 9:12–16, geralmente precisamos de uma interpretação profética dos acontecimentos para entender o que Deus está dizendo por *intermédio* de nossas circunstâncias.

Impressões

Sabemos que o Espírito Santo tem acesso aos recônditos internos de nossos corações e mentes Por conseguinte. Ele pode se comunicar diretamente com os nossos espíritos humanos de uma maneira ‘transracional’, por meio de ‘impressões’ santas. Essas impressões geralmente vêm, por exemplo, por:

- Pensamentos
- Palavras
- Ideias
- Imagens
- Sensações físicas
- Uma voz interior
- Discurso profético
- Línguas
- Interpretação
- O dom da profecia.

Alguns crentes parecem pensar que essas impressões transracionais são o jeito ‘normal’ de Deus se comunicar hoje. Porém, precisamos reconhecer que elas são apenas uma dentre muitas formas, e que não são ‘superiores’ ou ‘mais espirituais’ do que qualquer outra.

Quando Deus fala conosco dessa forma, temos de tomar cuidado para garantir que a Sua Palavra seja provada e não seja entendida da maneira errada.

Sonhos e visões

As Escrituras deixam claro que Deus às vezes se comunica com o Seu povo por sonhos durante a noite e visões durante o dia.

Vemos isso em todo o Antigo Testamento, no nascimento de Jesus, em Sua morte e em etapas importantes do desenvolvimento da Igreja Primitiva, por exemplo: Gênesis 15:1; 20:3–7; 28:12–15; 37:5–11; 40:8–19; 41:1–36; Números 12:6–8; Deuteronômio 13:1–5; 1Samuel 3:9–15; Ezequiel 1:1–3:15; Daniel 1:17; 2:1–45; 5:11,12; Joel 2:28; Mateus 1:20,21; 2:12,13,19–23; 27:19; Atos 9:10–16; 10:3–6; 11:5–10; 16:9–10; 18:9,10; 2Coríntios 12:1–4 e Apocalipse 1:10.

Isso não quer dizer que todos os nossos sonhos sempre contenham mensagens de Deus, ao contrário disso – às vezes – Ele chama a nossa atenção para a Sua Palavra por meio de um sonho ou visão. Não devemos ignorar os nossos sonhos, mas não precisamos tentar lembrar de todos eles e entendê-los.

Na medida em que desenvolvermos uma vida de ouvir ali-

cerçada na oração que ouve, nós passaremos a reconhecer o jeito de Deus destacar aspectos de nossas vidas – inclusive o nosso lado do subconsciente – para revelar a Sua Palavra *rhema*.

Uma voz audível

Percebemos com frequência que Deus raramente fala com uma voz audível que ouvimos com nossos ouvidos carnis. Devemos reconhecer, contudo, que há raras ocorrências ocasionais – como em Êxodo 3:4–4:17 e 1 Samuel 3:4–14 – em que Deus de fato fala de modo audível.

O processo do ouvir

No volume *Fé Viva*, vemos que é mais fácil focar em uma parte de um processo do que perceber o processo inteiro. Esse erro comum também se aplica à profecia. Por exemplo, muitas partes da Igreja pensam na profecia essencialmente em termos de fala, enquanto que – neste livro – nós nos concentramos mais no fundamento do ouvir.

Entretanto, devemos nos lembrar de que a profecia é um processo completo que envolve:

- Uma reunião na presença de Deus
- Um relacionamento íntimo com Ele
- Um ouvir persistente, cuidadoso
- Receber a Sua Palavra por meio do Espírito
- Julgar ou separar a Palavra
- Transmitir a Palavra de Deus para a pessoa ou grupo correto.

A profecia envolve todos esses estágios e o processo inteiro pode levar um tempo considerável – raramente é um evento rápido!

Também vimos que toda a Igreja é chamada a ter zelo pela profecia, e que diversas pessoas estão envolvidas no julgamento da profecia. O processo profético raramente é uma atividade individual, ele normalmente envolve a Igreja. Precisamos aprender a ouvir juntos e também sozinhos, a julgar a reve-

lação uns dos outros, a submeter nossas revelações a outros para que as julguem, e – o mais importante – a confiar nas revelações provadas de outras pessoas.

Na medida em que continuarmos a viver uma vida de ouvir, geralmente precisaremos nos lembrar do processo todo – da *revelação a interpretação, clarificação, aplicação, motivação, intercessão e proclamação* – e a nos certificar de que estamos prestando atenção a cada parte. Resumindo, nós precisamos:

- Ouvir Deus dentro do contexto de um relacionamento pessoal íntimo, parceria de serviço e adoração direcionada pelo Espírito
- Entender que Ele fala conosco essencialmente para se revelar a nós – Sua revelação sempre realça o Seu relacionamento conosco
- Observar que Deus mostra, seja qual for o meio que Ele escolher usar
- Interpretar a revelação cuidadosamente, com a ajuda da sabedoria e inspiração do Espírito, de modo que não entendamos erroneamente o significado e propósito da mensagem
- Julgar, provar, ponderar, discernir, separar e provar a revelação biblicamente, certificando-se de que esteja em linha com a Bíblia, com o bom senso, com outras revelações, que seja santificada etc.
- Aplicá-la com sabedoria e manuseá-la gentilmente, assegurando que se aprenda com Deus como Ele quer que ela seja aplicada, a quem Ele quer que a entreguemos, quando ela deve ser transmitida, quem deve anunciá-la etc.
- Confirmar a nossa motivação em profetizar, garantindo que não estejamos buscando atrair a atenção para nós mesmos, e que desejemos edificar a Igreja e não condenar aqueles que nos irritam.
- Interceder conforme a revelação
- Entregar a palavra com graça e gentileza
- Receber com entusiasmo e obedecer cada revelação provada a nós mesmos.

Primeiros passos no ouvir e viver proféticos

Aprendemos que – desde o Pentecostes – todo cristão cheio do Espírito pode profetizar, e que o homem ou mulher com um ministério profético é simplesmente o que profetiza com mais frequência.

Precisamos urgentemente de uma Igreja verdadeiramente profética, e precisamos de homens e mulheres com o ministério de profecia em cada igreja local. Deus usará qualquer um que esteja disposto a buscar a Sua face, buscar os Seus dons e ser ousado o suficiente para tentar.

Alguns crentes se tornam inseguros do que fazer quando começam a ouvir Deus seriamente pela primeira vez: As sugestões práticas a seguir podem ajudar os crentes a dar os primeiros passos na tentativa de uma vida de ouvir profético.

- Prepare o seu coração para ouvir Deus
- Lembre-se de que o maior desejo de Deus é revelar a Si mesmo, Sua vontade e Sua Palavra a todos os Seus filhos – Ele está falando e Ele quer que você conheça a Sua voz
- Resista ao inimigo para impedi-lo de colocar vozes e pensamentos que distraem a sua mente – analisamos este aspecto no volume *Ministério no Espírito*
- Bloqueie todos os outros pensamentos
- Leia uma passagem das Escrituras para ajudá-lo a focar Deus
- Ore brevemente em línguas – isso fortalece o seu espírito e o prepara para receber revelação
- Esteja aberto e receptivo a Deus e ouça os Seus pensamentos, o Seu mover e sugestões
- Observe tudo que vier ao seu espírito.
- Verifique e prove esses pensamentos
- Peça clareza e confirmação a Deus.
- Seja paciente, dê tempo
- Certifique-se da interpretação correta da revelação profética
- Compartilhe a revelação com uma pessoa mais experiente e peça que a prove

- Esteja disposto a receber correção e confirmação
- Aja conforme a revelação – sob o direcionamento claro do Espírito.

Aqui estou. Envia-me.

Passagens como Marcos 4:14-20; Hebreus 4:2 e Tiago 1:22 enfatizam a verdade de que ouvir Deus não é suficiente: Devemos também agir conforme a palavra que ouvimos. De forma resumida, enganamo-nos quando ouvimos sem agir.

O apóstolo Paulo deu a Timóteo alguns conselhos importantes nessa área, os quais são relevantes a nós:

- Use a palavra que Deus tem dado a você e batalhe com ela – 1Timóteo 1:18
- Não negligencie o dom que Deus lhe concedeu – 1 Timóteo 4:14
- Estimule a mensagem profética em você: Mantenha-a viva – 2Timóteo 1:1–7

Como Timóteo, devemos nos agarrar às palavras que ouvimos, trabalhar o que Deus nos está dizendo, e depois praticá-las com sabedoria – em total dependência do Espírito Santo e em linha com a disciplina cristã, com oração, por exemplo, com as Escrituras e com a comunhão cristã.

Isaías 6:5 descreve a resposta humilde de Isaías à mensagem profética de Deus. Como ele, nós não nos voluntariamos para ser um dos servos proféticos de Deus por orgulho ou ambição; em vez disso, nós viemos sabendo a realidade de nossas vidas falhas – e sabendo que nossas faltas e inadequabilidades não nos desqualificam. De fato, visto que nossas fraquezas nos fazem depender do Espírito Santo, elas são bens positivos.

Isaías 6:6–8 relata como Deus limpou Isaías e então lhe fez a pergunta que ainda faz a nós: ‘A quem enviarei? E quem irá por nós?’ Que a resposta de Isaías possa ser a nossa.

À medida que nos aproximamos de Deus, cientes de nossos pecados e falhas, podemos estar certos de que Ele deseja nos limpar e equipar – e que Ele tem uma incumbência única que somente nós podemos cumprir. Quando aprendermos a

ouvi-Lo pessoalmente – e a responder com obediência ao evangelho – seremos atraídos mais profundamente para Sua vida e O veremos trabalhar de modo mais criativo e poderoso na vida dos feridos que estão ao nosso redor.